

Perdido

I

Anos depois, ainda me sentia *Alien* na minha cidade, talvez por não ter encontrado ainda o amor ou o ter encontrado sob outras diversas formas, da comunicação, da impessoalidade no metro. Dizem que os antropólogos estranham o que é familiar e familiarizam o que lhes é estranho. E entranham uma coisa e outra, como toda a gente. Eu já não o era, sabia, ainda que usasse esse artifício mental para me proteger como escudo nas relações. Esta designação de *Alien*, alienígena, algo que é estranho, talvez alienado, viria em grande parte da minha procura do amor. Não me valiam pretextos intelectuais, diplomas, mais ou menos acertados, nem significação relativa a proveniência alguma do norte, ainda que tal reforçando a minha identidade volátil, servisse de ponto de apoio nas relações, mais ou menos ocasionais, mais ou menos profundas. Seguia mais ou menos o percurso do protagonista de *Silêncio* e do mais recente *Paterson*. O meu desejo sexual sempre fora forte e ativo e mantinha-se, de certo modo, mas também de certo modo não era bem-sucedido, talvez devido ao facto de não a minha identidade origem por aqui, embora sempre quisesse ter estado *aqui*. Devia-se também ao facto de não possuir um linguajar igual às gentes daqui, o que me punha numa posição social relativamente confortável, embora sem carinho. Entre diversas coisas, aprendi que há gente com interesse e gente com desinteresse e aprendi a dar menos valor a estas, que por tudo e por nada, nomeadamente muitas mulheres, usam os homens como iscos para as suas personalidades desequilibradas e para lhes criarem os filhos de casamentos falhados. Muitos caem no engodo só por causa do sexo e eu percebi isso a tempo, percebi que o sexo nada tinha a ver com isso.

Era Domingo. A minha família tinha vindo a Lisboa, passear um pouco e sentir o novo apartamento que havíamos comprado no centro. No primeiro dia havíamos-nos sentido bem, uns com os outros, discutimos sobre quem iria dormir onde. No entretanto, no dia seguinte, afastei-me com as bocas constantes e incisivas da minha irmã. Depois de tudo o que passei, depois de tudo o que conseguira, parecia não ser suficiente e eu estava de certo modo condenado mais uma vez a procurar emprego, para além das minhas forças, físicas e psíquicas. Eles foram e eu sentia-me de novo vazio, que havia de fazer, dar uma pequena volta até ao Oriente, regressar, ver futebol na televisão. Queria ainda fazer qualquer coisa de útil com a minha vida, com o meu tempo, como sempre fizera, mas não tinha compinchas, ninguém a quem falar. Seria isto um sintoma dos tempos? Não seria a minha solidão qualquer coisa de feliz estando acompanhado de mim mesmo, enquanto outros estavam fisicamente acompanhados mas na realidade estavam sós? Difícil de provar, esta teoria. As mulheres, por outro lado, mostravam-se cada vez mais interesseiras ou até cruéis para com os homens, ao mesmo tempo que tinham sexo fácil e frequente e parecia que isso as tornava onipotentes aos olhos dos homens, enquanto na realidade a maior parte delas queria apenas um branco do lado delas, nada de homens sensíveis e inteligentes, nada de ter trabalho com as relações, era como ir a um supermercado, ao mesmo tempo sentia-se facilmente fúteis e felizes com vaidades como festas, televisão, internet nas suas diversas variantes. Muitas delas haviam tido a sua oportunidade para trabalhar, casar e ter filhos e agora queriam como que resgatar-se de tudo isso, distanciar-se de tudo isso, ser de algum modo o que nunca foram, lá está, diz a mesma, serem solteiras ou solteironas. Na verdade, tratava-se, mais do que uma crise de identidade, de uma crise ontológica: queriam ser o que não era, ou seja, ter e ao mesmo tempo não ter, preenchendo com a devida atenção um certo movimento de vai-vem no seu espírito, um pouco análogo ao ato

sexual. Poucas se encarregavam dos filhos, ainda que o tivessem forçosamente de fazer dada a irresponsabilidade dos seus amores masculinos, na verdade estávamos num país onde os namorados fazer amor para meterem inveja aos outros, uns aos outros, onde a felicidade é instantânea mas dura pouco, dadas as condições de falta de qualidade de vida, onde a sacanice impera nos media e nas relações quotidianas, não se sabe bem em nome de quê, talvez de um egoísmo que as (e os) faz progredir na escala social e de certo modo perpetua um certo primitivismo na vida social. Pouca gente reflete e o que o faz é admirado, de certo modo, mas também jogado de lado, troçado e deixado no canto exíguo do seu espaço reflexivo. Por isso, a maior parte dos intelectuais deste país são pavões, porque julgam fazer ou pensar (chegar) onde mais ninguém chega. Não estão verdadeiramente ao serviço do povo nem chegam a provar coisa alguma. Por meu lado, eu dramatizava o facto de não ter trabalhado depois dos 35 mesmo considerando o facto de ter estado doente grande parte do tempo e os outros cobravam-me isso, sobretudo elas, como se isso fosse uma fraqueza diante delas, como se de algum modo o homem tivesse de se mostrar corajoso ante a fêmea, como se elas me pusessem constantemente em cheque dada a minha superioridade intelectual, tornando-a como que uma doença, como se umas e outras gostassem de humilhar homens. Mas, penso eu, não fora isso que os homens haviam feito durante séculos a elas mesmas? Isso estava no seu ADN, essa revolta humilhada, essa vontade primária de humilhar o macho que, por outro lado, tinha sempre de estar numa posição funcional, combativa em relação aos seus interesses, ou seja, fosse como que um boneco nas suas mãos, faltando o sonho do trabalho e de uma família de filhos, faltando entendimento sobre objetivos comuns apenas restava o jogo sexual, no que ele tem de mais perverso e cruel. Por outro lado, há mulheres que não gostam que lhes fale nos seus atributos físicos. Outras gostam. Eu gosto dos seus atributos físicos. Por isso falo

neles. Estava, de certo modo, suspenso, atônito porque não merecia aquela situação, no entanto fazia todos os esforços para permanecer forte. O que estava eu afinal defendendo? E se defendesse alguma coisa, depois de colocar tudo em causa, alguma coisa me suportaria? O meu corpo estava só, isolado do mundo, numa compartimento mais ou menos estanque, enquanto o meu espírito pairava por aquela casa nova, sem mais nem menos, imaginando o mundo de lá fora, como na Caverna...

Finalmente, compreendi a coisa. Nestes tempos, poucos casais se entendem verdadeiramente. Têm apenas um compromisso tácito, que lhe permite não ter solidão e ter sexo garantido. Isto é tão válido para o homem como para a mulher. Mas, nesse momento, fez-se luz no meu espírito e eu pensei qualquer coisa à Trump: elas gostam de ter um tipo bruto, básico, que possam domar, manipular, domesticar. Não lhes interessa nenhum intelectual, a não ser que seja amigo, para conversar e, no fundo ser um merdas de um psicólogo para elas. Elas acham, sinceramente, pelo menos as portuguesas, que o intelectual não é bom na cama e sentem horror a serem analisadas, a conversar sobre temas profundos, filosóficos, de certa maneira. Digo isto sem nenhum juízo de valor; é assim que as coisas são. O tipo muito interessante acaba por ser rejeitado à mínima oportunidade, porque elas querem, fundamentalmente, sorver a matéria do seu cérebro e não ir para a cama com ele. Mais, a maior parte deles quer isso também, porque em todos os casais há sempre um que domina o outro e o amor, romântico ou outro, a haver, dura pouco, ou seja, a propalada igualdade é uma miragem, quando não uma mera invenção, pondo-se a questão do dote que a mulher não abandonou de todo, o homem tem, de certa maneira, sempre, de ter alguma coisa para oferecer em troca de favores sexuais. A sociedade capitalista não conseguiu elidir este antigo costume, de maneira

alguma, antes parece que o acentuou. Assim, o homem depara-se ante o Nada. Que faz, então? Cria uma fantasia, vive no interior de um sonho, alimentando-o todos os dias um pouco, alimentando-se dele todos os dias um pouco, como se de matéria comestível se se tratasse, algo que lhe permite continuar a viver. Ante o Nada, volta para trás? Para as suas memórias e recordações que, ao mesmo tempo que o aprisionam, limitando-o, lhe dão vida, lhe permitem viver. Assim, ele foge aos fantasmas do Nada, o Nada fazer, o Nada ser e constrói qualquer coisa como um castelo onde outros poderão pernoitar, partilhando sonhos e recordações.

2.

Eu podia tomar a cidade como um todo? Acho que toda a gente faz isso, de uma maneira ou de outra. Quando me apaixonasse talvez essa visão ficasse repartida, multipartida em diversos aspetos, pessoas. Saí de casa, por algumas horas, andei errante pela cidade, não conhecendo nada nem ninguém, finalmente consegui desprender-me um pouco, mas ao não encontrar ninguém, logo regresssei a casa, percorrendo-a de um lado para o outro, como que a comendo com a alma, de modo a sentir-me bem em casa. A minha coragem custara-me bastante: não conhecia ninguém na cidade, não tinha amigos, ao fim de mais de 25 anos...

Mas pronto, deixei de me lamentar, procurava viver a vida na ameaçada normalidade dos dias, o meu espírito abria-se mais e mais e mesmo o uso de linguagem porca com uma ou outra mulher, ao contrário de me acabrunhar e ensimesmar, fazia-me sentir bem. Portugal era, neste aspeto, um país liberal. E capitalista, e ainda bem, direito de livre expressão adquiridos e tudo o mais. Eu via que a minha sexualidade e o seu desenvolvimento não colidiam com a afetuosidade, nomeadamente pelos meus sobrinhos e em particular a pequenita, eu dava e dava, cada vez, mais de mim e na ausência de trabalho, pois respondera a meia dúzia de ofertas de emprego, nada tendo surgindo, procurava pensar como um escritor, embora não tendo personagens e uma boa ideia de romance, procurava ler ainda um pouco de filosofia, é certo que me sentia cansado mentalmente, sobretudo pelo efeito de um medicamento em particular, mas continuava atento ao mundo, via televisão para me pôr a par. Em Riachos, era um pouco indelicado com a minha mãe e ofensivo até, também com o meu pai, mas horas depois arrependia-me e pedia desculpa. Continuava a acalantar a *chance* de discutir a minha tese, as minhas teses, trazia um ou outro livro que ficara em

Riachos, onde também tinha um espaço criativo, mas cedo regressava para a grande cidade, quer em busca de uma oportunidade para satisfazer as minhas ambições, quer em busca senão do amor, pelo menos da atração mútua. Mesmo com a minha história, que narro de uma maneira ou de outra nos meus livros, mesmo tendo tido vários internamentos psiquiátricos e lidando com problemas de solidão, mesmo estando cansado e debatendo-me com muitos problemas, a maior parte dos quais não eram em certo sentido meus, sentindo problemas de encaixe senti-mental, permanecendo brilhantemente à margem, decidi continuar a minha jornada, avançar, neste caso procurar trabalho.

A dor sentimental de Paulo levava-o a não desejar a vida que tinha dentro de si, fora estudar Filosofia para Edimburgo e regressara ao país sob pretexto que não podia negar a sua essência, a sua identidade pessoal, como se essas fossem o mesmo que a identidade cultural. Neste sentido, eu, que nunca havia sido bafejado pela sorte, quer na vida profissional quer na vida amorosa, evitava ser injusto para com as pessoas com quem vivia, de uma maneira ou de outra, no mesmo espaço, na mesma cidade. Nunca desejara tanto tocar uma mulher como naquela noite em que chovia lá no norte, no entanto nada acontecia e eu tinha de fazer alguma coisa, tinha de me mexer, não podia ficar calado, além do mais vivia naquela cidade há mais tempo do que muitos dos seus habitantes, que nem me conhecia, achava que era um velho corcunda uns, outros que era bonito e elegante, mas nestes espaços públicos pouco se propicia o conhecimento das pessoas umas com as outras, a não ser para beber e dizer disparates e eu não estava com isso, queria levar a minha vida com normalidade e chegar a velho, com tudo de bom que isso tem. Podia perfeitamente processar a FCSH, o ISCTE, a Clássica ou mesmo a católica, por discriminação, mas ponderava fazê-lo, pois sabia que não o fazendo tal acto me dava autoridade ante os outros e oportunidade de perder o medo de sair de casa e conviver com as

peças. Assim como não queria nada com a ilegalidade, nada queria com a lei. Esqueceram-se, porém, que eu ainda tenho telefone fixo, posso entrar e sair dessas faculdades quando bem entender, posso circular Nesta cidade com o à-vontade que bem entender, entre vândalos e heróis, sendo eu mesmo em todo o sentido, exercendo, se quiserem, a cidadania que eu bem entender. Eu tinha a impressão de que tinha pensamentos bastante esquisitos, o que de certa forma era bastante desculpável, mas por outro lado faziam-me sentir mal, apesar de serem de certo modo verdade, de poderem ser considerados verdade em termos psicológicos e sociais. Estava há mais de dois anos fora da minha zona de conforto e o facto de saber relativizar certos pensamentos ajudava-me a sentir-me centrado, focado, motivado para continuar. Mesmo em relação às miúdas, havia uma certa ideia de bairro em Lisboa que não me favorecia, não tinha assim tantas experiências sexuais como desejava, talvez por viver numa certa nuvem de especial superior e sofrível condição intelectual que me trazia sempre limitado em termos económicos. Seria pelo tamanho do meu pénis? Ele não era pequeno, mas mesmo assim parecia corre o rumor que era. Nunca fora muito festeiro, não era agora que o passaria a ser, porque nem sequer bebia álcool ou tomava drogas...Assim, estando sozinho tinha de me defender contra todos os meus maus pensamentos. E seriam bem assim meus nesta cidade tão grande? O meu objetivo seria a longevidade, talvez a todos o preço, mas isso faziam-me esquecer viver uma boa vida ou uma vida boa. Entre uma coisa e outra, mesmo no plano filosófico, não sabia que escolher. Enquanto muitos se refugiavam numa retórica académica ou até jornalística, intimidando com o seu poder bacoco, eu estava cambaleando entre dois registos, o intelectual e o brejeiro, isso satisfazia-me e apesar de ter estado vários anos talvez dependente das mesmas imagens, conseguia recuperar a lucidez e ter em mente a consciência de certas coisa, incluindo o meu fim. De facto, talvez não fosse nem dependência nem vício, nem

sequer taradice, mas uma forma de satisfazer-me face ao meu desejo muito intempestivo e não concretizado. Era normal, ao fim de contas, eu sabia disso, embora várias pessoas pensassem que não e sobretudo as miúdas, que se assustavam com o monstro que tinha entre as pernas, por assim dizer. Assim, enquanto uns tinham na brejeirice o seu refúgio e disso se aproveitavam em seus instintos, outros tinham na intelectualidade o seu registo maior, servindo-se também disso. Eu estava algures no meio, sem ser absolutamente uma coisa e outra. Eu estava bloqueado e pasmado, não acreditava que uma coisa daquelas me podia acontecer. Estava ali, há semanas, num novo local da cidade e não acontecia nada, não conhecia ninguém, como que estivesse amaldiçoado, parecia que ninguém se interessava por mim, não sei se seria a falta de trabalho, se outra coisa ou assunto qualquer, eu que de certo modo estava em baixo, inclinava-me para pensamentos derrotistas, insistentes e lancinantes como espadas no meu coração. Nada acontecia, estava muito tempo em casa, como naquele dia de Domingo à tarde, sufocado pelos meus pensamentos, tentando preparar-me para ir pela Linha de Sintra. Muitos diriam, vai e pronto, outros diria é bem fácil, basta querer, mas comigo não era assim, eu tinha de me preparar, tinha de estar sempre pensando as coisas, como se só avançasse para um objetivo certo, garantido. Decerto que era a minha doença a grassar, mas se estava só e os meus amigos nada me diziam, ainda bem que o estava, pois não tinha de os ouvir e às suas críticas e gozações constantes, como desde sempre em pequeno lá na terra. Aqui também não me davam importância e eu seguia, tentando viver a minha vida. Finalmente fui até Benfica, de certo modo sentia uma injustiça, percebi que seguiam os meus passos os negros, para ver o que eu fazia, onde iria, tentava agarrar-me a um ou outro conceito de teor mais concreto de modo a sentir-me psicologicamente seguro, mas estava farto, farto de uma realidade que conhecia e não muito podia fazer para me promover, pelo menos profissionalmente, arranjar algo

que me permitisse ganhar a vida, no Oriente já não me ligavam, como se fizesse parte da mobília, por mais que eu metesse conversa ou me inclinasse face a alguém, parecia não chegar, não surtir efeito, não valer a pena. Ainda assim, passava por egoísta, diletante, racista ou preguiçoso. Aquilo em que eu me estava tornando parecia estar deslocado deste lugar, no entanto eu, apesar de só, gostava cada vez mais de viver em Lisboa porque, embora me tivessem impedido de fazer muita coisa, na realidade nunca me tinham feito mal. Aqui sofrera e tivera uma ou duas namoradas, percebia que para outros, estrangeiros ou refugiados, era bem mais difícil e que, ainda assim, a coisa estava bem, ou seja, eu continuava a ter motivos para escrever, estando ocupado com isso, apesar de haver outros autores, apesar também de sentir que elas, apesar de não se aproximarem de mim, talvez por isso, não estavam à minha altura, o que constituía em grande parte uma dificuldade para ambos e me fazia, em certo sentido, relacionar com alguém mais simples, onde podia articular o meu arsenal de graçolas e piadolas de todo o género. Assim, eu sabia que, cada vez mais, tinha de ser eu próprio, ou seja, falar com quem bem me apetece, conhecer pessoas, essencialmente jovens, abarcar todo um conjunto de sentido numa cidade que estava a mudar, num misto de Europeia-Central e Americana. Eu era, agora, se me quisesse ater à profissão que havia escolhido, um observador observado, mais, talvez, exposto num museu a céu aberto, que constituía a zona de Oriente e Lisboa em geral, não queria ser megalómano ao pensar nisso, mas o meu espírito ardente viajava por essas ruas de noite enquanto o meu corpo as percorria de dia, tentando compreender mais e mais, passando pouco despercebido. Sabia que a ideia geral sobre a minha aceitação era pouco consistente, na verdade raramente alguém me convidara para o que quer que fosse, a não ser nos tempos de fulgor académico e então eu concentrava-me e refugiava-me numa certa ideia de cidadania que se implantara depois da adesão à Comunidade Europeia e que de certo modo

se ampliava com a presença dos turistas, ainda que nenhum deles se importasse realmente comigo. Esta ideia de abandono, de injustiça, fazia com que as minhas pretensões ganhassem efeito, é essa afinal a lógica da personalidade mais ou menos ambiciosa e eu, ainda que tivesse feito alguma coisa, mais queria fazer. A inspiração fugia de mim, como se um manto outrora branco agora transformado em negro se afastasse das minhas costas. Estava cavando fundo em qualquer coisa que não sei se veria do outro lado, como quem sente uma forma em Timor, ali próximo da Nova Zelândia, mesmo estando aqui. Ninguém me ligara todo o dia, estaria decerto esquecido pelos amigos da aldeia, sob pretexto de me estar superiorizando a alguém, não, era uma questão de escolha, de feitio, de situação e normalidade e se quisessem imposição do espírito, a minha vida era não mais que banal, sendo até pouco interessante, continuava este livro, o enésimo, sentia que com algum brilho ainda, sendo que não tinha contrato algum com uma grande editora da capital, enquanto outros, sob pretextos vários entre os quais a vontade de abarcar o mundo, não dizendo a sua opinião nem nada deles próprios, continuavam em suas veredas literárias. Pressentia que, a haver, não seria o reconhecimento literário que me iria fazer escrever mais e melhor. O facto de não ter sucesso entre as mulheres, por motivos vários, aumentava a frequência daquilo que escrevia e os motivos para o fazer. Neste fundo de consciência negra e cinzenta, sabia que não estava louco, talvez sofresse de uma patologia grave, mas o facto de estar numa situação social algo desfavorável, desenraizada, aumentava o meu sentimento de superioridade face a alguns que tinha o que eu não tinha, corpos e dinheiro, poder, um poder que eu de certo modo desdenhava e repudiava, talvez por pressentir que a religião ainda estava ativa neste país, neste território. Mais do que nunca, eu desejava o amplexo, mas a força desse desejo aumentava a dificuldade em o conseguir, sabia que a vida e a circunstância de se estar vivo dependia afinal no modo como

fazemos aflorar à superfície da consciência certos pensamentos, ou seja, tudo se tratava de uma relação entre consciente e inconsciente na relação com os outros. Depois, pensei no seguinte: ainda que me esforçasse, fosse quem fosse, não conseguia ganhar naquilo que fazia, podia justificar com toda uma cultura do medo e da submissão que parecia estar a mudar, mas o facto de eu não ter sucesso tinha uma razão mais ou menos evidente. Claro que se tivesse ficado pela religião estaria noutra situação, mas decidi romper. O mesmo em relação à universidade. Não queria alimentar um heroísmo que só sacrificava a minha sanidade mental. Que queria eu então? Porque, na maior parte dos meus livros, ter-me como protagonista? Por egocentrismo? Por panaceia de um Ego em deriva? Para recuperar a sanidade? O meu comportamento era exemplar, apesar disso continuava sem emprego. Decerto que não queria sexo selvagem, era tímido demais para isso, ou talvez tivesse medo de o desejar e não queria romper. Ainda assim, fora da órbita da academia, eu era um homem que se interrogava. Sabia que não era um Don Juan, mas sabia também essencialmente que elas procuram referências, são poucas as que vão pelo aspeto e pela canção. Era a minha reputação que as confundia e afastava, o facto, por um lado, de ser antropólogo e, pelo outro ter esta atração quase cega pelo sexo somando-se o passado religioso. Isso elas não queriam, melhor, não percebiam, porque mesmo na minha cegueira, eu era único, pois conseguia percorrer diversos registos num ápice, sabia de cultura erudita e de cultura pop, sabia muita coisa e tinha de me preparar para outras batalhas, contra outros inimigos que não eu, depois, permanecendo bastante tempo no mesmo espaço, no mesmo tempo, tinha estado em instituições e elas odeia instituições e maluquices científicas instaladas, elas querem na sal grande parte impacto para a sua pequenez, marginalidade, no fundo querem o que eu quero, uma grande bomba que acabe com tudo isto, querem ser únicas e vulgares ao mesmo tempo, querem a banalidade que eu tenho e não consigo transmitir,

por ser especial. E, no fundo, querem o que os homens querem, relacionamento. Outras querem paz, de tão cansadas estão de ter usadas. Ainda assim, não deveria desejar ser querido, como diz o ditado. Nem sabia o que queria, de tão tenso que estava por vezes, nesses dias em que mudei de casa. Não, não queria uma noiva por decreto, nem tão pouco em emprego para ter mulher ao fim do dia. Queria o dia-a-dia, um compromisso vago que tem a ver com a insegurança e vaguez do próprio sentimento-amor. E o tempo avançava, não valia muito lutar, ainda que o fizesse, não valia muito querer, ainda que ainda o quisesse, nem valia muito a pena fazer barulho e destruir alguns inimigos, ainda que o fizesse. Tanta coisa, tanta escrita, na sua maior parte dedicada às mulheres, ao amor, ao ato sexual, ao romance, quanto tantos e afinal tão poucos nem dão valor a isso, nem dão sentido a isso, vivendo-o, de uma forma ou de outra. E que era mais importante, viver ou deixar de viver, abandonado aos instintos? A vida não é isso, ao fim e ao cabo, instinto? E que sentido suporta a vida? Deus? As instituições? Uma carreira? Reconhecimento, a política, o futebol? Sim, eu estava a pouco e pouco acabando com as razões de viver e talvez estivesse sim chegando a algo de muito melhor, de muito maior, maior que o ato, maior que todas elas, maior que a vida que ainda me animava o espírito.

Encontrava-me naquele estado de espírito, bloqueado, as artérias ameaçavam retumbantemente estalar pela testa abaixo, como acontecera a alguns, segundo ouvi dizer, e aconteceria a outros segundo alguns previam e registavam. O mundo, que sabia eu do mundo, eu que nem o meu, num certo sentido de pertença, conhecia verdadeiramente, depois de ter estado em transe variados dias. Procurava agora estar em transa, mas aparentemente sem sucesso e pela primeira ou enésima vez não me importava com isso, até porque já nem tusa sentia. Dizia adeus aos meus dias de conquista, hipocritamente, como um desgraçado cão que encadeia chamas e chispas de um lado ignoto para um outro desconhecido. Sim, parecia o cão do livro de Kafka, nem mais dizer, pelo que sentia também um sentido de equilíbrio ancorado na imagem da filosofia de que me aproveitava, o célebre canudo, que não me valia de muita coisa pois a veia estralejava dentro da cabeça com mais intensidade, sobretudo quando não pensava positivo. Almejava chegar ao romance perfeito antes do romance premiado pelo público, pelo tempo, de uma forma semelhante a Castilho ou a um qualquer filme independente, mas seguia com pouco sucesso, ainda que a forma física curasse ou levantasse ao nível da consciência o ressentimento contra outros e a frustração de não ter sido impertinente em certos momentos. No equilíbrio presente via o sentido do desequilíbrio anterior e descobria bastante prazer na interlocução e porventura no reavivamento de algum espírito religioso, ajudando os outros (sendo que há muitos anos não entrava numa Igreja). Imaginava superar Le-Clézio e outros, entre os quais alguns portugueses, tanta era a minha soberba de viver extasiado com a ideia de Mundo, anterior à minha necessidade de copular. Mas uma e outra coisa não são o mesmo. A minha obsessão pelo

sexo não correspondia a um desejo realmente “real”, físico, ergonómica e anatomicamente re-formulado no tempo e na circunstância de estar ante diversas opulências que estancava nos filmes italianos dos anos 80? Também a música dos anos 80 era assim, saturada de sentido, imperial, ao ponto de ser, no sentido de Bataille, desnecessária? Entre um pólo e outro da equação eu sentia sobretudo que não havia vivido uma certa adolescência necessária, a das borbulhas e inexatidões do espírito, do erro, do porvir, enquanto era esse facto que me projetara no tempo, sem que isso fosse necessariamente “cool”. O meu discurso era, assim, redundante e super-referenciado às damas, quando eu afinal sabia razoavelmente xadrez...pelo que resolvi, prontamente, deixar de investir no touro, seja, no corpo, passando a dar mais valor à eminência de nada acontecer. Entre o Nada e a Totalidade, nada de realmente acontecia. Sim, nada acontecia, entre a progressiva emanção de uma personagem e o seu obscurecimento na noite do seu próprio tempo. Falando, em termos psicanalítico, eu, ainda eu, estava diante de um mundo de risco e contraste, a que me procurava adaptar justificando-me com a minha coragem, carolice, idiotice e brejeirice.

A minha biografia nada me interessava, enquanto eu ensaiava descolar de mim mesmo sendo que a minha atitude pedagógico não distinguia entre interesse pessoal e mundial, ou seja, como dizia o meu médico, tinha a mania das perfeições, mas mais, das interrogações, das ruminação, das admirações e das situações. Andaria decerto entretido nisto tudo e afinal o meu livro seria apenas um exercício matemático ou não com letras, buscando influências aqui e ali sem ousar entrar numa nuvem de sentido? Conclusões, após dois minutos, era o que eu mais fazia, ilusões de cores e odores num travo lacrimejado de tabaco americano, talvez a bem de um sonho no conforto de uma propriedade, em sentido engeliano. Aliás, nada mais me interessava, mesmo este tom confessional sempre fora próprio de

mim mesmo e tinha motivos racionais para tal, desculpas de mau pagador: não havia orçamento nem contrato para tal, então mesmo que coisa, que atividade de amparar o tempo, mais acessível e previsível que falar de si mesmo, do visível (Merleau faria o mesmo?), do audível e perscrutável ante a subreticidade de uma sensibilidade a tudo e ao mesmo tempo de todos. Então, não me sentia à vontade de falar facilmente de um ou outro intento mais voraz, ainda que pensando (racionalmente?) sobre uma e outra coisa, quando afinal procurava chegar à superfície através de uma película de natas, entre uma razão política e outra mais ou menos musical. Isto seria o que não conseguia, na minha literatura, fazer, dizer, evocar. O que sabia então fazer, para além do que tinha feito? Estava, assim, desguarnecido, conduzindo um automóvel imaginário, um comercial, assistindo em vendas, não ousando sequer acelerar, indo a passo morto numa estrada de regresso ignorado por mim mesmo, cumprindo qualquer coisa de eliadiano que, tonto, não percebia saber ser. E procurava então definições, regressões mais ou menos autónomas, iluminações e encantamentos que tornassem banal, acessível e genialmente simples quaisquer coisas que não me pertenciam, que me emprestavam. Em certo sentido, a minha obra não precisava de ser publicada, ainda que eu o fizesse, por padecer de um projetado pedagogismo talvez desenquadrado. Assim, eu tinha consciência de que o facto (químico, de papel químico) de identificar lacunas no meu percurso seria de algum modo uma tentativa para sobreviver fisicamente e na realidade não padecer à loucura do génio, que é não sei bem o quê. Egoísta? Incapacitado, seria isso? Altruísta, construtivista? Sabia que, não tendo viajado o suficiente, era previsível o que fazia, o que escrevia, o que pensava, mas ouvia e não me importava, porque todos os outros faziam o mesmo e ainda que eu criticasse em pensamento pouco o fazia em palavra, pelo que tendo absorvido apenas devolvia e seria isso ético? Num tempo de comandos, jogos diversos e tecnologias, eu pretendia defender-

me, ainda que nada disso importasse, nada importava que eu mais fizesse, tendo portanto, conquanto, feito bastantes e razoáveis coisas, sem ter viajado. Estaria condenado ao ciclo-círculo de mim mesmo ou seria apenas uma fase de uma etapa de risco e promoção de um Eu geral em desagregação e conseqüente reconstrução, quando a maior parte dos jovens curtia música? Eu fazia o mesmo, na conjunção do presente com a fenomenologia do cisco na calçada, rasgando horizonte de sentido na relação reiterativa Eu-Outro, usando de alguma forma a ideia de Mundo em vez da de contexto. Reconhecia, por isso, uma certa viabilidade teórica na engenharia e na arquitetura, por exemplo, em vez da prática das ciências humanas, no sentido da pescadinha de rabo na boca, indo e vindo insidiosamente na perplexidade de um sentimento relativo a uma inexistência de universalidade científica na literatura. Sim, não fazia literatura, para quem aprende literatura, nem sequer fazia antropologia ou filosofia, fazendo como a chuva que cai, caindo, olhando para o chão que me suporta, unindo comigo mesmo o baixo e o alto, sacrificando-me a qualquer coisa que não sabia bem o que era, o que seria, onde me conduziria, ainda que ficasse por algum tempo no quadro de uma pretensão teórico-poética, analisando a minha personalidade e os meus passos, servindo e convocando qualquer voz que me ampliava o pretensiosismo e me não deixava de estar obcecado pelo que fizesse, mas estaria?, precisaria a literatura de alguma justificação, de uma direito de resposta ou indagação, de alguma técnica da personalidade, quando uns e outros andava, deslindados uns, concentrados outros, na perpetuidade da finitude e da razão ínfima de um olhar, rasgado, entrecortado, filmado? Sabia, decerto, finalmente, que não estava sozinho, ante as críticas e as bocas, não se pode agradar a todos, sendo que muitos se esquecem de perder, de se perder, enquanto que alguns descolam sob o contexto das instituições e que mal vem daí ao mundo, certo é que bem não vem nenhum, sendo ainda que criticas demais soam a pequenez mental,

para não falar de canibalismo e selva das vozes íntimas dissonantes, pelo que teríamos, meu amigo, de descobrir alvos apropriados que nos contrariassem a ideal do Bem geral e da Paz Perpétua, se quiseses, no sentido que lhes deu Kant, que aprendi no ensino secundário e superior e que vim a encontrar só chorando sob o túmulo do seu tio Patinhas. Descobria, meu amigo, que enquanto uns procuravam dar sentido ao que lhes acontecia, outros desfaziam esse sentido e muitas vezes o sentido de si mesmos, pelo que compreendia profundamente a razão da delinquência e da loucura, atrevo-me até dizer, do homicídio e do suicídio no sentido do entrecruzamento dos espíritos e dos corpos, que se degladiavam constantemente desenhando percursos de não-vida, de não-morte, de sentido (?), num contexto de uma civilização maniqueísta. Então e a arte? Não é uma panaceia, nem tão pouco o que mais, vou eu dizer, será o esforço, mas este procura sempre um suporte em si mesmo ou no outro e lá estamos nós na mesma lengalenda, num sistema (fechado? funcional?) que se abre como pletora, caixa de pandora talvez porque precisa de respirar, sim o sistema precisa de respirar, bem como os críticos, que tanto afinam como desafinam, num circo eládico que se desenha esse sim sobre si mesmo nuns movimentos de perpétuo vício e retorno a uma roda concêntrica sem nunca avançar progressivamente na estrada, seja ela orientada a norte ou a poente. Então, que criticar, o grupo ou o individuo, o sujeito ou aquilo que o sustenta? E a vida não se aprende? Não se apreende? E se não se dá, tira-se? Não percebo, surpreende-me este mundo em que vivo, porque o outro não conheço, diria Saramago, porque neste país muitos são os alunos bem comportados que acabam puristas, seja por estudarem direito seja por outra razão refundida demais para a minha compreensão mais aberta e cosmopolita da coisa.

O tempo acabou. Qualquer coisa de muito importante de pode fazer além do capitalismo, aqui ou ali, nas redondas circunstâncias do reporte da evolução da real protuberância dos sistemas teóricos e sua manipulação na fonte esquerda do resíduo matinal de um qualquer pretexto de comunicação e vociferação de uma sibilina e matinal propensão. Além desse reporta há uma tendência de espelhar o momento no momento e o que há para além disso pode ser vida que se soma à morte, aos assinaláveis deito de dois corpos se multiplicarem em outros ou ficarem ao invés subsumido ao amor relativo às palavras. Por isso, a escultura é a primeira forma de escrita. Nego assim a minha arte, reafirmando-a enquanto explicação essencialmente descritiva do si mesmo invertido e regressado ao Outro, a Outra em que se insiste em conhecer, mesmo na discussão, no cruzamento das opiniões, no afinamento das limas. Monto e desmonto assim o meu sistema e alço a perna para um caminho entre vagões e preconceitos, ensinados no ardor da solidão, defendida pela máscara de um rosto marcado pela adolescência, apostado em vencer o vento e no vento construir sua morada.

Enquanto, o mundo se perde em faço sentido no oferecimento dos corpos a qualquer coisa que nego e invejo, na falta do corpo perfeito, seja ele perfeição ou defeito. Assim, faço conclusões para perceber a violência, explico um saco de linhagem manchado no chão, uma pequena perceção que acaba por levar mais longe no coração de si mesmo, atreito à individualidade de um protesto, explicando uma flor também caída no chão ou exposta no interior de uma igreja. Ainda assim, evitava todo naqueles dias pensar em mim, no meu corpo, na minha circunstância ínfima, na tensão e protensão para agradar aos outros e a mim mesmo, querendo

apenas estar, parecer, um dia após outro, depois de ter ido para cima, procurava, na descrição dos movimentos da minha mente, como se ela fosse um punção de necessidade arbitrária, manter-me no meio de qualquer coisa, prolongar um ponto de equilíbrio até ao fim de qualquer coisa que fizesse ou pensasse, na geometria do pensar, do partilhar, do ouvir e da instância do governo da casa de mim mesmo. Muitas derrotas ocorreriam ainda, poucos os elogios, mas eu não me importava com as chicotadas ainda que não visse sangue. Procurava, ainda assim, personagens, mas perdera muitos deles, resoluto, resoluto, enigmado, procurava estar calado após ter vociferado e sabia que em certo sentido o rumor do mundo em toda a sua violência psíquica era menos forte do que eu, do que a minha consciência oscilante e deambuladora por entre pêssegos e ameixas, por entre, através e com o vento, além da projeção de mim mesmo no sorriso riso de uma menina bonita, no estatismo frágil de uma criança. Obedeceria à minha mente? Voltaria a ser eu mesmo? E não seria eu mesmo mudando, ainda que pela idade do tempo custasse bastante, depois de afirmar num certo contexto qualquer coisa que nada tem a ver com ele? Quando encaixariam as peças do meu puzzle existencial? Afinal, correndo por fora, nem sequer podia abusar, pelo que o meu esforço a si mesmo se recompensava. Este relato a que estava entregue, esta ruminação da consciência, parecia não ter fim e afloravam a ela ideias e mais ideias, imagens sobre imagens, sobrepostas umas às outras, concatenadas, encadeadas, pisadas como flores de outono de um plátano num passeio dos Heróis do Mar. Os meus pés percorriam caminhos mais ou menos conhecidos e ora vociferava com toda a ordem ora me silenciava baixando a cabeça, como se estivesse entregue e vingado a um empreendimento algo semelhante a Bruno, mas sem nenhum sinal de sagrado, projetado pelo génio do paganismo, envolta minha turbulenta mente a pensamentos nada mais do que cinéfilos. Os mendigos lavavam-se, os desportistas iam e iam em grupo, pouca gente caminhava,

todos iam à pressa naquele verão musical, lleno de sons de encontro e fantasmáticos espíritos errantes que se encontravam num nível superior a si mesmos como se encontrassem realmente um qualquer deus a que eu não conseguia chegar. O meu trabalho não chegava, respondia a um oferta de emprego para professor de filosofia, reconciliava-me interiormente com a antropologia, que nunca conseguira deixar ou deixara si, perdido nos corpos informáticos uivados de sons contradizentes, numa luta exorcística entre qualquer coisa de místico e plenamente chão. Assim era a geometria de quem se procura libertar, sobretudo das responsabilidades e procurava de um modo ou outro alguma companhia que perpassasse ao silêncio do existir individual. Inventava assim novos sentidos, como muitos, dos eu sentido sexual, da sua libertação ressacada, como se o amor não fosse senão castigo e necessidade, mas ímpeto e gratificação.

Então, de enxurrada, pensava no meu velhote, andando de um lado para o outro, procurando deixar resolvidas as coisas e descansar de uma vida desgastante, ao lado da velhota, entregue às plantas, como se a aldeia fossem, ao ponto de saturação, um museu ao ar livre e seus habitantes actores de um filme de quem não sei bem. Pressentia afinal que não era assim tão má a minha geografia da mente e a minha mente da geografia, que tudo pode ser pensado e em certo sentido o cérebro é um órgão de transformação da sociedade e em certa medida o seu espelho, espelho. Os bons pensamentos têm de ser pagos pelos maus pensamentos e em certa medida estes são o estrume que faz nascer aqueles. Tudo se resume, em certo sentido, à geografia, à geologia, ao engano na decidiva, não há relações honestas, nem o ato sexual é honesto, a luz é aparência, a essência expõe-se numa arte de circunstância e igualamento do Outro. O que é que há então de certo nesta vida? A família, a performance, o crime, a violência? Não será mais violento quem nunca usou da violência e se aguenta, aguenta, sem fazer mal algum? A polícia...o escritor não procura, como outros, identificar as molas e mecanismos que aguentam e subjazem à sociedade, ele de algum modo grava e passa por tudo como *dandy*, um estrangeiro, um *alien*, como se não fizesse parte, sendo que faz ao mesmo tempo, porque dá testemunho, neste tribunal circense que é a rua, ele calma e não pode dizer tudo, é como o caçador, espera pelo momento certo, no entanto não caça, dá o prato ao outro, sacia-se porque a perda é para ele ganho, não é soberbo nem guiado pelos instintos, sexuais ou outros, ele oscila em fazer justiça e deixar que a justiça de faça por outros meios, pelo povo e ainda assim, depois de dar ficção, ainda estuda o seu método.

Depois percebes que tens de lutar, apesar de não teres nascido para isso. Percebes que a vida se resume em certo sentido, a uma luta de galos, a uma questão de território, sendo que aqueles que a abandonaram e estão nas praias, num espaço zen, numa outra galáxia mental, não desistiram, às tantas estão a digerir qualquer coisa. Fácil é explicar tudo, o mundo, o Eu (ou Ego), os Outros, dar-se bem com todos, porque talvez queria lucrar com isso, fama, uma boa herança, uma obra monumental e estética, prazer momentaneamente estético, interesses académicos. Apercebes-te que por vezes também entras no território dos outros, mas afinal a questão, como para os caninos, hoje em dia já não é territorial, o mundo é como que um museu com veios, com veias, ficas a mastigar e acreditas que vale a pena, vale a pena viver e em certo sentido o que dás é fonte de transformação, pelo que fica depois de tu ires para outro lugar, daqui em diante, daqui para a frente. E, cansado, voltas a fazer o mesmo voltas à rotina, porque é isso que te mantém e percebes ainda que a completude das coisas não é plenamente performativa, talvez esteja da transição das coisas, dos sentimentos e das emoções, ou seja, aquilo que as mulheres mais interessantes querem talvez seja aquilo que vais guardando para ti, gerindo a situação da relação, porque para a mulher o patente é fonte de poder, como o é para ti, sem destino, sem pena nem agravo, ou seja, o que está patente num momento, pode estar escondido e reservado noutra, por isso o mundo te oferece tanto e muita literatura tão pouco, porque afinal apenas *en passant* te dá uma ideia de um mundo desacreditado e de um autor desalentado que ainda assim luta dentro da sua gabardine quando chuveira

E vês os atletas, vês e corres um pouquinho mais, fazes sentido entre a negação de ti mesmo e a altercação queirosiana entre bem e mal, positivo e negativo, sabendo tu que a merda é o maio estrume ainda que toda a gente a evite e a esconde ecologicamente em locais diversos de sentido e magnamidade, sendo que o espírito tende para cima quando olhas para o sol, mas sabes que o sol queima, não podes portanto olhar demasiado para cima, ainda que queiras estar lá, ser como o sol, o Rei Sol, para ser visto. Contudo, escondes-te no quotidiano entre lençóis de estertor mediático e matérias-primas, pensas no impacto do teu sexo enorme ante uma preta, pensas na razão escolástica de estar aqui com o corpo e estar mais adiante com o espírito, num momento desejado, no amplexo, e sabes o que procuras, que é o que toda a gente procura, e o que será isso, não se sabe bem, pois o espírito é inquisitivo e exigente, por vezes salta por cima de tudo e todos, e foi assim que a América se queimo e em breve a China e a Índia regressarão ao seu posto de potenciais regionais. Pensas que podes dizer tudo ou que podes estar calado quando o estar nem sequer é fazer plano, é ficar por mais um tempo, que o mundo em sua imperfeição é manifestamente perfeito. Onde vais levas contigo os teus problemas, o que és e o que queres ser e na tua ânsia de compreender, rejeitas o que te dão porque nunca te deram nada senão influência, então continuas a caminhar o teu caminho, porque outros terão sem merecimento e nem se aperceberão disso, outros serão felizes ao cabo de tanto sofrimento, porque em certo sentido o que faz sentido para ti é a relação entre vida cá e vida lá, entre felicidade e infelicidade, sendo que muitos, eivados de suas profissões, se exibem em sua felicidade, não adiantando nada disso ao mundo, porque o seu humano procura refinamento e calma para fazer qualquer coisa, ou não

fazer nada que é a mesma coisa. Chego de novo a Lisboa, estremeço de sentimento e frigidez calorosa para escrever mais um pouco nesta obra, sob pretexto de não ter mais nenhuma fuga, procurando captar o momento e trabalhá-lo no meu espírito, cedo ao desejo de encontrar personagens, mas como não tenho falado com ninguém, julgo que tal não importa assim tanto para o caso, para o relato deste meu estado de espírito ao longo dos dias, afinal sou como o velho Victor, que era assim tão chato que me perguntava tudo e mais alguma coisa sobre mim que o achava um chatíssimo insolente, depois ficava, dias depois, pensando positivamente nos eu interesse por mim e isso dava-me ânimo. Também eu sou assim para com o meu irmão, chateio-o por tudo e mais alguma coisa, obrigo-o a falar, a dizer coisas, talvez com o desejo íntimo (e porque não sincero) que se sinta bem e tenha sucesso. O Danny quer ir para a França de novo, ou para a Suíça, também eu quero, talvez nunca quisesse mais como agora, mas mantenho-me por aqui, procurando ser feliz, de uma maneira ou outra procurando uma amada maneirinha. Sei que estou longe da literatura tradicional, longe de muita coisa na minha sociedade, mas talvez eu seja o reflexo dela e nesse sentido estou no seu âmago, ou seja, necessitando ardentemente de um mulher, de um trabalho, ao fim de tanto tempo, como muitos, oscilando entre o burlesco, o obsceno e jocoso e o intelectual mais puro e elevado. Claro que deveria ter sido realizador, mas continuo sofrendo por aquilo que sei e posso fazer e...santo sofrimento, de algum modo há uma função social em tudo isto e essa ideia agrada-me. De algum modo, aqueles tempos eram históricos e pessoalmente eu tinha de ver a coisa pelo bias positivo, tal como voltara à corrida, voltara à criação e a um modo de vida mais aberto, positivo e construtivo. Estaria para sempre destinado a este tipo de registo? Sinceramente, isso não me preocupava em absoluto, o estilo, o género, fazia o que me apetecia, escrevia o que bem queria e me apetecia, estava em estado contínuo de meditação, criação, tranquilidade e ao mesmo tempo

produtivo e o tempo jogava a meu favor, eu pressentia isso, não o podia negar. Não é tudo isto o sonho de qualquer escritor?

Ainda assim, por mais que lutes, não te aparecem benefícios reais e ficas impaciente. A dificuldade aguça o engenho e não te formaste para roubar, arditosamente ou às claras, às caras. A hierarquia religiosa nada te diz, a classe intelectual pensa que tu és um bruto mal-educado, contudo tens o mundo nas mãos, o teu mundo, que construístes a pouco e pouco fazendo sentido, muitas vezes ouvindo insultos pelo simples facto de seres antropólogo e com isso sentindo enorme peso nas costas e as pessoas olhando para ti para ver o que fazias porque de certo modo precisam, uma ou outras, de referências e tu pensas, será uma questão de contexto, enquanto outros deitam a língua de fora e se aproveitam, tu permaneces silencioso e feliz, embora chegando a casa só e não tens com quem falar. Neste caso, o que fazes? Inventas literatura extensivamente, abundantemente, em nome de quem não sabes bem tu, fazes filosofia à pressão, fazes antropologia *a la mano*. Depois de dois romances que ainda não estão impressos, sabes que as editoras só publicam num certo contexto, os teus livros não, porque é preciso ser-se conhecido para ser-se publicado, pelo que não interessa, de algum modo, o texto pelo texto e se vier a interessar pensam que tu lhes estás a fazer frente. Então, o que fazes é relativizar, jogar com as coisas, descobrir coisas novas na cidade que conheces, quando se fosses outro já estarias perfeitamente em Nova Iorque ou numa cidade do norte, como Londres, à procura de promoção. Não precisas de ser traduzido, sabes escrever em inglês, mas mesmo assim não o fazes, estás aqui e dizes todos os teus segredos ao papel, porque não tens ânsia nem soberba, chegas a um estado de calma que assusta e irrita. No entanto, tens ainda problemas, como toda a gente e continuas projectando, fixando, objectivos de vida, porque estando aqui estás lá.

Célio tinha um conflito interior bastante notório em relação à agressividade, disfarçada de medo que lhe batessem, misturada com ódio a certos tipo, inimigos execrais, a quem lhe daria porrada caso a faísca se acendesse. Era, na realidade, um contemplativo, um pacífico, como outros, sabia que certas mulheres queriam antes ter um cão do que alguém que as compreendesse e pudesse com elas falar certas coisas. Outras gostavam tanto do seu amado que queriam a toda a hora violência, até sobre ela própria, se fosse preciso. Na verdade, Célio sempre fora um tipo violento, para com os homens, para com as mulheres, só que com o tempo disfarçava essa violência e vontade de bater a toda a gente com finas frases de intelectualidade. Na verdade, elas preferem sempre a queca com o astrónomo, o pára-quedista, o arquétipo do homem activo, o astronauta, o futebolista, numa analogia à questão do jogo. Poucas sabia que Célio tinha um plano secreto, defender-se com o corpo, defender com o corpo, como se fossem um filósofo transformado em super-filósofo...Na realidade, enquanto muitos viviam e arfavam competição, tinha até relações sexuais como cães e coelhos, não chegavam decerto a lugar algum onde a alma pudesse respirar, sé é que a tinham. Muitos agarrava-se à normalidade e faziam dela maluquice legal, enquanto outros, como ele, haviam conhecido o lado negro da vida e procurava reconhecer nele sinais de fazer coma vida algo de original. Eram poucos, naquela Lisboa, os que trilhavam uma via verdadeiramente original e eram, verdadeiramente, esses que faziam mexer as coisas, os outros, pobres, tinham a mente encalacrada em um ou dois pobres registos e falavam abundantemente das suas vitórias, numa elegia eterna, tão eterna quanto eles, sobre os seus feitos normais, repetitivos, relativamente a coisas verdadeiramente primárias como a gestão de uma relação, de um carro, de um emprego. Seria isso verdadeiramente importante? Outros procrastinavam e chegavam a registo mentais interessantes. O habitante de Lisboa sempre fora exigente e pouco

respeitador do outro e isso remonta às touradas, circo que existe há vários séculos enraizado tipicamente na mente do lisboeta em particular e do português em geral, tal como o inglês, aprecia a performance e critica, comenta, fala sem para, para um e outro, nesse aspecto não olhando para si próprio senão pra se gabar. Mas nem todos são assim, tal como Célio, que a cada fragmento da realidade se entrega às mais profundas reflexões, sendo que raramente ousa responder a uma crítica, uma boca que um jovem dispara cobardemente de soslaio. Outras vezes vocifera e responde, sendo especialista em evitar os problemas. O certo é, reparo, que as pessoas onde não há reflexão, momento reflexivo, são as que mais falam, normalmente também as que mais materialmente têm e que mais entregam seus corpos ao desejo, levando tempo a organizar a mente devido a isso, outras, que vivem caladas, gostam de apreciar a vida e têm por referência a contigência da sua existência, sendo também certo que muitas mulheres não desenvolveram esse aspecto da vida sob a desculpa de que têm de ter filhos ou manter uma certa aparência social. Mas, certo é também que a maior parte das filósofas não têm *sex-appeal* nem sabem seduzir homens, ou mulheres, talvez porque desconhecem as maneiras de subir e descer de nível no discurso, se é que subir seja filosofia, e descer seja brejeirice. Isto resulta da minha experiência, talvez em busca da experiência, sendo que nos meus insucessos aprendi a não insistir tanto e desenvolvi uma certa técnica de apreciar, avaliar e aprender dos humanos enquanto *Alien* ou agente de *Lost in Lisbon*.

Assim que deixas de fumar, ainda que não tenhas resolvido fazê-lo, as merdas começam todas a aparecer, tens saudades dos vícios mentais associados ao consumo de tabaco e café, precisas de um placebo para pedir licença à consciência para poder continuar a operar positivamente no teu Ego vacilante, que precisa sempre de elogios para fazer tudo e mais alguma coisa, vais e vais no caminho, seja onde for e precisas de justificação para tudo, porque afinal estás doente, está tudo doente e no entanto verificas que não tens andado a fingir e que podes, tens margem para tal, fingir um pouco, fantasiar, que a sociedade dá-te espaço para tal e nem tudo agora te parece tão negro e pesado. De certo modo, sabes que a mente é o bicho mais estranho e difícil de satisfazer que há, muitos caem nesse engodo de a satisfazer com tudo e mais alguma coisa e entretanto tens saudades da filosofia mas sabes que leste Camus e ainda que esteja ultrapassado pelas novas e mais recentes tendências de pensamento, deparas-te um pouco nesse fim Próculo de ti mesmo, ante um abismo que é um abismo de palavras e ditos, de imprecações, sons guturais e necessidades insatisfeitas, sendo que também a mente pensa com o corpo, mas vais mais adiante e encontras inúmeras coisas, ideias, sentimentos, estados de alma, foi bom ir, deixar-se ir, exigindo muito a ti mesmo, e ainda que te sintas só mais além, poderás regressar, poderás continuar, poderás tomar uma decisão que muda para sempre o rumo, o curso, da tua vida e porque não a dos outros, ou seja, ainda que seja difícil mais adiante, será sempre mais difícil ficar, permanecer fumando vendo televisão, passatempo cujo tempo reduces, porque outros sofrem mais e tu, olhando sempre para aqueles que sofrem menos e gozam mais, resolves recuar, permanecer numa via estreita que talvez conduza a uma certa felicidade, ainda que cheia de armadilhas e dificuldades. Tomas um café, tratas dos dentes, percorrer um e outro lugar, vê, a solidão não é tão grande quando se está ocupado, talvez o cinema ou a pintura sejam lenitivos para muita coisa, substitutos nobres e socialmente

aceites de muitos comprimidos, mas há sempre mais adiante, na música que ouves, no esforço que causas a ti mesmo, porque essa via estreita afinal é a do homem cansado, nem mais. Dizem-te, amigos e inimigos, que não há necessidade, que só vais dar cabo de ti com tanto esforço, mas tu levas o teu livro a sério e afinal descobres que um maço durou pra três dias, sem dares por isso, talvez estejas a atingir um estado de saúde pleno e as coisas possam acontecer, inclusive na vida de outros e decides continuar, ainda que cansado, se não apertares muito, se não deres tudo, pelo menos vais caminhar e apanhar o ar, em vez de estar em casa com a cabeça colada à televisão, já que a internet nada te diz, homem. Descobres ainda que muitos dos cigarros que fumas têm a ver não com o prazer de fumar que descobriste recentemente, mas com a rejeição das mulheres, ou seja, pelas negas que elas te dão, como se fosse preciso fumar pra lhes dar a volta. A maior parte das loiras são doidas e convencidas, não têm opções sexuais definidas, buscam aqui no sul um negro ou um moreno, mas nem pra isso têm jeito, é preciso ter com elas e dar-lhes a volta, mesmo que não valha a pena, pois a maior parte nem mamas tem. Então, será esse o propósito da vida, encontrar o maior número de parceiros possível, no maior número de situações e imaginações possível? Para muitos, é isso mesmo, tenham ou não isso nos genes, procurem ou não deliberadamente isso. Estava descansado, estávamos todos bem mais descansados e felizes que assim fosse, que fosse esse o propósito da vida, aproveitando para fazer uns filhos, obedecendo a pré-determinação genética de uns e outros para procriar. Só que eu não sinto nem uma coisa nem outra, talvez porque goste de histórias e assim sendo, por mim e por outros, a vida, a nossa, interior, a dos outros, exterior e em certa medida interior a nós mesmos, talvez seja uma história de desalento, de desencontro, de desconhecimento de nós mesmos e do nosso destino, talvez seja irmos ao vento e deixarmos que as ideias se soltem com ele, para pousar noutra mente. Sim, somos mentes

circunstanciais, vítimas e testemunhas circunstanciais do que nos acontece e aos outros. Somos, nesta vida, sempre testemunhas de algum coisa menos do nosso próprio fim, que não queremos conhecer, porque aí o baile perderia toda a sua graça. Por isso é só uma questão de tempo, até estarmos do lado de lá da vida e tudo não passa de um desfile de vaidades, de veracidades, de mentiras e enganos, uns vendo o corpo pelo corpo quando estão com a alma na mão, outros vendo a alma quando se perdem pelo corpo, afinal procurando uma síntese que se plasma na arte, pictórica ou cinematográfica. O escultor, por sua vez, procura reproduzir pela pedra, pelo barro, o corpo que não tem constantemente junto de si, como que duplicando uma sensação de posse e contemplação. Ainda assim, alguns lêem a tua mente e avaliam o teu comportamento sexual, numa sociedade em que todos vêm e são vistos, mas há aqueles que se esgueiram como ratos e não se expõem e reparas que afinal és perfeitamente normal, se for essa a questão, enquanto pensas que os teus pensamentos sobre merda e abrotóejas no cú e mesmo sobre violência, são brandos e pouco têm a ver com os de outros que têm os mesmos pensamentos e fazem deles coisas diferentes. A diferença é que enquanto muitos exigem tudo de si, como se quisessem provar tudo e mais alguma coisa, outros exigem na certa medida do que podem dar e nessa linha talvez dêem mais até. Enquanto a maioria ofendem-se uns aos outros, tu fazes sentido através das palavras, como no Cândido de Voltaire. Na verdade, são esses que ficam pelo caminho e não ousam apreciar o fim da viagem. E partes para outra viagem, mais e mais, mais um dia, um dia após outro, encontros, desencontros, mutações, esconjurações, conjuras, socos e pontapés, bebidas aqui e ali, cafés aqui e ali, ouvindo quem fala fácil, ouvindo que te manda uma atoarda certa. Será, pois, algum filho de Deus? Qual a tua missão, o teu desenho na atmosfera, o teu desígnio que não ousas contar a ninguém e que até, porventura, não ousas conhecer? Muita coisa, podias ser muita coisa. E na

verdade, talvez seja mais do que parece, talvez sejas um lastro de inspiração num lugar, um agente de momento e perda noutra, quando o coração se abate e continuas, progrides, avanças com mais segurança que nunca, porque sabes que o caminho é fazer vezes sem conta ora o novo ora o costumeiro.

Eu sentia também um medo primordial, não sabia bem o chão que pisava, andava de um lado para o outro, valentemente ou não, por vezes submisso aos sinais exteriores, por vezes explodindo, exibindo-me como uma pavão em todas as minhas verdadeiras cores. Não estava particularmente preocupado em mostrar a minha tendência ou condição sexual, julgava que isso não era o mais importante, sentia-me bem num friesta que o tempo me dava e aproveitava o dia, o sol com ele, o vento na face e nos cabelos, a condição de andar entretido de um lado para o outro não sabendo bem o que fazer e afinal talvez estivesse vivendo a minha vida, ora com ímpeto, ora procrastinando, pelo que me deixava andar, sem forçar muito, ora lutando pela vida, ora determinado na minha condição do pensamento de estar ali, do pensamento que estava ali, talvez dando tudo e recebendo aparentemente pouco, exposto, aberto, ao mundo e às coisas do mundo e dado que ninguém me impedia de fazer o que fazia, continuava, imprimindo algum esforço, tendo vontade de chegar a novas ideias num contexto que estava de certo modo fechado para mim e do qual eu tinha consciência. Contudo, a abertura de espírito vencida tudo e era minha a paciência de espera, *Perdido em Lisboa*, encontrar-me, comigo mesmo ou com alguém. Falar dos meus actos? Falar dos meus pensamentos? Falar do que vejo, andando de um lado para o outro ao ponto de saturação imagética e cinestésica? Não estou eu farto de tudo isto e nem como a cereja? No entanto continuo, como se estivesse louco varrido, como se não houvesse nada mais do mundo em mim, como se não redundasse o meu esforço em desalento, como se talvez tivesse a esperança de encontrar tudo por

atacado, no fim, no meu funeral? Na verdade, podia pensar o seguinte, interrogar-me cuidadosamente com o seguinte pensamento, que podia de uma maneira ou de outra ser transformado em teorema ou enigma mental: se a mente pensa através do corpo, a minha mente é minha ou pertence a mais alguém, nomeadamente aos meus de sangue? E se a mente é só minha a partir do momento em que sou jogado no mundo, a que sociedade pertença eu, onde está a divisão, a linha de fronteira entre individual e social, o que é isto senão uma convenção, um enigma, uma forma de compreender e organizar, de uma maneira, os pensamentos, as ideias, enquanto deixamos de perceber, dada essa divisão, os vasos comunicantes que a articulam, e eu não desisto dessa relação/divisão exemplificativa de viver em sociedade, como se avançasse prontamente para um discurso infinito que, repito, é eliadiano e não subscreve certas proliferações matemático-lógicas em certo sentido desaguizadas do mundo (como o treinador do FCPorto), contudo efectivas, assim vemos no quotidiana um abuso da análise e, por outro lado, da objectividade, quando se deveria verter para o real social tudo o que se ensina em universidades de ciência social, talvez desse cabo da pobreza ou coisas mais graves, por isso poucos cientistas sociais ousam aparecer na tv a não ser por grandes acontecimentos que juntam multidões, o cientista social não se parece bem sozinho, não se dá só consigo mesmo e com a solidão como tem a coragem de acontecer com o filósofo. Mas bom, foi isso que eu mesmo decidi para mim próprio, ou seja, não vou ter um *best-seller* mas poupo muitas visitas ao psiquiatra, racionando os medicamentos, coisa e tal, sabia que com filosofia não ia longe, mesmo não tenho dinheiro nem condição para viajar, nem subsídio do estado para coisa alguma, assim também é complicado fazer filosofia, terei de me limitar à filosofia do cigarro e andar por ali, de baixo para cima e de um lado para outro escrevendo romances chatos como a potassa. Assim, há nos meus dias qualquer coisa como uma certa e

determinada auréola de santidade que são, no fundo, as ideias dos outros, o que os outros (em geral) pensam, cada um é para o que nasce, terei ficado sem tomates para enfrentar certas e determinadas situações? Vejo uma atriz e fico a pensar, vejo uma cara conhecida e fico entusiasmado, decerto teria sido actor noutra vida, teria feito cinema, quase que explodia e perdia-se assim um grande analista de uma língua dentro de uma garrafa enviada com um papel para o mar, a ver ficado assim ou de outra maneira à espera que a sereia (a insistência regular nas mulheres, acoissadas, ideias feitas) a apanhasse, de certo modo para fazer o que bem quisesse, talvez, em minha modesta, pra a encher de vinho salgado. Por outra, não ensaiava certas maluquices se não gostasse das pessoas, porque a própria maluquice esconde enviesada muita malandrice, pelo que o meu registo não era de todo linear, afinal de contas continuava interessado em compreender o mundo, por muito pouco que isto diga a alguém.

Ao fim de contas, acabo por parecer parvo ou burro, principalmente por não gozar a vida, exigir demasiado de mim, coisa e tal. Mas gosto assim, as coisas difíceis dão um prazer infinitamente maior do que as fáceis, bem também depende da situação. Neste momento, conheço várias e não conheço nenhuma, hoje no metro um alto bem-parecido e jeitoso inglês ou alemão, lá estava a meu lado no metro, eu todo suado da grande corrida do dia. Momento tenso, cupidez, luz, o metro pára de repente e ele cai para cima de mim, fogueira, percebi que ele estava mais interessado em mim do que eu nele, depois abriu-se as portas e eu evadi-me por uma delas. Fechou-se uma porta e abriu-se outra, se não sou gay, sou algo mais além disso, algo impossível, tão impossível quanto o próprio pensamento. Assim, aprendi nesse dia, que deveria de deixar para trás o cinismo e pessimismo da maior parte dos intelectuais e entrei sinceramente numa própria maneira de melhorar o mundo, mesmo sabendo, como acontecia já, que muita boca e trejeito tomaria pelos ouvidos, parecendo cromo, bruto e desajeitado. Ainda assim, lembrei-me de David Hockney e de Leonardo: pensar sobre a merda, escrever sobre a merda, é a maior obra de arte que se pode produzir, se entendermos que a merda, sobretudo a merda humana, é o melhor fertilizante que existe, nela está o segredo do que é (ser) humano. Por isso, a maior parte dos escritores e filósofos foge disso, procura não obsessional acerca disso, procura construir qualquer coisa de elevado, perfumado. Para encantar as senhoras? Para obter o domínio de si próprio e dos seus instintos, para obter dominância global, uma carreira bem sucedida? Eu ando pelas ruas de Lisboa e vejo tudo menos alegria genuína, aquela das entranhas, se quiserem, as pessoas estão ainda tristes e vão ficar mais tristes porque querem mais e sempre mais, andam em grupos para não se

sentirem sós, combinam encontros para salvar a sua saúde sexual mas manter a situação profissional. No fundo, são crianças, querendo conseguir o que sonharam em pequenos, correm para se realizarem, criam notícia onde nada há, falam sobre um e outro sem aparentemente sequer manter um diálogo franco com alguém. Diria que são pessoas desinteressantes. Todo este caminho que faço, de casa para a Baixa e da Baixa para a Estação do Oriente, parece-me uma tontice, se fosse outro estaria bem longe daqui, no entanto contínuo, reinventando, reinventando-me. Esquecem-se muitas pessoas e muitos psicólogos, que a felicidade inclui um certo grau de tolerabilidade, sofrimento até, ele faz parte da vida, a felicidade não é um caminho simples, linear e em linha recta, é uma via esguia e sinuosa, cheia de protuberâncias, incómodos mentais, salutares surpresas, é uma via árdua e difícil e mesmo assim não chega a ser felicidade. O que é então? Bem-estar, realização? É um estado, um movimento lateral que se joga além do corpo, um descanso, porventura um sonho interessante. Assim, procurava sempre ir mais além, invejava quem criava histórias, a sua simplicidade comovente, mas eu não era capaz, nem tinha de alimentar um certo sentimento de impotência em relação a mim mesmo como escritor, pois sabia que fazia uma *mélange* dos diversos estilos, qualquer coisa de original, qualquer coisa que eu projectava na minha mente e a que queria chegar. Ainda assim, a minha velhota jogava-se contra mim, no sentido em que dizia que eu massacrava a família e de certo modo era essa a minha imagem junto de algumas pessoas. Justificações? Explicações. Qual o problema de ser ajudado pela família? Não fiz e realizei coisas bastantes? Há uma, não vivo como rico e ainda por cima dedico-me à cultura. Muitos nem à cultura se dedicam e são ricos. Outros dedicam-se à cultura e são demasiado ricos para fazer qualquer coisa de qualidade, ou então andam tempos e tempos nuvem certa nuvem teórica e literária que lhes apareceu. Eu não precisava de muito mais, que fazer coisas e ao mesmo tempo apreciar a vida, ainda,

em todos os sentidos. Se não encontrava emprego talvez não fosse inteiramente minha falta, claro que podia trabalhar, mas preferia escrever, dar um tempo, estar atento às coisas e à vida e sentia bastante pressão em fazer isto ou fazer aquilo, quer pelos meus conterrâneos na aldeia que pela feroz competição na cidade, que sempre descambava em jogo psicológico. Muitos queria-te ver morto pelo que és, chamava-te de assassino e racista, de tarado, paranóico, não eram coisa fáceis de ouvir, mas tu suportavas tudo. Ainda assim, admirava aqueles que conduzem a sua vida pelo amor, eu não passava de um rebelde, um capeta disfarçado de intelectual, mesmo que o fosse. Admirava os polícias que fazer juramento à ordem e ao país, à civilidade, os tropas, os generais, pois de algum modo o grande desafio da sociedade, democrática em particular, seria fazer as coisas “rebeldes”, que libertam energias negativas, de um modo controlado, ou seja, muitos jovens de hoje pretendem transformar o mundo, ou então destruí-lo, ou têm conceitos morais deformados. Outros não, são bem constituídos a todos os níveis, mesmo que joguem *playstation* ou passem inúmeras horas expostos aos desafios do pc, dos tablets, dos ipads. De algum modo, não é ser-se irresponsável dessa maneira, enquanto jovem. Vendo as coisas de modo geracional, também nós tínhamos os nossos divertimentos: os ninhos, a pesca, o futebol, tanta coisa mais, depois mais tarde as miúdas, éramos cegos, queríamos com muita força, como que andando à cabeçada e nossa cabeça fosse a ponta do espermatozóide gigante que de alguma forma somos. Os jovens, de alguma maneira, não precisam de muitas orientações ou ensino, são livres por eles próprios e sabem auto-conduzir-se no mundo, mas por vezes precisam de conselho e a maior aventura do mais velho, do idoso até, é acertar o passo do miúdo que sofre, nomeadamente na adolescência, de discriminação, *bulliyng*, angústia própria da adolescência. O mundo oferece hoje em dia muitos problemas, inimagináveis mesmo para quem vê televisão, mas oferece também muitas saídas.

Olho para todos estes anos, de trabalho enquanto escritor e de sacrifício face à sociedade e ainda tenho quem crie má imagem de mim, como se fosse preguiçoso quanto ao trabalho, como se efectivamente não tivesse uma doença, como se tivesse de continuamente tirar coelhos da cartola. Muitos intelectuais, refugiando-se nos seus nichos, quintas e amizade, esfregam teoria e verborreia na cara das pessoas, acusando-as de incultas e nem se preocupam com causa social ou culturais. Eu, ao menos, na minha limitação económica, continuo atento, só não faço carreira universitária porque já deu, fiz bastante pesquisa sozinho, sem apoio sentimental ou institucional. Por isso prefiro não aturar patrões, prefiro de certo modo deixar andar e continuar fazendo alguma coisa. Mas o que a minha irmã tem aguentado, e a minha mãe, é digno de nota como bofetada de luva branca para com a sociedade que de certo modo me rejeitou. Todos querem a tirada genial e se julgam, no final de contas, absolutamente genial. Eu não, embora muito do que faça seja verdadeiramente genial e superior em qualidade face ao que muitos fazem, sobretudo se se tiver em conta de que tenho agido sozinho. A verdadeira natureza humana encontra-se replicada aqui, na cidade, em termos da conquista de poder e território, muitos julgam que os macacos são meros macacos, como no *Planeta dos Macacos* mas esquecem que a inteligência não provém da separação desse laço que com eles temos. Está lá tudo, como somos, o que pensamos, como nos comportamos. Em certo sentido, a sociedade-cidade perverte isso tudo antes de mais porque confere à existência humana uma vertigem de sexo, morte e suicídio, dando a ideia de que nada há a fazer, de que a tendência será para a entropia. O mais digno de se fazer, quer face ao rumor das ruas, que face à falsa felicidade propagueada na televisão, é criar distância, criar e gerir um

sentimento de felicidade próprio, como uma luz própria. Só que isso não é fácil nem está ao alcance de todos. Onde quer que vás, há sempre quem dê uma crítica, faça uma apreciação, dê uma opinião sobre tudo e mais alguma coisa. Esses são os mais perigosos, espalham opiniões e ditos sobre tudo e mais alguma coisa, quando o seu íntimo é vazio e sem sentido. Nunca se confrontarão com grandes questões, aquelas que realmente importam, talvez por defeito próprio, talvez porque simplesmente decidiram não se importar, não se preocupar com nada, seja para sobreviver (o que é absolutamente contraditório), seja pelo puro gozo do divertimento de zombar de quem se importa. Dois dias sem comer. Porém, ontem fiz umas maçãs assadas, deu para aguentar, aqui em casa, onde estou, ainda sozinho, ainda sem ninguém ter entrado no espaço de praticamente dois meses. Não tenho tabaco. É claro que nestas situações não tendemos a ver a vida como um mar de rosas, nem o passado nem o futuro, mas eu sou algo otimista quanto ao futuro. Lembro-me de *Fome*, de Knut Hamsun e o meu espírito está nesse registo, uma cidade deserta em que os passeantes são itinerantes, errantes. Há gente que se consegue divertir, tem meios para isso, às tantas trabalha, mas não tem uma atividade criativa, ora trabalham, ora despejam tudo no divertimento. De certo modo, a vida deve e pode ser levada assim. Tanta programação na vida social que acaba por estragar tudo. Mais para mais, não consigo escrever, desde anteontem que tenho um grande bloqueio, talvez provenha do facto de não ter com quem conversar, apenas mantenho este escrito para me iludir a mim próprio que estou a fazer algo de diferente dos outros, algo que permanecerá, algo original e único. Na verdade, tinha muitas ideias, mas poucas que me fizessem sair do marasmo sentimental em que me haviam metido. Muitos riam-se, na rua, outros, até turistas, olhavam com interesse e compreensão para mim, outros riam-se e afinal eu tinha de gerir isto tudo sozinho, nem me valia a minha irmã ou o Dany, que por esta altura me dizia que equacionava uma viagem à Suíça

alemã pra estudar língua e literatura alemã. Eu aconselhava-lhe os Estados Unidos, pois tinha o principal, dinheiro, mesmo sabendo que era areia demais para a camioneta dele. Quanto a mim, claro que pensava ir para fora, mas não queria verdadeiramente, pois o que eu fazia poderia fazê-lo em qualquer parte do mundo, ainda que Lisboa para mim já se havia saturado na minha cabeça há bastante tempo. Cada dia era uma chatice, um desafio, uma imposição e uma vitória. Ainda que não tendo muito, eu estava à margem de muita coisa ruim em que muitos incautamente se metiam para se julgarem maiores que os outros. Assim sendo, não sentia grande necessidade de voltar à escrita e adiantar esta narrativa, mais ou menos atual, mais ou menos contemporânea, quer ela fosse demasiado autobiográfica, quer não me estivesse dando satisfação alguma, parecia um compromisso que selara comigo mesmo para me sentir útil. Tinha premência para trabalhar, mas não havia trabalho para mim, o meu projeto da galeria estava estancado na falta de financiamento, bem como uma ida ao estrangeiro, também por falta de dinheiro. Atrevia-me a beber umas cervejas e pairar, deixar pairar os meus pensamentos sobre mim, como se fosse uma auréola de santidade para o que pensava e não fazia, para o que fazia e não pensava. Mas continuava, sabia que havia sempre motivos para tal, afinal estava vencendo muitos meus inimigos, uns a quem tinha dado a mão e se haviam aproveitado, outros que haviam zombado de mim e se aproveitado cruelmente das situações. Sem dar conta a quase ninguém, sem ter conta de quase ninguém, progredia, ora na luz ora na escuridão, como um guilho de razão clara e permanente. Talvez estivesse verdadeiramente vivendo, dando atenção ao mundo mais do que a mim próprio, deixara de estar disponível para todas e procurava algo de mais certo, adequado e permanente. Onde muitos se atrapalhavam pela coisa não surgir, eu tinha uma calma mortífera e protelava para o momento mais especial. A internet nada me dizia, preferia andar à toa, a pé ou pelo metro, sem pensar que

estava em Lisboa, sem julgar que estaria farto da cidade, olhava sempre pensando e vendo que há gente boa em todo o lado e que um dia, sem forçar ou forçando muito, teria algo de positivo na minha vida alguma paz, felicidade e tranquilidade de espírito, não só porque o desejava também para os outros, embora me roesse de inveja ao ver casais de namorados abraçando-se, mas também porque o merecia, quanto mais não fosse como compensação do que terá acontecido na minha vida.

Nesse dia, acharei por bem ficar à tarde em casa, mesmo fazendo um belíssimo dia lá fora. Ouvia um pouco de Kátia Guerreiro e sossegava o espírito. Tinha umas batatas fritas para comer à noite, uns pistachos, café de má qualidade. Não sabia se iria correr, talvez sim, para desanuviar a minha atormentada mente. Na verdade, muitas oportunidades perdia para conhecer alguém, sob pretexto de acabar este livro, até ao extremo do cansaço físico e pouco conforto encontrava na relação do corpo com o espírito, para além da não desejada solidão, de modo que andava de um lado para o outro na casa pensando no que fazer, ela prestava-se a isso. Enquanto uns troçavam e viam nisso e na vida social uma facilidade, eu não via nem uma coisa nem outra, nem facilidade nem dificuldade, as coisas aconteceriam quando tivessem de acontecer, mesmo que não tivesse amigos, um grupo de referência onde relativizar as tensões e preocupações. Mas, também, ninguém me havia dado um sinal claro de alguma coisa, muitos havia como eu, na mesma condição e de que modo me iria oferecer para pertencer a um determinado grupo quando isso mesmo já nem sequer existia? De modo que eu continuava a esforçar-me, as manhãs eram terríveis, mas lá me conseguia recompor à medida que saía de casa, compunha alguns elementos de uma teoria social que haveria de compilar um destes dias e recebia alguns exemplares do meu *Sortilégio do Acaso*. Muitos diziam, ouvindo diversos gurus, que as relações viviam assentes na mentira, que a relação seria de algum modo uma mentira assumida

socialmente, eu digo afinal só eu vivia na verdade e nessa verdade não era feliz, em que consistiria de facto a felicidade ou esta era outra coisa que na da tinha a ver para o caso, para as relações e se as relações fossem feitas, de certo modo, para evitar a felicidade, pois em certo sentido esta é incomportável durante muito tempo, pelo que mais se mereceria viver na mentira e na ilusão e abrir, de quando em vez, essa porta, que é a porta da felicidade... Onde estava então a alma do mundo? Onde estava a minha alma, vagueando pelo corpo, pelas zonas mais inconvenientes. Enquanto a ortodoxia do comportamento era sinal de sobrevivência, sendo que a licenciosidade fazia perder a segurança...seria tudo isto falta de esclarecimento, falta de atenção ou inteligência? No entanto, prosseguia, só, enquanto só fazia e procurava algum sentido, alheio de certo modo ao sentido dos outros, há muito tempo que passara *Cândido* e deixara de lado a leitura de Rousseau, substituindo os filósofos mais contemporâneos, desde o cinema à literatura diversa. Na verdade, estava farto de tentar ser positivo, optimista, quando na verdade, poucas coisas tinha para tal. Tudo o que tinha haviam-me dado pelos meus pais, tudo o que conseguira haviam-me sido dado pelos meus pais. Então, comecei frontalmente a estudar e abordar uma outra questão. Não teria havido, no meu itinerário por Lisboa, de uma maneira ou outra, junto das pessoas em geral, junto das instituições, uma certa forma de racismo contra mim? Se muito se diziam vítimas e recebiam indemnizações por tudo e mais alguma coisa, não era tempo de fazer o mesmo? Apenas punha a questão a mim mesmo, sem me lamentar, sem me armar em vítima. Mas, vistas as coisas sobre esse prisma, a questão fazia sentido, muito sentido. Afinal, eu havia nascido em Paris, o meu pai era português, a minha mãe espanhola de nascimento, da Galiza. Mas não havia galegos em Lisboa? Os avieiros, pensei. E tanto, tantos outros. Porquê então esta explicação, como forma de desculpa para o meu insucesso? E porquê o meu insucesso fora só meu ou só minha culpa?

Lembro-me perfeitamente, na faculdade, o ostracismo de que era vítima, quando ninguém alguma vez tivera feito o que eu fiz, com todo o desconforto inerente, passar da religião, no mais profundo que ela envolve, para o marxismo das ciências sociais. Ainda assim, à minha custa, endividando-me, estudar filosofia quando outros só procuravam encher o bolso, pra não dizer outra coisa? Se eu alimentasse a ideia, seria revoltante e andava entretido com outra ideia, a de solicitar indemnização às faculdades que me haviam albergado, tendo de ser essa indemnização entregue à minha irmã, que me ajudou nestes anos a produzir ciência social, sob a forma de duas teses, quando outros recebem subvenções, bolsas e apoios para qualquer passo que dão. Na verdade, o facto de ter sido preterido fazia muito sentido e dava coerência a essa minha ideia de um certa conspiração, talvez em grande parte por eu não ter as costas largas ou muitos amigos...

Eu sentia estar perto de muita gente, muitos deles gente que eu desejara conhecer desde pequeno e ali estava, em Lisboa, ainda, duvidando que para aí tivesse eternamente, sendo que eternamente é muito tempo e muita água passaria por debaixo da ponte, ou seja, teria tempo para dizer todo o mal do lugar que realmente amava e desde cedo havia designado para viver. Procurava, de um modo ou outro, ainda a inspiração, uma frase poética, estava bastante afastado da sedução, não que não o tivesse ou sentisse, mas tal não me preocupava como antes, por isso andava de um lado para o outro na casa, na zona de conforto, talvez esgueirando uma oportunidade para escrever fora de casa, o que acontecia uma vez ou outra, não no pequeno computador, como dantes, mas no bloco de notas, no maior ou no mais pequeno, conforme a situação se proporcionava. O facto de ter entrado no domínio da filosofia, de lá ter saído por cerca de seis meses, fazia com que compreendesse melhor o mundo, como se houvesse níveis de conhecimento distintos, uns mais elevados outros mais rudimentares, através dos quais podíamos ler o mundo. Mas era uma forma de fugir para cima face à reiteração na minha mente de um quotidiano que, por um lado, se repetia nos lugares de frequência e algumas pessoas que ia encontrando na jornada, por outro lado era sempre novo e em plena construção. O que mais me afligia o sentimento era andar pelas ruas, às vezes sempre as mesmas ruas, ver moças e até meninas giras e olhar para a minha adolescência e experimentar um sentimento de perda e desalento por as coisas não andarem, não sei se seria eu próprio o problema, mas o certo é que nada acontecia, talvez faltasse um clique, um instante mágico e como seria depois, quanto duraria e eu, afinal só, em casa e na rua, não via as coisas proporcionarem-se, ou seja, mesmo em termos da economia do texto, não

conseguia levar nenhuma miúda para casa, já lá iam dois meses depois da última relação, esporádica, mas mesmo assim, qualquer coisa de que qualquer um precisa. Andava ainda envolvido com a questão da homossexualidade, negar não fazia sentido, mas eu sabia que, embora parecendo efeminado, era heterossexual. _Que fazer numa situação destas? Arranjar um distração e continuar, já que tinha esquecido o site de encontros. À noite não saí, ficava vendo a televisão ou, como agora, teclando coisas parvas de ficção quando talvez pudesse escrever coisas mais elevadas, de filosofia, pois há bastante gente a fazer isso para se julgar herói de uma qualquer nuvem conceptual.

De certa maneira, emergia em mim mesmo um novo desejo, num novos plano, ora de ser professor de Filosofia, ora leccionar antropologia ou sociologia. Para tal, fizera uma apresentação à Procuradoria de República, descrevendo a situação que eu e a minha irmã, bem como a minha mãe, vivemos há mais de vinte anos, uma situação de injustiça face a um verdadeiro trabalho tido como escritor de ficção e teoria social, para além de filosofia. Na verdade, eu estava apenas evitando um trabalho manual que, se bem que me poderia trazer uma mulher e dinheiro, não me satisfaria tanto quanto aquele que tenho tido. Por isso, brincava com a ideia, andava entretido com isso tudo que era afinal o meu destino, o meu dia-a-dia somado um dia após outro que se estendia constituindo o meu futuro. Estava numa situação, não me quero armar em vítima, em que dava, dava, dava e nada recebia em troca. É certo que tinha casa, quem me ajudasse, alguém que tinha alguma forma de admiração por mim, mas notava que os meus colegas não eram colegas de jeito, quanto mais amigos, via passar por mim dias após dias sem ter com quem realmente falar descontraidamente, uma conversa sincera que fugisse a um discurso e uma forma de acção sofisticada, impessoal, circunstancial. Isso, de algum modo, nada me dizia, eu estava num ponto de situação em que abandonava Lisboa ou lutava mais

um pouco de tempo para conseguir alguma coisa e assim que conseguisse decerto que não mais abriria mão disso tudo. Decidi, então, fazer pressão, fazer justiça para que acontecesse alguma coisa. Depois desta obra, que levaria às 180 páginas, mais coisa menos coisa, empreenderia a difícil e árdua tarefa de compilar os meus escritos espalhados por vários caderno, dez ou doze, constituindo assim, uma *Teoria Geral da Sociedade* ou *Uma Teoria Social*. Com este desígnio, estava posto de parte um esforço na ficção, pois não tinha evidentemente *budget* para tal. Evitava fumar, fazia a minha corrida todos os dias, num esforço considerável ao meu corpo desde há duas semanas, estava exausto mentalmente, uma depressão fora diagnosticada à minha irmã. Mas eu continuava, segui em frente, como se nada mais pudesse fazer, além mesmo dos facilitismos da grande parte dos meus contemporâneos, falando e fazendo trivialidades sem sentido absoluto para mim. Quando não tens um fito, um objectivo pelo qual lutares no dia-a-dia, comesças a encher a cabeça de minhoquices e escaravelhos malcheirosos. A própria filosofia proporciona essa armadilha e ora estás lançado num empreendimento social e te esqueces de ti próprio, ora estás demasiado focado e preocupado contigo mesmo e tua performance. As coisas não funcionam assim, sobretudo hoje em dia. O mais importante é ter uma ideia do que fazer e fazê-la guiar na tua consciência e na tua prática através do quotidiano, senão tens dificuldade em sair de casa, porque não tens amigos que te apapariquem e eu sei, digote, que hoje em dia é difícil arranjar amigos, quanto mais não seja bons amigos. Mais a mais, quando não tens alguém, a tua energia psíquica, sob a forma de sexual ou outra, tal como a conversação e a intimidade espiritual de estar com alguém, acabam por ter de ser direccionadas a ti mesmo, acabando por entubar a tua personalidade. Por vezes, ver umas gajas de grande mamocas e levar em diversos sítios, por vezes até nos sovacos, deixa-te em situação de ardor e desejo, mas essa prática que vês no ecrã

pode deixar-te uma grande sensação de vazio. Quando essa prática é frequente, ora porque a vida não corre bem, ora porque és evidentemente ostracizado em termos sociais, o fenómeno pode ser revoltante, na verdade, pode todo um povo ou uma cidade estar conspirando contra ti. Isto não é falsidade ou paródia. Pode acontecer com qualquer um. Aconteceu comigo, apesar de andar bem vestido, pôr perfume todos os dias, tomar banho todos os dias, permanecer limpo para quem simplesmente não aparecia. Nesta situação, começas a levar as coisas mais descontraidamente, embora estejas revoltado por dentro e queiras verdadeiramente fazer mal, quer a pessoas quer a instituições. Começas a pensar que não é assim tão difícil vencer, e o facto de não teres aproveitado certas situações faz de ti um ser que não se aproveita das situações, das pessoas e das instituições, afinal, uma pessoa séria e merecedora de elevado respeito. Muitas miúdas podem desviar-se de ti por saberem que vês pornografia e pensarem que estar com elas é de certo modo considerá-las putas, mas tu segues em frente, um e dia e mais outro, na mesma cidade, aguentando, embora não tenhas dinheiro para sair à noite, ouves um pouco de música e chegas aqui, ao local mental em que escrevo. Ouves *Erasure* e soa-te bem, mesmo não sendo tu gay, sou-te muito bom e respeitoso para com a tua alma.

Por outro lado, sentes que esta poderá ser uma luta inglória, porque os teus inimigos falam entre eles e até se riem do que conquistas e não conquistas, ou seja, desde o início do momento em que vieste para esta cidade, estavas desguarnecido e de alguma maneira lutando contra moinhos de vento, mas que não o são, são pessoas e instituições, verdadeiros grupos de pressão, por vezes até com interesses económicos e até criminosos, que impedem que faças alguma coisa de válido com o teu esforço e com a tua vida e chegas a pensar nas pessoas com quem te encontraste e no conceito de cidade, de habitar em cidade, além da desorganização do quotidiano e dos planos que muitos têm de se tornar

grandes em termos de poder. Olhas de novo para o tempo em que estás na tua casa nova, dois meses, e achas a situação bastante estranha, para não dizer cúmplice e comprometedora, pois apesar do que pensas ou não pensas, do que és ou não és, qualquer coisa de estranho se passa para que não tenha entrado ninguém por aquela porta...

Estamos num estado, neste país, em que o cientista social não deve escrever ficção, faz mal à sua reputação, de ordem burocrática, para com a sociedade e o grupo dos que o ouvem. Escrever ficção é para amadores ou, por outro lado, para profissionais especialíssimos, que levam o guilho da sua compreensão do fenómeno literário até à especialidade da situação, da condição, que muitas vezes é vazia e exaustiva, pouco divertida, fanática, banal, para não dizer anormal. Não falta literatura desta em Portugal, muito dela vinda do estrangeiro. Por outro lado, poucos são os cientistas sociais e filósofos que se aventuram no campo da ficção. Estas situações são sintomáticas do estado em que está o país tanto em termos de literatura quanto de não-literatura. No meio disto tudo está a figura da mulher. Algumas gostam de ser manietadas, escravas, pretendem que o homem as conduza automaticamente em tudo e mais alguma coisa. Para se conquistar uma mulher é preciso um certo desprezo perante a situação, um não-querer-querendo, como já disse mais acima, porque o interesse não leva a lugar e pode conduzir à obsessão, sendo que o verdadeiro amor não é o amor normal, mas a dependência física e psíquica de alguém, em tudo o que é e representa (a questão da máscara), só esse amor é sincero porque forte e realmente unificador de duas (ou mais) pessoas. Mais, pensavas que haveria uma verdadeira conspiração contra ti nessa cidade tão pequena, nesse país tão pequeno e, olhando para trás, contando as vezes que fizeras amor, havia, de facto qualquer coisa que não funcionava a teu favor e essa coisa estava nas pessoas. Em sete anos, meia dúzia de vezes fizeras sexo, um, duas vezes por ano. Nesses anos terias tido, três pessoas, enquanto pessoas casadas e conhecidas se pavoneavam com mulheres muito para além do casamento, ou seja, a sociedade estava podre, eivada de um vago de

canibalismo social que se reflectia no seu comportamento sexual, perfeitamente disparatado e animal, desordenado como uma carroça sem burro. Essa verificação levava-te a ser visto e a ver-te a ti próprio como uma pessoa relativamente superior aos outros mesmo no que respeita ao sexo. Onde muitos viam frequência e quantidade, tu vias especialidade. Cedes à ideia, prostras-te ante a eminência disso acontecer, recuas e fazes-te forte, sabes que não és viciado, sabes até que não precisas disso, mas afinal o que leva uma pessoa ao suicídio, não é a falta de amor, o desamor, a rejeição? Sim, eu sentia-me rejeitado, porque ora não abordavam ninguém, mas sobretudo porque não era abordado por ninguém e estava farto da situação. Fazes um certo esforço e a coisa corre bem, deixas de te preocupar obsessivamente com a vontade de arranjar uma mulher e notas que aqueles que são considerados melhores (escritores ou músicos) são, de algum modo aqueles que dizem ou tocam a música que mais agrada ao público, sacrificando o desejo individual, mas também são aqueles que tocam a música ou escrevem as letras e palavras que mais agradam a si próprios. Essa é a suprema forma de arte contemporânea. Notas, além disso, que tens uma causa por que lutar e sentes-te entusiasmado, até grande, devido a isso. Depois, há aqueles que tendo ou não problemas, drogam-se ou fumam só para se libertarem de si mesmos, esquecer os seus problemas ou mesmo seduzir mulher. Prefiro ficar sem mulher, sou mais feliz no sentido em que se elas não se chegam, não me merecem, pelo que não me chego também. Embora seja mais difícil, por ser difícil, esse estado está reservado a poucos, que lutam e conseguem. Muitos riem-se de troça, são esses aqueles que fazem as coisas facilmente, não só por serem nacionais nascidos por aqui, mas também porque têm amigos, amizades e relações diversas. Eu chamo-lhes os amiguinhos, compinchas de si mesmos e dos outros, para quem a vida não causa nenhum espécie de problemas. É dessa gente que tenho medo, pois estão muito próximo do reino animal, pelo que raramente

conhecem o prazer de pensar, a felicidade, ou mesmo o desejo de conseguir as coisas de um modo limpo, sequencial, lógico e coerente. Houve um tempo em que também eu brincava, até demasiado. Até ter uma causa por que lutar, um sentido, que partiu de dentro do meu próprio esforço, trabalho e vontade. Sim, na verdade não iria desistir de processar certas instituições de ensino superior, a fim de conseguir diversas coisas. Só, cansado, continuava a argumentar o trabalho a que tinha direito, o reconhecimento a que tinha direito. Mesmo que não conseguisse pagar a um advogado, iria defender-me sozinho, assim que a Procuradoria Geral da república me chamasse para lhes dar explicações. Entretanto, continuava a tratar dos dentes, a correr, a fazer e pensar em mil e uma coisas, inclusive na empresa. Mas não me podia cansar demasiado, chatear demasiado, o que na verdade se tornava bastante difícil dado que estava sozinho, não tinha a família para grande apoio nem mais ninguém. Pelo que procurava levar as coisas com tempo, gozando até da situação, como os locais. Por mim, estou mais que convencido que pode ser um caralho de uma situação que arranjaram aqui, que começa antes de mais pelo racismo. O que passei na Portela, no Alto de São João, no Parque das Nações. Evito pensar nisso, mas estou revoltado. Dou, dou, dou e a mim ninguém me dá nada, só recebo troça de gajo e gajas que se acertam em lugares refundidos, não que eu procure uma coisa organizada, como alguns, nem sequer provoço, mas quando vês toda a gente divertir-se, inclusive casais a beijarem-se à medida que tu passas, ficas a perceber perfeitamente porque é que um jogador francês disse que os portugueses metem nojo. Perfeitamente. Claro que podia tentar ser português, como eles, de certo modo, descer ao nível deles (isto implica alguma forma de racismo? porque é que tenho de ser eu a abarcar tudo isto?), dizer e escrever coisas agradáveis para ganhar prémios, lamber botas a muita gente. Mas, em certo sentido, eu não estou para isso, aliás, tenho mais mérito que muitos que andam para aí, escritores,

intelectuais e até futebolistas, porque fisicamente sou bom e intelectualmente também. A maior parte deles só é bom numa das duas coisas. Depois, há aqueles que só são bons em mulheres. Esses são os mais fracos, que canalizam as suas frustrações e fraqueza de espírito para o sexo, como de resto malmente aconselham os médicos. Poucos canalizam para a espiritualidade e as coisas da mente, depois no desporto e as coisas do corpo. Aliás, poucos são tão equilibrados como eu, fico a saber ao chegar a casa, que dificilmente alguém se aguentaria tanto tempo só neste país tropical quanto eu, iria logo à primeira dificuldade fundar e chingar para um garoto. Quando vêm, por aqui, um tipo zangado, chamam logo a polícia. Por isso tenho a polícia à minha perna, porque, de algum modo, batia todos os recordes em termos mentais e de disposição de espírito, sem pedir licença ou conselho a ninguém. De algum modo, sou o *Cândido* de Voltaire deste século...Mas bem, o que me estava a chatear era o facto de terem passado mais de dois meses e ainda não conheceria verdadeiramente ninguém. Não era do local onde vivia, podia até ser em certo ponto, talvez estivesse forçando o *sexappeal*, mas sentia-me bem, embora um pouco desorientado e cansado. Tinha alguma pressa de viver, de fazer as coisas, depois de tudo o que já havia conseguido. Esperava um email da América, sabia que teria de levar o seu tempo, teria de juntar dinheiro. Estava a preparar-me. Havia muitos como eu, nesta cidade, isso dava-me um sentido de empatia e companheirismo que não encontramos em muitos sítios, mas também havia quem competisse comigo. A impressão de ser bom, válido, confortava-me, talvez até mais do que o sucesso, simplesmente como quem chega a casa depois de um exaustivo dia de trabalho. Deixara de me concentrar em tarefas difusas e preparava-me para o caso em que processaria as universidades por onde andei, de modo a obter uma indemnização, trabalho, a defesa da tese. Era importante, para mim e para muitos, meus amigos e simples lisboetas. Era um questão de justiça, talvez

não tivesse mesmo nada contra ninguém em particular, embora tivesse bastantes razões para isso, havia gente a conspirar contra mim, que me odiava e queria destruir, mesmo fisicamente, mas eu continuava alegre e bem disposto, com pensamentos elevados, não me interessavam demasiado as grandes questões da humanidade, coisas de loiros, mas também olhava para os africanos como quem me dá a força para vencer um causa. Os meus, nada tinha contra eles, havia-os bons e maus em todo o lado, como em todas as cidades e povoados. A pouco e pouco, fazia levantar a meu respeito alguma simpatia, respeito e admiração, isso dava-me vontade pra continuar. Afinal, pouco se faz sem esforço, daquilo que realmente queremos conseguir.

O presente texto parte da constatação de que o desejo, ou a libido, é inerente à pessoa humana, à saúde da *persona*. Sem o desejo, ligado mentalmente ou fisicamente a alguém, não chegamos a ter a saúde que procuramos quando tentamos fazer tudo sozinhos. O amor é tão poderoso que pode o homem levar uma vida inteira para o encontrar e pode mesmo acontecer que não o encontre senão um reflexo dele, dele próprio face ao amor. Se o corpo é um receptáculo, também a alma o é, na medida em que esta pensa com o corpo. Assim, a felicidade é de certo modo o conteúdo da vida, da existência, da permanência em Si enquanto Outro, ou seja, a simbiose perfeita entre dois seres. Mas a este sentimento chamamos amor, sendo que há diferentes tipos de amor, para além da amizade. Outra coisa, a felicidade é um sentimento de preenchimento também, mas mais no sentido de uma aura ou auréola que encima a nossa mente (e a cabeça, fisicamente), uma forma ou fórmula que satisfaz, uma forma de satisfazer os pontos do nosso espírito em termos superiores, ou seja em termos de projectos e coisas a fazer ou de sentimentos a experimentar de modo mais ou menos duradouro. Por isso se fala em aura, por isso os santos (católicos, sobretudo) têm uma auréola, sentem-se preenchidos nos seus intentos para consigo e o mundo. Portanto, a felicidade tem a ver com um sentimento agradável em plano mais ou menos duradouro, ou seja, ter e manter a segurança do que se vai fazer no futuro e extrair daí bons e agradáveis sentimentos, seja de prazer físico seja espiritual ou intelectual. Por isso, quem casa se sente feliz, pois experimenta uma sensação de completude que advém da quase certeza que essa felicidade, esse sentimento de preenchimento, vai durar um, dois, três ou mais anos. Então como vêm os jovens a felicidade? Que sentido tem para eles ser(-se) feliz? Digamos que os jovens não sentem o mesmo tipo de atitude face à felicidade, realização

peçoal, ou seja, o que sentem não é distinto do que a nossa geração sente ou a anterior, mas os meios para lá chegar são outros. Desde já, servem-se da tecnologia, há ainda um certo romantismo generalizado nas relações, a sua felicidade é mais frequente mas instantânea, não se estende tanto no tempo. É claro que a felicidade depende de nós mesmo, do esforço de construção que dela fazemos, tal como uma equipa de futebol se dirige para a baliza contrária, mas também depende, em última instância, não somente em termos sociológicos ou de antropologia social, dos outros, ou seja, o sujeito está constringido a ser feliz e é isso que procura toda a vida, seja na zona de conforto seja fora dela e tal esforço depende também do esforço com que se fazem amigos. Assim sendo, a felicidade é uma construção, individual, social, que pode ser mais ou menos segura e forte, cimentada, mais ou menos duradoura e estável, mas depende de um vontade intrínseca do sujeito em ser feliz, de uma semente que tem, plantada por alguém ou desenvolvida com tempo no seio de si mesmo. Assim, tu tens uma concepção teórica da coisa ora porque estás apaixonado pela saber filosófico ora fazes disso profissão, ou seja, tens suporte financeiro para exercer prática filosófica. A meu ver, esta, juntamente com a sociológica e antropológica, é das mais nobres tarefas do ser humano, juntamente com o serviço social, mas todas se relacionam em diversos pontos e sentidos, umas com as outras. O filósofo torna real, por palavreado, o que não existe na mente da maioria das pessoas ou apenas existe do outro lado, do lado de lá, quiçá mesmo do lado de lá da vida, onde paira o espírito dos mortos e antepassados. Outra questão é a da arte, se de algum modo o filósofo é um artista e onde reside a felicidade, se na filosofia se no reino do senso-comum. Em boa verdade, a felicidade do senso-comum é imediata, imediatamente reiterada, talvez eterna, mas plena de armadilhas, pois lida com os mais profundos instintos da alma humana. A tarefa do filósofo, enquanto produtor (ou não) de textos, é solitária, infeliz e arriscada. Só

muito no fim consegue um ponto de felicidade, ora só, ora acompanhado. A resposta para o meu dilemna, ou enigma é o que está entre o senso-científico e o senso-comum, ou seja, é o bom-senso. Levei anos a perceber isto. Enquanto o sociólogo e o antropólogo estão integrados socialmente e não sofrem de isolamento social, o filósofo, por colocar tudo em causa, até o próprio deus, arrisca-se a permanecer muito tempo à margem da sociedade e, por vezes, a pisar terrenos da não normalidade, da loucura social e individual, a não ser que seja um pedante e esteja comprometido com pessoas poderosas, *lobbys* e poderes. Geralmente, gera muitas inimizades, como o próprio actor, mas isso faz parte do seu *affair*, do seu caminho. Se ensina, tem estabilidade profissional, repetindo o que outros filósofos (clássicos ou contemporâneos) disseram, escreveram, proclamaram. Mas, mesmo ensinando, terá tempo para filosofar? Filosofar verdadeiramente? Não é o labor filosófico qualquer coisa de exclusivo, subsidiado ou não, que tem a ver com frequentes reenvios para o domínio da experiência, do senso-comum, da arte?

Ideia bastante romântica, a do convento, que evoca um espaço e uma circunscrição de relações sociais totalmente diferente da sociedade, aberta, da rua, num estado democrático. Enquanto o convento tem regras próprias a que obedecem os regrantes, pobreza, castidade e obediência, na sociedade propriamente dita simultaneamente há regras e não as há, há ética e não há, tudo em nome da liberdade de iniciativa individual, pelo menos nas economias liberais. Enquanto visiono *Delicatessen*, penso que sorte tenho eu em estar vivo e vivo moralmente, de certo modo. A felicidade é também isso mesmo, reconhecer na dor uma rampa para momentos mais elevados, que não são fixo nem predeterminados, nem tão pouco meramente previsíveis, mas acontecem e se somamos esses momentos na biografia eis a chave e o estado de felicidade. Assim, a vida é como uma narrativa, estamos sempre observando o mundo por autoreferenciação mas também tiramos amiúde conclusões acerca da realidade, humana, vegetal, animal, ou seja, todos somos um pouco etólogos para nossa orientação na vida social e todos somos, sobretudo no que diz respeito ao comportamento sexual, não vou dizer pouco, mas bastante moralistas. Tal depende da nossa tradição judaico-cristão, mas creio que essa tradição, entranhada em nós, faz de nós grandes especialistas particularmente interessados no sexo e nas relações sexuais e/ou afectivas, Jung ou Marcuse explicariam isso, quero dizer, há uma certa dose de recalçamento no nosso comportamento sexual, que tem essencialmente, diria na esteira de Freud, a ver com uma pressão na consciência que propulsiona, compulsiona, um forte instinto sexual. Diria que todos, no nosso país, bem como na vizinha Espanha, somos também obsesivo-compulsivos relativamente à nossa sexualidade, ou seja, reprimimos para realizar, praticar. A nossa mente funciona então, relativamente à sexualidade, como uma mola, abaixa-se, comprime-se e

depois solta-se quase automaticamente, como se esse movimento constituísse o todo da nossa atitude face ao sexo. Também creio que o facto de sermos, em certo sentido, “ilheús continentais” nos tornou mais conquistadores, juntamente com os espanhóis, do que outros povos, mais miscigenadores e “apóstolos” do luso-tropicalismo do que outros que nos secundaram na denominada expansão europeia que, para mim, foi apenas e tão somente a tentativa de confluência para os diversos pontos donde germinou a humanidade: África, Ásia, Américas. Recentemente, sem ler grandes especialistas sobre o assunto, percebi que a saúde psíquica está (pelo menos na minha pessoa) intrinsecamente ligada à libido, ao desejo, satisfeito ou não. Na verdade, tendo passado três semanas sem realizar afecto, sentia-me mal, exausto ao acordar, quase morto, física e psiquicamente, com o pensamento absolutamente parado. Tendo-me tocado um noite após esse tempo, acordei leve e bem disposto no dia seguinte. Por outro lado, tenho absoluta certeza que se tivesse tido intercurso me sentiria ainda melhor e se fosse com uma pessoa com quem sentisse amor, maravilhosamente. Porque então certas pessoas crêem ser as relações sexuais descartáveis em favor da carreira? Porque estão fixas na carreira...

Na verdade, o sexo é qualquer coisa de tão importante e a sexualidade algo de tão poderoso que está, inclusivamente, reservado, o a ela é atribuída, uma certa marginalidade, ou seja, as relações convencionais acabam em pouco tempo e proliferam as ocasionais. Enquanto umas têm a ver com o território e necessidade de sua conquista, outras são poéticas, outra ainda institucionais, obedecendo a um certo “contrato”. Precisamente, a chave na psiquiatria é que a doença produz um fechamento do Ser. Simplesmente, apercebemo-nos que há pensamentos que não são nossos, que pedimos emprestados a outros Seres, ou seja, o conteúdo do pensamento é inevitavelmente social e não se pode reduzir a um qualquer sentido de unicidade (individual) do Ser... O sexo funciona como porta, ora de abertura, ora de fechamento, do Ser, no sentido mais radical, seja da reprodução seja da *jouissance*. Muitos optam por esses recurso para se manterem saudáveis, ou seja, mesmo em termos de gestão da felicidade, optam por um a posição de abertura face ao Outro, outros optam, sobretudo em idades avançadas, por posturas de fechamento, num regime de recordação de memórias e trânsito de imagens do que acontecem no seu passado relacionadas com aquelas que lhes oferece o presente, mais ou menos estáticas. Esta penso ser a melhor função do convento e dos seminários, ou seja, criar vidas interiores dotadas de imaginação, por vezes fortemente sociológica, e de um carga simbólica altamente potente. O convento é, assim, uma espécie de réplica da sociedade, um simulacro, no sentido baudrillardiano, que se oferece ao próprio Deus, ou seja, à própria sociedade, ao melhor da sociedade, aquilo que a faz sobreviver enquanto uma espécie de "magma movente" no tempo...

Sentado à secretária, ou andando de um lado para o outro, ouvia música polifónica andaluza que o meu companheiro Estêvão trouxera depois de uma viagem a Cartagena. Procurava entrar no espírito dele mesmo, no que o levara a ir até lá, uma região pouco conhecida da maioria dos portugueses, depois o ambiente que terá rodeado a sua morte por AVC, poucos meses depois, um ou dois meses de ter cortado relações comigo. Saudades que tinha do tipo, um tipo correto, conversador, finalmente inteligente mesmo para engenheiro, gostando de música, literatura (Ernst Jünger, particularmente), um tipo que sabia estar, falar, até abordar as miúdas com o à vontade e falta de ânsia que eu nunca tivera, já viste pá, o mau maior parceiro desapareceu-me, fogueira, dizia ele. Ficava assim, fumando um cigarro não com muita vontade, surpreendido pela sorte que tinha em estar vivo e ao mesmo tempo com medo da aventura que tinha de fazer sem ele...sobrava-me o Dany, o eterno, com quem sempre tinha as mais intelectuais das conversas. Sabia que no fim de tudo talvez nos viéssemos a encontrar, mas teríamos de cumprir por ora caminhos diferentes, eu sempre entre a aldeia em Lisboa e com a possibilidade de uma viagem ou outro ao Canadá, França, nórdicos talvez, ele com um caminho que eu desconhecia de todo, entre estar aqui na aldeia e dar o salto para fora, pois estava tão farto deste país quanto eu próprio, que na verdade muitos defeitos tinha. Depois de aturado pensamento, concluí que Estêvão morreria ébrio de vinho, mesmo que eu o tivesse visto lúcido na última visita ao Hospital de Coimbra. Sim, ele estava implementando um negócio de vinho e tratava ele próprio da sua vindima em casa dos pais. Não acredito que tivesse sido ultrapassado com problemas existenciais, que nunca tivera, nem outros, nomeadamente económicos. Sim, Estêvão morreria ébrio de vinho. Uma descarga qualquer de Baco ocorrera sobre ele e acredito que, apesar do sofrimento, teria fenecido de certa maneira feliz. Gosto de

acreditar nisso, mais, gosto de acreditar que está bem melhor do que eu, com as minhas chatices todas a propósito da humanidade.

Eu estava, por essa altura, escrevendo filosofia sem afecto, ou ficção sem afecto, quero dizer, sentia ainda o que dizia, o afecto ficava para o fim, mas não retirava prazer algum do que escrevia, para além de um outro café que bebia. O mesmo se passava com o tabaco, nada me dava prazer, nem sequer as mulheres, embora sonhasse obsessivamente com mamocas. Decidira de colocar um processo cível às várias universidades por onde passara estudando com vista a obter três coisas precisas: 20 euros por cada dia que a minha irmão me tinha dado em vinte anos de produção literário-científica, dinheiro para a discussão pública da tese de doutoramento e provavelmente da de pós-doutoramento, o que perfazia pouco para de três mil euros, depois um lugar de professor. Esta movida dava-me um sentimento de enorme potência, para além da contundência, ante a sociedade, um sentido de que inclusive estava a fazer qualquer coisa para ser qualquer coisa como por exemplo uma figura pública. Mas não é que tinha razão? Afinal, eu valia, entre os diversos registo de comportamento e pensamento, bem mais do que pensava, bem mais do que muitos, é certo. Mas isso não me fazia sentir especial, continuava sozinho, a viver sozinho, na casa dos pais e na cidade e sabia, desconfiava fortemente que as relações entre as pessoas estavam cambiando fortemente, bastante depressa e que se não fosse sagaz e persistente, não teria sorte. Por outro lado, eu sabia perfeitamente que, noutras condições estaria bem longe daqui, bem longe até da malandra Lisboa, se tivesse tido apoio, fosse dos meus professores e conhecidos, bem como instituições, fossem do meu próprio pai, agarrado a Riachos como aos seus próprios ossos. Aliás, não via com bons olhos uma certa antropologia portuguesa no meu balanceio entre Riachos e Lisboa, heróico decerto, que durava desde os 19 anos. Eu tinha 47 anos! Estava ali, naquela aldeia, e não falava praticamente com ninguém! Conversa nenhuma

de jeito e maneira! E ninguém me dizia nada e eu sabia que tinha de ser eu a mexer e quando isso acontecesse, vinha tudo de uma vez, fama literária, pré ou póstuma, fama académica, mulheres, admiradores e admiradoras, seguidores, discípulos até, prémios, entrevistas, televisão, imprensa, revistas científicas eivadas das minhas descobertas. Contudo, sabia que neste país isso simplesmente não ia acontecer. As pessoas continuaria a chamar-me de soslaio de maluco, de esquizofrénico, de tuc-tuc e tudo e mais alguma coisa, mas estavam recusando fazê-lo frontalmente e de toda a forma menos o faziam, porque eu conquistava, de um maneira ou de outra, um poder quase intangível de tão forte e incisivo e isso ia de par com o aguçar e intensificar da minha inteligência. Mesmo que não convivesse com as pessoas, mesmo que não estivesse nos meios, talvez por cariz de personalidade e acho que esse factor talvez fosse, esse relativo isolamento face à "fama", a chave de toda a minha genialidade criativa, nos termos do literário, do filosófico e do científico. Mais, a inspiração aprecia não abrandar, como quem abre as comportas de uma barragem com carga de água insuportável. Acho até que o que me motivava eram os meus amigos, não apenas Estêvão e Danny, mas muitos, muitos mais que eu tinha para além do imaginado. Teria até bastantes admiradoras, mas os meus esquemas mentais de sedução, pelo facto de serem absolutamente originais, impediam o desejado acto. Ali, estava, então como num museu, um antropólogo ao serviço da aldeia, sem nada fazer, quando era ele que fazia diferença, sempre fizera, em Lisboa ou em qualquer lado, ignorado pela comunidade antropológica pela cariz filosófico do seu projecto, ninguém nada lhes dizia mas afinal ela era sempre simpático para todos especialmente os que mais sofriam. Troçado por depender da irmã, contudo produzindo teoria em favor da humanidade quando a humanidade nem uma mão lhes estendia. Teria sido assim como quem? Com muitos e muitas brilhantes estudantes? Com Nietzsche? O que era preciso aguentar, ainda

por cima para conseguir uma cátedra em Filosofia, quando a maior parte a consegue, sem tamanho mérito, aos 24 anos? Dava que pensar, dava e também muita raiva, vontade irada de não amouchar a ninguém em Lisboa. Afinal de contas eu sempre fora um rebelde, desconhecia as minhas verdadeiras forças para mudar as minhas circunstâncias e até as dos outras, as da realidade, em termos latos e, interrogava-me seriamente, porquê a religião e minha adesão ao seu carácter pacífico? Porquê a filosofia? Dava que pensar...bastante, mesmo bastante. Sim, em toda esta situação sentia-me verdadeiramente uma coisa só: espanhol. E porque escrevia afinal, em português? Sim, não desistiria de Lisboa, pois sabia perfeitamente como era em Espanha ou mesmo em França. Talvez procurasse um pouco de excitação, *excitment*, dizem os ingleses e americanos e talvez viesse a provocar tudo isso. Por outro lado, poderia sempre levar as coisas para o caminho do afecto, do sexo até, de um prática sexual mais ou menos desregrada, libertando absolutamente os sentidos, os sentimentos, reprimidos durante séculos de existência...Para tal talvez estivesse mesmo no país mais que certo...

Os meus problemas psicológicos e da vida em geral estão relacionados com grandes questões que tem a ver com o modo como funciona a alma humana, mas também a ver com a minha infância e adolescência, mas juventude também. Escrevo eu aqui sobre mim mesmo nesta noite de insónia porque ainda não tenho a felicidade de conhecer personagem algum para além de mim mesmo, talvez devido a dificuldades monetárias que o meu estado não pode suprir. Assim, estou aqui nesta merda desta terra fazendo a mais pura da filosofia e continuo vindo cá, pela desculpa de ver os meus pais, onde vejo a maior parte dos muitos lorpas que sempre, de uma maneira ou de outra, me foderam o juízo. Se não sou santo é porque faço sexo e mesmo esses o fazem. Aliás, o santo é uma espécie de Deus, que compreende toda a gente e que, com a sua mente e o seu coração, abarca o

sentimento de todos num determinado contexto. De uma maneira ou de outra, acho que vou conseguir, olho para o meu primo lá na British Columbia, vejo na mini-tv um concerto do Erasure em Nashville e penso que também me safaria na América, como de resto em França. Tenho foco e capacidade de sofrimento para muita coisa. Talvez me falte apenas visitar cadeias e cemitérios, pouco mais tenho a fazer na vida, dar umas valentes quecas, estar com os velhotes, falar com o irmão, estar com os sobrinheiros, acompanhá-los, ajudar o Luís e a Sandrina no que puder, enfim, continuar a escrever e publicar a minha interminável história que nada tem de notável se não fosse, por fim, o reconhecimento de que poderia ter feito muito mais, não sei, talvez se me tivesse dedicado exclusivamente e desde cedo à filosofia tivesse sido mais sorte e admiração, mesmo à antropologia, faltaram ali certos elementos na minha personalidade que muitos professores e colegas reconheciam, muitas vezes falsamente, ter, mesmo assim terei feito um bom caminho e preparo-me para continuar, ajudando os jovens, não peço nada por isso, mesmo em termos psicológicos e psiquiátricos, sei de tudo um pouco, sinto-me realizado profissionalmente, publiquei bastante, é óbvio que gostaria de ver a minha obra traduzida e lida em outras línguas, mas como a maior parte dela é confessional, como muita da literatura americana em geral, ficará muito tempo reservada, confinada, a esta língua, o que não é mau, vai-se sofrendo que nem um cão, sempre com pouco dinheiro e afecto nenhum, mas a coisa compõe-se, dá para continuar, sempre há motivos para tal. Lembro-me do mais recente *Paterson*...não sei bem a que propósito, talvez a propósito de *Silêncio*, lembro-me do protagonista, talvez tenha ouvido falar de mim, afinal estou na net e sei que haverá na América uma dúzia de pessoas que já terá ouvido falar de mim.

Sem ressentimentos, penso positivamente. Daqui a um par de semanas, tenho dentes novos, talvez possa mudar de óculos, pois estas lentes escuras, sobretudo durante o dia, não me favorecem em jeito nenhum, embora os óculos sejam bonitos. Sempre quiseram fazer descrições literárias sobre a minha vida e a dos outros, afinal é essa a verdadeira literatura, a clássica, pelo menos. Mas bom, depois mando imprimir dois livros, *Do Lado de Cá da Vida* e *Transe*, só para ter comigo e eventualmente mostrar a quem for lá a cas. Mando imprimir dois exemplares da tese de pós-doutoramento, um texto provisório que tenho preguiça imensa em afinal. A filosofia está sempre no horizonte, mas a concretude fascina-me, ata-me, como a muita gente que não tem coragem para voar e desligar o pensamento do mundo, quando, essencialmente, a filosofia é, antropologicamente ou não, o Mundo...

Descobri, além disso, neste recanto da Pensínsula Ibérica, o meu intento de tanto tempo: tenho tanto desejo, vi tanta trampa de sexo e ejaculações diversas que levaria o resto da minha vida a pôr aquilo tudo em prática, a representar na tela real tudo aquilo, taradice do caraças, quando foi tudo pelo cano abaixo e agora já não tenho forças. Prefiro inventar um romance ou outro, talvez secretamente e sonhar com uma fama literária, modificar um pouco a minha personalidade para fazer evoluir a minha empresa, fazer um ou outro lançamento dos livros, procurar um editora que me publique, enfim, andar um pouco na internet, banalidades do dia-a-dia. Em tudo isto, sinto-me observado, acossado, falado. Talvez seja isto a fama, coisa que desejo em absoluto, por último, o que me dará a chance de continuar a trabalhar e amar. Sobretudo amar (será possível, apesar da fama?), sempre procurei amar e em certo é isso que me mantém são, procuro sempre a mulher ideal com que fazer intercurso ou viver. Oiço *Erasure*. Por aqui ninguém gosta ou sequer conhece. Ou acha uma aberração. Gostam, na sua maior parte, de Rolling Stones, coisas pop metálicas, Xutos e Pontapés,

coisas pouco inteligentes do tipo encher chouriço toda a noite com a gaja que se oferecer. Eu também gosto, mas gosto de mais coisas, de uma ou outra coisa mais sensível, ternurenta, inteligente. E olho para mim, penso no meu velhote casmurro a dormir e vejo claramente, também no pequeno Rafael, um pouco de mim, mas também na pequenita: não foi aqui que tudo começou, esta aventura da escrita, aos doze anos com a máquina Messa? E, tendo chegado aqui, a uma tese e pós-tese, que sei que é boa, não terei sequer senão um Bom, depois de tanto esforço, a maior parte do tempo só, sem miúda para discutir as coisas, com beijinhos e abraços, no baila, na discoteca, quando na verdade fugi a uma vida que a maior parte leva, a de dandy com carro bom e moçoilas lá atrás, quando até vendo bem tive das duas coisas e em grande quantidade? Vendo bem, há que relativizar primeiro as coisas para lhes dar um valor profundamente transcendente em termos metafísicos. Nem mais, tive mais mulheres que alguma vez imaginaria vir a ter, amigos talvez também, professores igualmente, ideias e palavras também, dinheiro até também e nem sequer foi preciso trabalhar por aí além. Realmente, tive uma vida que se costuma dizer "do caralho". Nesse sentido, produzi absurdamente e com uma genialidade que talvez seja internacional, daí ter forjado o Taigen... A habilidade deste senhor consiste me dar a volta no mesmo sítio, mesmo depois de fazer borrada, sendo que muitos não dão atenção, só censuram e não vêm o sentido artístico ou meramente literário da coisa. Na verdade, esta singela aventura, biográfica, ou autobiográfica, colossal e social, terá começado apenas com uma mera canção, Ship of Fools. Se não a tivesse ouvido naquele minuto, talvez tivesse tido uma aventura infeliz, mais infeliz, ou mais feliz, afastado da sociedade, numa outra sociedade, bem mais pura e previsível (se uma ou outra coisa têm a ver uma com a outra). Ou não, talvez viesse a ter um clique parisiense mais tarde, ou mais cedo, não sei bem, de facto talvez se tivesse ficado em França tivesse mais cliques e não fosse tão feliz quanto o

sou aqui e agora, nestes dias de dificuldade económica, ou uma e outra coisa são uma e a mesma coisa, não sei bem, mas talvez vá até lá acima conferir quaisquer registo mnemónicos que cá tenho gravados na verve. Lembro-me da freira madeirense. Que é feito dela? E do Frei Luís...onde está esse tolo? Talvez na Guiné, rodeado de pretas retintas. Lembro-me do Frei Álvaro, que está aqui perto e imagino a órbita das pessoas que me tocaram...ainda existem, mesmo os professores, muitas pessoas em Lisboa e outros lugares do país e do estrangeiro, a família...enfim, estou rendido a continuar e talvez venha a escrever, como diz o Danny, verdadeira literatura quando conseguir e consentir o estrelato, com enredos, paisagens, cenários humanos e sociais, relações, intrigas, tensões psicológicas, saídas, crimes, tudo o que um bom romance traz em seu seio e abandone esta miserável vida de analista sociológico-mental do meu país que me faz parecer in-dignamente o maior mas que me deixa sempre sozinho na cama.

Os meus pensamentos estavam confusos naquela noite. Não conseguia dormir. Mesmo em relação ao meu melhor amigo, que não era tão amigo quanto na minha cabeça, os pensamentos eram difusos, estranhos até. Via o seu lado trocista e antiquado, falsamente corajoso, falsamente académico. Mas enfim, sabia que era eu quem tinha de alimentar a amizade, a pretexto de termos sido amigos de infância, de termos pais e mães com algumas afinidades. Mas ele era muito diferente de mim. Desde sempre estava em competição com ele. Agora tinha de correr sozinho, sempre teoricamente mais corajoso, mesmo em termos de costumes, mesmo em termos físicos, para não dizer espirituais. Eu sempre correria por fora, neste país. Talvez porque estivera demasiado tempo por dentro. Mas agora estava bem por dentro. Talvez fosse mesmo a maior sensação intelectual dos últimos anos e nem disso sabia, nem uma mulher com quem conversar tinha. Por isso sentia que havia discriminação para comigo, conspiração, até, muito por

inveja do meu suposto brilhantismo intelectual, muito por inimizade aos meus pais e família, também por preconceito, devido à licenciosidade do meu comportamento. Mas, noutra contexto nacional, isso passaria perfeitamente desconhecido. Por isso, decidi ir defender a minha tese aos Estados Unidos, à célebre New School for Social Research, ao mesmo tempo que escrevia isto. Era uma questão de justiça. Seria caso para uma semanita, preparar a tradução, as malas e ir até Brooklin. Tinha de ir sozinho, vestido à italiana, passaria decerto facilmente por francês devido ao meu cabelo branco, não era jovem, pelo que não despertaria grande interesse se não fosse, como é costume por aqui, estúpida e inutilmente simpático com todos (depois, em certas circunstâncias, também bastante agressivo e mal-educado, é certo, mas isso por outras razões). Pelo que havia estado a correr por Lisboa, tinha ganho certa forma física e continuaria a fazê-lo, não puxando tanto, em distâncias curtas, gerindo mais o meu esforço, cumprindo distâncias um pouco mais longe. Lisboa, apesar do meu stress por ela, tinha um bom par de razões para ser a cidade onde iria preparar a viagem. Tinha o guia, alguma roupa. Iria ser dali a dois, três meses no máximo. Só precisava de arranjar dinheiro. Se fosse à Suíça, seria bem mais fácil, na França, como faca quente em manteiga. Talvez pudesse promover por lá a minha obra literária e o meu bom nome pensante, mas de certo modo, por todas as referências assimiladas, eu sabia como era a América: muito imprevisível, muito intensa, profunda e inesquecível. Por isso, como estava ficando velho, tinha de ir. Agora, com esta ideia, podia arranjar alguém em Lisboa que ficasse encarregue da empresa, duas ou três pessoas, alguém com quem namorar um pouco (o amor? Em Lisboa ou Nova Iorque?), um ou dois amigos, novos e verdadeiros amigos. Para mim, era a derradeira aventura. Quando regressasse, iria começar uma vida nova dando aulas numa universidade, em Lisboa ou em Braga, talvez casasse, ter filhos não estava no meu horizonte. Cuidaria dos

meus sobrinhos, como sempre, sabia que um dia mais tarde talvez o Rafael ou a pequenita fossem para fora, para um país que lhes desse essa especificidade temático-profissional que todo o ser humano precisa para se afirmar no estreito mundo do trabalho e vida adulta. No fundo, lembrando Paul Auster, estamos todos, adultos e até pequenos, reproduzindo mimeticamente impulsos que têm a ver com um código genético de produção e reprodução de sentido que tem a ver com a sedução, ora concretizamos ora não, mas a nossa vida, até a religiosa, gira em torno disso tudo. Eu, neste pequeno país europeu, busco o amor, o amor que perdura, não o encontrando talvez precise de viajar, muita gente diz, os mais experimentados, que o melhor da vida é viajar. O meu pai nunca foi disso, muito menos a minha mãe, espero não vir a sair a eles, mas sei que um dia vou encostar a um canto, num canto de um café, rodeado de amigos e vou estar noites e mais noites lamentando-me do que fiz mal e do que poderia ter feito bem, dizendo bacoradas sobre tudo e mais alguma coisa, mas até vangloriando-me vaidoso dos meus feitos, como muito fazem de resto no café ali mais acima de onde eu escrevo. Lembro-me agora, curiosamente, o meu pênis é pequeno, raramente chegou aos dezasseis centímetros. Já agora, isso é ser pequeno? Dirigia-me ao país obcecado pela sua grandeza. Depois lembrei-me dos chineses, que têm fama de o ter também pequeno. Só que o deles é mais rijo devido aos insectos e tofus que comem. Sim, sei perfeitamente que o tofu é japonês. Por isso os admiro, talvez seja a civilização, a meu ver, mais admirável. Tive a lembrança de que não devia fazer sexo quando lá estivesse. Depois pensei: e um filme porno? Puxa, nem aqui nem lá. Nem em lado nenhum. Mas um, com umas boas gajas, de boas mamas, eu sozinho, com quatro ou cinco tipo, numa cena de montagem altamente robótica, sei lá, pra trazer pra cá, pra guardar, como uma espécie de tesourinho deprimente. Mas depois julguei, olhei para mim mesmo: eu sempre procurara o romance, poderia acontecer lá, já que não tem

acontecido aqui. Merda de país este, pensam que eu só penso em porno, discriminam-me e acham que a filosofia tem a ver com isso (e não vêm porno a maior parte dos filósofos portugueses? EM minha opinião, demasiado porno, devo dizer). Para mim, está tudo ajustado, os de cá e os de lá, tudo menos eu, em termos profissionais e sentimentais. Sim, porque em termos mentais, está, só que eu não tenho visibilidade. Fala-se de mim, do que fiz e não fiz, do que sou capaz. Mas sei que porno e convento não jogam. E a maior parte das pessoas vê nisso grande oposição, contradição, incompatibilidade. Mas é verdade. Só que em mim não aconteceu assim. Mas será que iria à América encontrar um amor masculino? Quem sabe...quem sabe. Talvez por isso ficasse por lá. Passaria decerto por francês ou espanhol, levaria barba rapada com um pequeno bigode, assim esconderia o ar italiano das minhas roupas. Depois, pensei, podiam apanhar-me em diversas armadilhas, tinha de me conter quanto ao fumo, proibido na maioria parte dos locais em Brooklin, podiam apanhar-me a fazer amor com alguém e filmar essa cena, mas vá a vida não é só isso, é muito e muito mais, por lá, como aqui, já ninguém liga a isso. Mas, decerto, o meu estado de espírito era este: eu mais facilmente voltaria a entrar numa igreja portuguesa do que numa América: talvez nunca tivesse a coragem de o fazer, a minha estrutura psicológica de católico (que por cá não era assim tão evidente, mas por lá teria certamente algum valor, em termos de afinidades para com diversas pessoas, não em termos de conquistas, de cama) estava quebrando e eu notava que a da minha irmã também, ela estava com uma grande depressão e eu era muito culpado por isso. Merda. Sim, a América não era só sexo. Era também, religião. Mas nem só. Era também política, activismo, intelectualidade, cultura, boa comida, mulheres interessantes, pessoas interessantes que levam até ao tutano a vida. Outra, seriam certamente mais burras. Mas eu seria burro com elas. Sentia que o meu desejo de empatia estava bem longe, nem sequer em

frança, em muitos lugares, mas bem longe daqui. Eu sentia uma propulsão analítica da realidade e de mim mesmo que chegava a uma clarividência assustadora, pensava para mim mesmo. Mas muitos sabiam do que eu era capaz, pelos meus escritos, pelos meus ditos, pelas minhas atitudes. Não podia desistir da carreira universitária, teria de ver o meu trabalho reconhecido, sobretudo fora dos compadrios e conhecimentos miserabilistas e mendicantes deste país. Para dar um grande bofetada de luva branca, não diria grande coisa a ninguém. Apetecia-me propalá-lo a toda a gente como faço ingenuamente, tal como uma criança, em tudo o que faço. Penso que todos são tão "puros" quanto eu, tão manifestos, tão abertos. Mas depois fecho-me. Espero que o miúdo não venha a ser assim. Seja como for. Que filme vejo? *Infidel*, de Adrien Lyne. Hão-de cederto encontrá-lo após a minha morte, aqui em Riachos. Afinal, descobri a essência do ideal americano: "let's fuck the ideia". Mas tudo bem, queria escrever mais e mais sobre o que pensava e ilusionava-me com o engenhoso pensamento que eu tinha sobre as minhas coisas, claro, eu pusera afinal tudo em causa e o facto de, pelo menos como escritor e antropólogo, não ser bem-sucedido, devia ao facto de ter um grande e disfarçado Ego, mas para mim estava tudo bem, era a vida e de certo modo, em termos meramente narrativos, eu permitia que os outros se vissem através de mim, que vissem em mim as mais variadas e um todas as variantes personagens que eram eles mesmos. Zás.

Eu queria preservar um certo ideal de romantismo português, género Alexandre Herculano, mas, sinceramente, não estava preocupado com isso, poucas vezes havia sido verdadeiramente feliz por aqui, com ou sem mulheres. Mas, por exemplo, havia sido feliz, por momentos, sentindo ardor em todo o corpo, sangue por todo o corpo e o espírito atenta e ao mesmo tempo desconcertadamente desperto, quando estivera com um grupo de jovens americanos no metro em Lisboa, nos tempos em que

frequentada o Centro Abraham Lincoln. Depois, quanto a Nova Iorque, lembrei-me que mesmo que estivesse pouco tempo, podia vir a meter-me com uma casada, puxa, depois o marido podia vir ter comigo e dar-me uma marretada na cabeça. Ficava esborrachado da carola esvaindo-me para sempre num quarto de hotel nepalês ou coisa do género, bem longe do meu Portugal. Depois pensei na sábia natureza das crianças, das perguntas das crianças, no meu Rafa, na minha pequena, no pai sociológico ou "cultural" que, de algum modo, eu representava para eles, ou era simplesmente o tio, o tio um pouco maluco que estava quase sempre divertido e os estimulava intelectualmente, mesmo não tendo mulher que eles conhecessem, pois fazia falta mais gente lá em casa para animar as coisas, também sentia que a mãe queria conhecer alguém da minha parte, alguém que me amasse e eu, na verdade, nunca me tinha preocupado verdadeiramente com isso, sempre pensei que ela que queria impedir de arranjar alguém... Mas bem, talvez nunca fosse realmente a Nova Iorque. Sabem, eu era antropólogo, o que para mim significa entender tudo e ser acessível, ser um psicólogo sem soldo, um sofista sem soldo, para mim qualquer mulher servia, em Lisboa, se fosse uma bomba então era logo a marchar, mesmo que fosse tola, eu era assim, compreendia-as a todas, mas a verdade era que elas, as melhores, mesmo as intelectuais, estavam com os outros e maior parte era comprometida. O meu tempo de acasalar passar, eu talvez estivesse também passando do prazo, tinha 47 anos, mas estava-me aguentando bem, física e mentalmente. Sabia que havia muita mulher solteira, casada, divorciada que dava tudo para ter um homem como eu. Vivemos num certo silêncio, quando a isto, de moderação de costumes. Por outro lado, o sexo e o amor têm dessas coisas, a libertinagem, de certo modo organizada, é bizarra e insana. Nunca se fornicou tanto como agora. E eu em crise, em falta. Por isso digo que há uma conspiração. Sou eu e o Sócrates. Desconfio mesmo que ser for discreto e educado, esguio e matemático, posso ter

qualquer mulher. Até agora deixei correr, mas a partir de agora sou um homem experimentado. Posso não ter tanta força, mas tenho mais inteligência, provinda da grande experiência. Porque, nestas como noutras coisas, adquire-se mais sabedoria no erro do que na vitória. Isso poucos sabem.

Desisti da ideia de visitar o Dr. Bento no Hospital e de ir de novo ao grupo. Talvez tivesse desistido da psiquiatra. Ou talvez não, talvez me sentisse um psi de mim e dos outros em que estava metido e isso dava-me alguma responsabilidade de certo modo social e um sentimento de não-banalidade face aos outros. Depois, no meu canto pensava, nem todas as pessoas procuram fama o serem mundialmente conhecidas, muitas querem apenas serem felizes e têm imediatamente e imensamente respeito pelo que as rodeia, mas o humano é oportunista, quer singrar sempre logo que lhe dêem uma oportunidade, pelo menos eu pensava assim, eu quis sempre singrar e talvez porque ir com muita fome não tenha captado as manhas de outros, mas no meu campo, no meu país, era sem dúvida, o melhor, disso tinha plena consciência. No campo da Antropologia Filosófica, apesar do porno, era o melhor, ninguém fazia melhor essa ligação entre filosofia e antropologia, ninguém, absolutamente ninguém. Na literatura, talvez não fosse o melhor, era talvez a melhor revelação no neorrealismo, mas mesmo esse tinha acabado. Porém, era melhor do que Mia Couto, Gonçalo M. Tavares, Ondjaki, Agualusa, e mesmo bastantes outros mais velhos e premiados. Só não era melhor que Saramago porque o imitava. Mas já estava perdendo essa mania, que me serviu de muleta durante algum tempo. Depois, também era bom em poesia. E tinha consciência, pelo menos pelo extremo e penoso cansaço que senti todas as manhãs durante dois anos, a minha tese era notável, absolutamente invulgar e original, de classe mundial. Não era rebuscada nem pomposa ou pretensioso nem sequer usava grandes palavras caras como o faz grande parte da filosofia

(pelo menos a portuguesa): era magnificamente simples, é só o que tenho, como a de um sábio, que vê a vida tão complicada e a dos seus também, que acabe, pelo sofrimento, de cair numa simplicidade assustadoramente compreensiva de tudo, que vê tudo, um pouco ao jeito do discurso da maioria dos antropólogos, a quem se dá pouca atenção e valor, sobretudo face aos sociólogos (que se referem sobretudo à classe em vez do globo, da humanidade, do seres concretos enquanto sendo e fazendo parte de um todo), um pouco ao jeito de Eliade, um conhecimento fechado, como se fosse na Idade-Média, em que tudo fazia sentido num universo fechado, mas bom, deixaria sempre friestas, abertas para alguém compreender mais, mais do seu próprio conhecimento, muito para além de si mesmo e de quem a quem iria transmitir, se acaso o fizesse. Por isso tinha de dar conta a alguém de fora, não queria de início fazê-lo, pois apostei em Portugal e afinal era um tipo humilde. E vi que em tudo isto o porno tinha a merda de uma importância nula. Na minha cabeça tudo estava claro e organizado. Apesar do sofrimento, o porno era um escape, uma descarga, como ir a uma festa e arranjar uma qualquer. Tinha chegado a esse ponto, de um quase dependência. Talvez o tivesse sido em tempos, talvez viesse a ver muito mais se o meu espírito se abaixasse e sentisse ainda algum desejo e imaginação. Sabia que, em certos momentos, era um escape, como o escape de um carro a gasóleo, que anda normal ou anormalmente mal. Sabia que quando arranjasse miúda deixaria, ou não mas sabia que a pressão das responsabilidades sociais, essencialmente políticas, tem a ver com o sexo e a porcaria do porno. Se eu era doido, gente mais doida havia, pelo menos eu era reservado, contido, mantinha uma assombrosa calma e controle interior sobre mim mesmo. Por isso muitos não gostava de mim, eu metia nervos, estava sempre a pensar, a magicar, não era espontâneo no sentido de ser porco, labajão e brejeiro. Sabia, por último, brincar finalmente com o desejo, excitar um mulher, mais por telefone que presencialmente, como é

óbvio para mim. Talvez desse um bom sexólogo, pelo menos tinha um blogue sobre o assunto e com sucesso considerável. Como eles dizem, percebi que "enough is enough". Eram seis da manhã e ficara a escrever. Sim, eu relativizo a minha própria história, por mais admirável que seja, por mais admirável que ela seja. Sinto bons momentos, como qualquer um. Talvez os tenha merecido. Talvez tenha de sofrer ainda mais por eles. Daqui a pouco iria ver a minha velhota de novo, levantada da cama, agora menos faladora e entretida no pequeno espaço das casas e dos jardins. E o velhote, sempre para cima e para baixo. E os pequenos. Um almoço em família. Mais tarde, o comboio (seca) para Lisboa e o início da grande aventura. Entretanto, pouco tenho escrito nos dois cadernos em que ando ocupado escrevendo alguns teoremas sobre a vida humana, o comportamento em geral, algumas descobertas que vou fazendo fora de um ambiente universitário. Não encontrei mulher alguma, nem que trouxesse cá a casa, nem que fosse a casa dela, vejo muitas na rua, olho para algumas, sobretudo as loiras, interessam-me as loiras, as nórdicas. Encontrei-me com uma outra americana, mexicana, entretanto venho correndo há duas, vai fazer três semanas, quase todos os dias, consideráveis distâncias, ouvindo música dos anos oitenta. Chego a casa cansado, mas penso não desistir, pelo menos enquanto houver caso, casa e esperança e ir defender a tese à New School, embora nada me tenham dito ainda, pelo que continuo, numa *poussada*, procurando arranjar dinheiro para realizar o meu sonho. As ideias vêm-me em catadupa, umas boas outras más, quando não tomo os medicamentos, é bastante violento, como ontem, que tomei o mais forte e que me deu alucinações espasmódicas, estive ininterruptamente, a meio da noite, levantando-me e deitando-me entre a sala de estar e o quarto, a cabeça e o corpo inquietados. Escrevia o pequeno guião *A Chave*, lá em cima, cheguei ontem e estou no fim-de-semana. Procuo identificar sinais de Nova Iorque em Lisboa e creio que há bastantes, não só nas pessoas e nas relações, mas

nas coisas e no movimento delas. Finalmente, após tanto esforço, tenho a minha vida na mão, sinto-me antropólogo e filósofo, ainda que seja um mero escrito que quer acabar mais um livro, este por sinal.

E continuo. Encontrei quatro ingleses no metro, depois da corrida, jovens. Sentei-me perto deles, a ouvir música, olharam pra mim de desdém, com crueldade, a crueldade própria dos ingleses e escoceses. A maior parte destes humanos é assim: só são simpáticos quando entramos no seu registo, senão humilham-nos, de tão racistas que são. Ainda não encontrei mulher, ando bastante cansado, interrogo-me de vale a pena o meu esforço, talvez seja um pequeno tentando encontrar um lugar no meio dos grandes, quando não são assim tão grandes quanto isso, têm pés de barro, tratam Portugal como uma colónia de férias e poucos lhes fazem frente porque, em certo sentido, precisam deles. Várias coisas me fizeram perceber que eu não era um actor, quando muito actor dos meus livros, eu era o pensador, o criador, o homem mental, de cuja cabeça germinavam ideias e mais ideias. Mas não o seria por muito tempo, talvez, porque estava deixando de fumar e sempre associara a actividade intelectual ao fumo do tabaco e eu estava tentando deixar. O meu iphone fora roubado. Decidira não voltar nem acertar o guião a chave, mas a chave perdida talvez tivesse ido parar ao bolso de alguém que me conhecia, talvez um polícia, foi o meu pensamento. Preparava o equipamento para correr, escrevera uma ou outra sentença e vivia nesta Lisboa do início do Século 21 com uma ideia clara de que tinha um objectivo ou outro na vida em diante mas que não podia obsesionar, sob pena de perder o gosto das coisas simples através das quais retiramos prazer do conhecimento e experiência da vida, pelo menos da nossa. Ainda , em dois meses, me encontrara com mulher alguma e estava convencido em desistir, alinhar num *low profile* quando percebi que muitos estavam batalhando para o mesmo, para conquistar a miúda certa para uma relação mais ou menos estável. Certas pessoas poderia reparar que eu era um homem rígido, de certos e determinados princípios, na verdade era um

pouco assim, tinha de ser, as fontes doíam-me, sobretudo a esquerda e podia estar ficando cego aos poucos, como o meu primo, como ela me dissera, não sei hoje ainda se estaria ou não a mentir. Embora tivesse alguma impaciência que advinha do motivo de a minha obra não ser reconhecida devidamente, sob várias e diversas formas, tentava refrear-me a fazia planos para produção futura, como *Teoria Geral da Sociedade*. Esta apresenta não era produzida a jactos, como outras, mas a passos pequenos e determinadamente exactos, como se trilhasse ainda pela cidade um caminho mais ou menos científico. Lembrava-me de Possidónio Cachapa, que também corria, segundo sabia, ele fizera uma tese sobre alguma forma de cinema orientada por Bragança de Miranda e eu, andava por aqui e ali sozinho, sempre captando ideias, recebendo a violência do mundo sem protecção psiquiátrica, pois me faltava a serotonina. É claro que podia ter algo mais que OCD, talvez esquizofrenia, paranóia ou até ser psicótico. Mas lidava bem com essa possibilidade, quanto mais não fosse pelo hábito de fazer as coisas sozinho. Mas começava a desapegar-me, correndo, andando como um louco de um lado para o outro e nesses instantes e nessa vida, talvez fosse o mais são de todos, quer porque visse passado, presente e futuro quer porque não recorria a drogas ou festas ou mesmo mulheres para produzir uma obra imortal. Interessava-me naquele tempo tirar gozo da vida, comer e beber bem, fazer sexo saudavelmente, se pudesse. Em certo sentido, se encarar a cidade no seu tom provinciano, certas pessoas gozavam comigo, sobretudo as do meio intelectual e aquela vozinha que ouvia na cozinha e que era duma tipa meia loira falsa que morava ao lado ou mesmo a voz da minha consciência, não sei bem. As dores nos músculos, sobretudo nas costas, eram lancinantes, as pernas aguentavam-se bem, os ossos estavam um pouco cansados. Sim, há três semanas que corria, com mais ou menos força, com mais ou menos persistência e, mesmo que me sentindo mal, não ter emprego nem dinheiro, não vendo o fundo ao pote,

encontrava-me a criar de novo, a mexer e fazer mexer as coisas. Isso dava-me conforto, responsabilidade e coragem para continuar. Assim, nem sequer conseguia dormir entre ou depois dos meus pensamentos e do meu cansaço. Aos 47 anos, o meu corpo parecia estar implacável, dócil e preparado para grandes esforços físicos, finalmente revelava, naquelas três semanas (e quase meia), todo o meu potencial físico. Atleticamente, os meus músculos obedeciam-me plenamente e não pareciam acusar cansaço, os pulmões funcionavam perfeitamente, como se diz na gíria atlética, as pernas estavam bem, os ossos aguentavam o impacto do meu corpo no sol, devidamente, com mais ou menos equilíbrio. Enviara um mail para a New Schooll há uma semana e nesse dia de Sábado, outro, já com um exemplar da tese em dois volumes, em português, com um capítulo em inglês, acompanhado de um exemplar do curriculum vitae. Eu era meticoloso e sorvia o máximo de informação de como nos podíamos movimentar na grande maçã. Estaria por lá por pouco tempo, tinha de ter os medicamentos em ordem para aturar a central do poder do mundo a vários níveis, ter cuidado com as crianças, com as mulheres, com o toque, com mil e uma coisa. Só assim podia sentir alguma liberdade e cumprir devidamente o meu objectivo. Estaria preparado para partir para algum lugar que não fossem em fuga de mim mesmo? Ou ficaria e seria feliz, não sei se por fora se por dentro, o certo é que muita coisa iria mudar. A Procuradoria respondeu. Nada feito, tenho de esperar um advogado da Segurança Social, pois não tenho montante para pagar a um especialista em direito, numa área específica que seria direito da educação, enfim, lá se vai o meu lugar de professor, lá se vai a indemnização, lá se vai a discussão da tese. Para mim, no fundo, era apenas uma maneira de arranjar dinheiro para estas coisas, evidentemente, é que afinal sou o sujeito mais atinado da cidade e nem sequer tenho necessidade disso. Muitas frases inspiradas e inspiradoras percorreram a minha tese, hoje. Em certos momentos, fui bastante feliz e

continuo sendo-o. Procuo evitar a pressão, mas ela não me assusta, a pressão afinal é a minha doença. Fui às Amoreiras, passei por uma belíssima mulher, ucraniana, que me lembrava a minha mãe. Depois meti-me com umas francesas, vi uma norueguesa morena de cabelo pintado, tentei modificar o espírito, não as esqueço facilmente, mas agora não há muito a fazer, mais tarde ou mais cedo vou esquecê-las. Mulher bonita exige respostas prontas, como se fosse militar, muitas vezes são as mais cruéis e intriguistas, gostam de cenas cinéfilas e mafiosidades internacionais. Aliás, são na maior parte mulheres feridas, mal-amadas e que gostam de ver os companheiros sofrer, em baixo e humilhá-los. Tenho atenção ao que escrevo, resisto a divulgar, porém ontem enviei *Demopolis* para uma moça que conheci no facebook. Puff! Lá se vão as confissões, pior que Cândido sou um Santo Agostinho dos tempos modernos. Lá se vai a ficção, social ou cultural não sei, entretanto não aparecem personagens. Continuo apaixonado por uma certa ideia de América, mas cansa-me e as transições para a realidade são abruptas. Retomei o hábito de pensar e sentir em francês, por vezes em espanhol, esqueci por dias que português e acho que isso se tornou benéfico para mim, os meus e mais alguém. Oiço música dos anos 80. Quando passarei à contemporaneidade? O certo é que me sinto bem neste registo. Penso numa actriz em particular, que também conheci no facebook e que trabalha no norte. Apareceram-me mulheres bonitas, mas não entabulei. Tenho de continuar a tentar acasalar. Depois, o facto de ser enganado muitas vezes, na minha própria terra, em certos e determinados casos, como o processo que moveria contra o Ministério da Ciência e do Ensino Superior, ou diversas universidades de Lisboa, só me dá confiança e vantagem, não funciona ao contrário, não me desmotiva, nem sequer o facto de OCD ou ser reformado. Sei que posso trabalhar, escrever com clarividência, ritmo e qualidade internacional, talvez simplesmente não seja daqui e de certo modo não conheça a mania de

muitos, mas nem sequer estou já disposto a isso. Há muitos como eu. Sei que se me esforçar, as coisas podem correr bem. Interessam-me as pessoas, umas vezes, outras não me interessa nada, o que fazem, o que não fazem. Sei estar metido na minha vida, como pouco, e perceber ao mesmo tempo o que se passa à minha volta. Sou ambicioso mas não tenho pressa, pois sei que posso chegar a muitos lugares, física e mentalmente e ainda que não chegue, saberei ser feliz. Esforço-me por conhecer, mais e mais e em certo sentido, esforço-me por sair de mim mesmo e me projectar diante dos outros enquanto Outro. De algum modo, estou há umas semanas desintegrado, sei que se tomasse mais medicação teria de me esforçar o dobro e mesmo assim não conseguiria ter uma vida normal. Assim, com apenas dois medicamentos, mesmo sem serotonina, custa bastante, dói na alma e no corpo, mas de certa forma compensa mais, pois acabo por ter mais ideias, não só para esta obra, mas outras, bem mais diversas, que têm a ver com a forma como se lida com o quotidiano. De algum modo, não quero parar isto que comecei sob a forma de desejo de apresentar a tese na New School (ainda que ainda não me tenham dito nada). Tudo depende do dinheiro, que não tenho de momento. Sim, sou bastante trapalhão, e ainda que não seja o pior, serei um dos melhores e o que estou fazendo com este tempo talvez seja apenas uma amostra do que poderia ter sido se não tivessem acontecido muitas coisas narradas em meus diversos livros. Penso frequentemente no meu irmão e como o poderei suplantar, sempre foi assim, terei também de suplantar a minha irmã, afinal sou o mais aflito, o tremelouco do irmão do meio, só, aventureiro e ainda que carente e troçado, apaixonado e electrizante, contagiante, criativo, inovativo, original, dono de uma energia inesgotável para Si e os Outros. Talvez me falte tacto para o dinheiro, mas estou aprendendo, tudo virá, a seu tempo, esqueço facilmente as coisas que me obsessionam, passo para outras mais saudáveis que em certo sentido me impulsionem para uma velhice mais feliz do que os meros

momentos de bem-estar e felicidade que tenho por aqui nestes dias experimentado. E aqui estou, sem bloqueios, tentando não fumar, poderia escrever vinte páginas nas próximas duas horas: mas isso não mudaria o mundo, é bom que ele continue na mesma. Mesmo enquanto antropólogo, percebi que o mundo não é um lugar assim tão interessante quanto isso. Muitas vezes é, na realidade, injusto, criminoso, violento para a nossa mente e o nosso corpo, muitos de nós fazem-no um lugar interessante para viver. Eu preferia viver em Marte, se possível. A humanidade e o planeta estão saturados de sentido e nós alimentamo-nos disso, para além de mentiras sem par, ignomínias, vícios e violências atrozes. Na verdade, só percebemos alguma coisa, se é que há alguma coisa para perceber, quando tudo deixa de fazer sentido na nossa vida, nesta medida e neste tema, sou devidamente existencialista.

Enquanto isto acontecia, conhecia algum descrédito e falta de investimento na minha escrita, não só porque não vendia nem tinha sucesso, embora fosse relativamente conhecido o meu nome (o verdadeiro e o acrónimo), mas porque as palavras deixaram de me interessar, estava farto de criar sentido num mundo desconexo. A minha mente cansava-se facilmente e o espírito quebrava, de quando em vez, face ao que tinha ou não de fazer. Na verdade, podem nem sequer pensar nisso, mas eu como que tinha a cabeça enfiada entre as minhas pernas o tempo todo, angustiando por não ter ninguém equivalente a mim, compatível comigo; talvez fosse esse o preço de ter saído da religião para o marxismo antropológico (é a última vez que digo esta palavra), talvez fosse apenas envelhecer, o que acontecia comigo. Aos poucos, fumava menos, sofria bastante por isso, mas precisava de oxigénio para manter o cérebro irrigado e nomeadamente a zona límbica, mesmo tendo sinusite. Podia dizer a alguém “cala-te e fuma!”, para que não se falasse tanto, mas estava errado, a fala e a conversação são a maior terapia que há no mundo; aliás, se não falássemos seríamos perfeitas bestas ou deuses de alguma maneira incompletos.

Com o tempo, havia perdido a amplitude do meu Ser, andava de um lado para o outro, sem saber se o meu apelo seria para os sentidos se para a especulação pura. É claro que ainda queria alguém, essa espera e esperança davam sentido à minha vida, mas eu estava frágil e quando forte, impulsivo, vacilava nos pensamentos que ora me projectavam para a frente, que me manietavam, ora naqueles que da zona límbica comandavam os meus instintos. Deixara de ser falador e optara por uma postura conservadora, o que não fazia sentido dada a minha relativa frustração. Mas o que a

frustração? O acasalamento não é uma coisa natural, que se não força, que acontece, *au-delá* dos impulsos e rejeições frequentes? Viver sozinho e estar desempregado é alguma forma de frustração? Para muitos, uma forma de felicidade, uma opção de vida. Muitos optam por nem sequer trabalhar, eu estava ainda assim ocupado em muitas e variadas coisas. Sim, não estava escrevendo nada de jeito, andava muito em torno de mim mesmo, o que se devia ao meu relativo anonimato. Mas era uma pessoa de certo modo conhecida na cidade, tinha o espírito em mim da sua vida, muitos olhavam para mim e copiava, comportamento gera comportamento, também eu copiava o de outros e não vinha mal nenhum ao mundo devido a isso. Procurava apanhar sol, passear, ainda que quase sempre pelos mesmos lugares. Meus pais estavam envelhecendo e ao correr do dia tornava-me mais forte e constante, mais determinado e influente. O sucesso, na vida como no desporto ou não vida intelectual, depende do amor. As relações dependem do amor. Quando não se sente amor, não há imaginação, ou esta é desordenada, caótica, causa inclusive curto-circuitos mentais, sentimentais. Percebi eu próprio hoje, isso mesmo. Na minha volta da corrida, a certo ponto estava tão bem que não me havia custava progredir, sentia-me mais leve, quase mecânico, as pernas obedeciam, os pulmões respiravam pleno ar. Podia ter sido de só ter fumado seis cigarros nesse dia, poderia ter sido do esguicho de esperma nas cuecas durante a noite, não tentei contar, forcei até um pouquinho, para me libertar, o resultado do sonho foi esse, um sonho erótico como não tinha há muito tempo e isso deu-me esperança, não é que tenha muita, até se está a acabar, mas arranja-se sempre alguma coisa, quanto mais não seja a propósito de Maria e Lenia, as duas mulheres que me ocupam o espírito por estes dias. Não senti necessidade especial e forçar o espírito, de forçar a inspiração, tal como forcei o andamento junto a um jovem que correu lado a lado comigo, mas tive uma boa ideia para uma história, para progredir neste relato. Daria talvez, esta ideia, um outro livro,

um novo livro. O Rei de Lisboa deporta-se para uma ilha e recebe meninas, à semelhança de Crusoé. E o que é feito do amor romântico, monogâmico, que quase toda a gente defende? Ele não precisa de tribunais, tem as suas próprias leis nesse estado, nessa sua ilha de imenso território. Curioso, continuava interessado em arranjar alguém, a mim tanto me fazia se fosse uma intelectual, um artesão, uma estudante, continuava à procura, muitos e muitas na rua riam-se às gargalhadas, mas eu, não sei como, continuava, o meu espírito expandia-se, continuava a perseguir qualquer coisa que talvez não fosse a defesa da tese em Nova Iorque, ou cá, mas continuava procurando qualquer coisa...seria a felicidade, um corpo, o amor, dinheiro, regalias, o prazer, o poder, Deus, a serenidade? Era inquieto e calmo ao mesmo tempo, em certos momentos era dono do meu próprio espírito, por vezes do dos outros mas continha-me continha as minhas forças a fim de fazer qualquer coisa de significativo, para mim e talvez para os outros, dando três esmolas a mendigos diferentes, isso acontecia, não podia negar, ainda assim continuava dependente da minha irmã, sem cargo de professor, com a tese ainda por discutir. Teria de esperar pela morte do meu pai? Creio que depois não valeria a pena e estava tentado a publicar a tese como ensaio de não-ficção, vulgaridade a que não queria aceder. Por isso mantinha-me certo, alguma coisa de muito importante para mim aconteceria desde que continuasse tentando. O certo é que estava tranquilo, de consciência tranquila, sobre tudo pelo esforço. Depois do esforço das teses, escrever três narrativas de 180 páginas cada, no espaço de um ano que vai a meio, sem rede, se falar com especialistas, sem prefácios e sem mostrar nada a ninguém. Pensando que era bastante conhecido, a minha obra, esta mais recente, não o era, e isso dava-me grande paz e serenidade, felicidade até. Muitos faziam trinta por uma linha, outros nada faziam, só falavam, imersos nos seus problemas ou talvez nos dos outros. Eu fazia curvas e contracurvas e continuava a pilotar o meu bólido. Se

chegaria primeiro ou não, isso pouco me interessaria, mas decerto que, como bom antropólogo, havia sido convidado para a festa do quotidiano e cada vez mais apreciava as vistas, ainda que comesse pouco nesse banquete...

Desisti da ideia de visitar o Dr. Bento no Hospital e de ir de novo ao grupo. Talvez tivesse desistido da psiquiatria. Ou talvez não, talvez me sentisse um psi de mim e dos outros em que estava metido e isso dava-me alguma responsabilidade de certo modo social e um sentimento de não-banalidade face aos outros. Depois, no meu canto pensava, nem todas as pessoas procuram fama o serem mundialmente conhecidas, muitas querem apenas serem felizes e têm imediatamente e imensamente respeito pelo que as rodeia, mas o humano é oportunista, quer singrar sempre logo que lhe dêem uma oportunidade, pelo menos eu pensava assim, eu quis sempre singrar e talvez porque ir com muita fome não tenha captado as manhas de outros, mas no meu campo, no meu país, era sem dúvida, o melhor, disso tinha plena consciência. No campo da Antropologia Filosófica, apesar do porno, era o melhor, ninguém fazia melhor essa ligação entre filosofia e antropologia, ninguém, absolutamente ninguém. Na literatura, talvez não fosse o melhor, era talvez a melhor revelação no neorrealismo, mas mesmo esse tinha acabado. Porém, era melhor do que Mia Couto, Gonçalo M. Tavares, Ondjaki, Agualusa, e mesmo bastantes outros mais velhos e premiados. Só não era melhor que Saramago porque o imitava. Mas já estava perdendo essa mania, que me serviu de muleta durante algum tempo. Depois, também era bom em poesia. E tinha consciência, pelo menos pelo extremo e penoso cansaço que senti todas as manhãs durante dois anos, a minha tese era notável, absolutamente invulgar e original, de classe mundial. Não era rebuscada nem pomposa ou pretensioso nem sequer usava grandes palavras caras como o faz grande parte da filosofia (pelo menos a portuguesa): era magnificamente simples, é só o que tenho, como a de um sábio, que vê a vida tão complicada e a dos seus também, que acabe, pelo sofrimento, de cair numa simplicidade

assustadoramente compreensiva de tudo, que vê tudo, um pouco ao jeito do discurso da maioria dos antropólogos, a quem se dá pouca atenção e valor, sobretudo face aos sociólogos (que se referem sobretudo à classe em vez do globo, da humanidade, do seres concretos enquanto sendo e fazendo parte de um todo), um pouco ao jeito de Eliade, um conhecimento fechado, como se fosse na Idade-Média, em que tudo fazia sentido num universo fechado, mas bom, deixaria sempre friestas, abertas para alguém compreender mais, mais do seu próprio conhecimento, muito para além de si mesmo e de quem a quem iria transmitir, se acaso o fizesse. Por isso tinha de dar conta a alguém de fora, não queria de início fazê-lo, pois apostei em Portugal e afinal era um tipo humilde. E vi que em tudo isto o porno tinha a merda de uma importância nula. Na minha cabeça tudo estava claro e organizado. Apesar do sofrimento, o porno era um escape, uma descarga, como ir a uma festa e arranjar uma qualquer. Tinha chegado a esse ponto, de um quase dependência. Talvez o tivesse sido em tempos, talvez viesse a ver muito mais se o meu espírito se abaixasse e sentisse ainda algum desejo e imaginação. Sabia que, em certos momentos, era um escape, como o escape de um carro a gasóleo, que anda normal ou anormalmente mal. Sabia que quando arranjasse miúda deixaria, ou não mas sabia que a pressão das responsabilidades sociais, essencialmente políticas, tem a ver com o sexo e a porcaria do porno. Se eu era doido, gente mais doida havia, pelo menos eu era reservado, contido, mantinha uma assombrosa calma e controle interior sobre mim mesmo. Por isso muitos não gostava de mim, eu metia nervos, estava sempre a pensar, a magicar, não era espontâneo no sentido de ser porco, labajão e brejeiro. Sabia, por último, brincar finalmente com o desejo, excitar um mulher, mais por telefone que presencialmente, como é óbvio para mim. Talvez desse um bom sexólogo, pelo menos tinha um blogue sobre o assunto e com sucesso considerável. Como eles dizem, percebi que "enough is enough". Eram seis da manhã e ficara a escrever.

Sim, eu relativizo a minha própria história, por mais admirável que seja, por mais admirável que ela seja. Sinto bons momentos, como qualquer um. Talvez os tenha merecido. Talvez tenha de sofrer ainda mais por eles. Daqui a pouco iria ver a minha velhota de novo, levantada da cama, agora menos faladora e entretida no pequeno espaço das casas e dos jardins. E o velhote, sempre para cima e para baixo. E os pequenos. Um almoço em família. Mais tarde, o comboio (seca) para Lisboa e o início da grande aventura.

O sol debatia-se a si mesmo na sua incandescência. É claro que não avançara para a escrita da poesia, era demasiado perigoso, preferia a agressividade animal da prosa narrativa, fosse o que fosse dava-me o sentido e a impressão de estar fazendo qualquer coisa de válido, de bom, de altruísta. Também começara um novo guião, riscara no papel umas ideias, deixara para trás *Demopolis*, talvez viesse a pegar nele lá mais para o Inverno. Francisca detestara a minha versão prosaica de *Demopolis*, não sei bem porquê, talvez devesse mostrar mais coisas minhas a mais gente, em vez de as publicar de seguida à escrita. Talvez devesse ser menos sofrível e genial e lavar as coisas, os escritos, um a um, um após um, com calma, como que come umas colheradas de mel ou bebe um licor bastante agradável. Mas, por uma razão ou outra, sentia-me sereno e pela primeira vez, naqueles dias de verão, não sentia pressa de publicar, de ser famoso ou conhecido, não sentia pressa alguma, nem sequer de escrever. Fazia-o espontaneamente, como quem satisfaz uma necessidade ou dorme, simplesmente. Ainda assim, tinha diversas obras em linha, algumas definitivas e outras provisórias, mas assim como não me apetecei continuar a escrever desalmadamente, como sempre fora, não me apeteceu rever os escritos que tinha já como definitivos. Então, estava nesta coisa de estar em casa dos pais para um fim-de-semana e apreciava particularmente a atitude do mau pai e da minha irmã, pois a minha mãe não queria saber das coisas,

passava o tempo ocupada com as plantas, fazendo a comida, vendo a telenovela, nem sequer me perguntava como iam as coisas, conversa franca, comigo mesmo ali ao lado dela. EU bem sabia que nunca fora o filho preferido, como os outros dois o seriam, respectivamente, para o meu pai o meu irmão e para a minha mãe a minha irmã. Estava ali e o meu pai nada dizia, como de resto como sempre, nunca me tendo ajudado realmente em nada, parecia estar a leste e um pouco tonto com as coisas que aconteciam. Longe dele me ajudar em dinheiro, para ele um apartamento, que nem sequer era meu, bastava. Dos seus negócios nada sabia, nem o meu irmão ou mesmo o meu cunhado me referenciavam alguma coisa. Era complicado, sentia bastante solidão, vontade de estar com alguém. Em breve iria alugar o pequeno quarto da casa lá por Lisboa, sempre era dinheiro que não pediria à minha irmã, que estava por esta altura especialmente chanfrada, ofendendo-me por tudo e por nada, mas bem, quem tinha obrigação de me ajudar, o meu pai, como se não conseguisse emprego, não o fazia, nunca o fizera, era a minha irmã que avançava com o dinheiro todos os dias. Como se não bastasse, também o meu cunhado meteu o bico ao prego e a casa era nesse momento também dele, havia sobrado dinheiro na transfeção das casas mas eu não vira um cêntimo, nem para saldar as dívidas aos bancos, nem para a discussão da tese, para pôr eventualmente a casa em meu nome. Procurava não pensar demasiado nestas coisas, e talvez fosse trouxe por não o fazer, porque na verdade, apesar de tudo, eu fazia mover a carroça e ainda me chamavam nomes, especialmente a minha irmã, que estava mal-disposta e cheia de enxaquecas todo o tempo. Fosse como fosse, eu acreditava piamente, não somente por fruto da minha experiência, que se regressasse à filosofia, tendo ou não meios económicos para esse provir, as mulheres me escapariam muito provavelmente novamente, como estava acontecendo nesse tempo. De algum modo, a filosofia é feita de aprendizagem e teria uma ou duas alunas interessadas em mim, nada mais,

pelo que também queria ficar no meio termo e ir produzindo alguma coisa de relativamente bom e de certo modo ajudar algumas pessoas. Enquanto isso, via *Germinal*, de Claude Berri, na minha pequena televisão. E eu, que tenho um pai que não me ajuda em nada, dos quatro carros que tem nem um me dispensa e ainda espera que eu trabalhe depois de tudo o que passei. É uma pessoa insensível e cruel, intratável. E eu que ainda por aqui venho e tenho de o pôr bem-disposto. E um cunhado que mói a minha irmã, quase não tem capacidade para ganhar dinheiro como eu tenho para estudar, não se pode ter ambas as coisas, ou pode? Talvez sim, talvez não. Se me ponho a pensar nestas coisas, enlouqueço e os sobrinhos que ainda troçam de mim, especialmente o meu velho e eu afinal sempre optimista, é preciso grande cachola, estar todo este tempo desempregado, receber ajuda e ao mesmo tempo impropérios da minha irmã a toda a hora, fazer uma tese, estar lá bem perto de a discutir e não ter dinheiro para tal. É uma história e pêras a minha, de sofrimento e dor, de solidão e angústia constante por não ter dinheiro para continuar a fazer alguma coisa...

Acordava abatido de espírito, simplesmente não me conseguia levantar, como se não tivesse objectivos de vida, como se o meu espírito estivesse por debaixo de uma pedra ali fora, no caminho por onde havia passado ontem. De modo que fazia mais ou menos como os cãesinhos, andava às voltas, de um lado para o outro, até me decidir mudar de roupa ou tomar banho naquele verão assinalado por um feriado religioso. A visita do dia anterior, uma moça finlandesa que viria arrendar o quarto, não deu em nada, tudo ficou em águas de bacalhau. Ela disse-me que eu não conseguiria arranjar a companhia que queria. Sim, talvez não conseguisse, por enquanto...talvez fosse mais persistente e paciente e conseguisse mesmo, um dia. Sim, estava perdendo qualidades, na tv passavam desenhos animados, talvez porque estivesse só “nisto tudo” e perdera, de certo modo, uma noção do mundo em redor, mas enfim, não podia atender a tudo, fumava apenas quando

realmente me apetecia e os meus objectivos continuavam de pé e ainda que não os viesse a cumprir, ou viesse a traçar outros, cumprir outros, procurava estar ocupado, realizando diversas tarefas e tendo como importante o passeio pelas ruas da cidade, que me fazia recobrar o espírito e relançar certas coisas que ainda tinha em mente.

Não, não me parecia andar pessimista. A vida não corria bem, porém. Não conhecera ainda ninguém e o desalento instalava-se no meu espírito. Sabia que os locais, grande parte da população, viam-me com alguma consideração, respeito até, pelo que tinha passado, ali, diante deles e a forma como havia sobrevivido ao de cima, mesmo sabendo que, com esta profissão, era quase impossível encontrar emprego. Outras pessoas mocavam, diziam mal, que era inútil, parasita, eu por vezes levava as coisas a peito e revoltava-me, como dantes, mas agora fazia a parte que não ouvia, não valia a pena, Lisboa era um sítio triste, um triste circo em que tudo e todos tinham a opinião sobre tudo e mais alguma coisa e poucas eram as pessoas que faziam verdadeiramente alguma coisa. É claro que este terreno estava repisado por mim, acalentava decerto uma esperança de ir para outro lugar, onde a vida fosse novidade e a maior parte das pessoas não me tratasse mal e com indiferença. Entretanto, tentava alugar um dos quartos da nova casa e quando regresssei a casa, nessa tarde de Agosto, pouco depois regressou o vizinho da frente, que perdera a mulher há coisa de um ano. Estava ainda destroçado, mas nem sequer num livro pegava, a sua sanidade parecia estar dependente de uma pequena arara que tinha no fundo da cozinha. Nem um livro se punha a ler. Eu continuava acreditando em Portugal, quando muitos o abandonavam, não querendo saber disto para nada, num comportamento irresponsável que mais parecia ser de criancinhas tontas e desvairadas. O certo é que continuava dependente da minha irmã e não conseguia arranjar meio de ganhar dinheiro. Se o facto de ter entrado na Filosofia me trazia vantagens várias nos acessos a certos lugares (onde, invariavelmente, fazia sempre), por outro aumentava o meu “viver na margem”, sendo que tal dependia, obviamente, do estado de

espírito, mas nem afago de antigos professores nem de antigos colegas tinha. E era com dificuldade que tentava fazer novos amigos. Neste último livro antes de descansar, desconfiava que muitos, com muito ou algum dinheiro, faziam coisas semelhantes às minhas, eram igualmente geniais, mas isso não impedia que eu fizesse certas coisas e que aproveitasse a solidão ou independência de espírito como algo proveitoso. Era já cota, mas mantinha alguma atracção no meu comportamento, mas o facto de ter pouco sucesso, quando queria ter muito, evidentemente, tinha não só a ver com a filosofia bem como com a religião, para o estrangeiro era uma espécie de padre, sabe-se lá o quê mais, mas eu continuava, sempre a cavar na consciência motivos para acabar este livro. Num desses dias, lá para os lados da Bela Vista, a certa altura, ouvindo música, o comboio começou a andar para trás, sim, no sentido inverso e eu vi-me regressado a tempos passados, ao tempo em que brincava na aldeia, com os meus amigos, em que jogava à bola, de um lado para o outro, sempre em torno da casa, que se foi modificando com o tempo, que se foi alterando na sua substância, à medida que o pai e a mãe envelheciam. Estranho, eu não parecia envelhecer, quer fosse pelo espírito, quer fosse pela carne, permanecia o mesmo, sem grandes amores, sem grandes confusões, tímidos e genial, corajoso e trinca-espinhas. Tentava aguentar-me sem serotonina, que a médica não me havia receitado não sei porquê, tendo-lhe eu dito que tinha OCD, afinal só precisava dessa substância e do lítio para que o meu ânimo sobrevivesse. Pouco a pouco, Lisboa transformava-se em Nova Iorque para mim e notava que de mim se aproximavam algumas pessoas que lá haveriam de ter estado, pelo que isso me dava ânimo. Só precisava de arranjar dinheiro. É claro que havia desperdiçado um oportunidade de juntar algum quando descartara a finlandesa, seriam duzentos e cinquenta por mês, em seis meses teria dinheiro para discutira a tese por cá, na Clássica. Mas oportunidades há muitas, não faltam por aqui e embora não querendo tudo,

eu afinada o meu corpo e o meu espírito para conseguir alguma coisa, sendo evidentemente bastante ambicioso, com consequências minimamente trágicas, mas nada de muito grave aconteceu, morreram umas pessoas lá na aldeia, decerto bastantes aqui pela cidade, e eu continuava, não posso dizer egoisticamente, pois será que uma pessoa só se obriga a ser ou é necessariamente egoísta? Há quatro semanas que corria cerca de cinco quilómetros por dia, havia três ou quatro dias que não o fazia e já sentia falta disso, com o acordar cansado de manhã e ter como que a cabeça enfiada nos quadris, como um bicho esquisito, um insecto que se articula complexamente nas várias dimensões espaciais ao seu redor. Dada a circunstância das coisas, desistira de alimentar planos para casar, era tarde para tal, desistira até de procurar uma pessoa para morar comigo, e isto tinha essencialmente a ver com a minha falta de poder de compra e talvez a perda de algum elã sexual, o que tinha a ver necessariamente com a projecção que a minha mente fazia em termos filosóficos ou outros para considerar certas questões e, claramente, a minha vontade de ir testas a tese nos Estados Unidos. Este objectivo animava-me e, curiosamente, despertava a minha mente para outro tipo de mulheres. Tinha de ter paciência, bastante paciência para não deitar tudo a perder, pois se de certo modo havia já feito o mais difícil, outra etapa importante se apresentava na minha vida. Sim, estava mais uma vez dependente de mim próprio e descobria que por vezes mais vale o desprezo e manigância da realidade para se conseguir certas e determinadas coisas, mas isso não me dizia nada, eu puxava sempre para cima e se isso me prejudicava em termos do contexto em que vivia sob vários aspectos, sob outros entusiasmava-me e motivava-me sempre a fazer melhor, num espírito sãmente competitivo. O esforço por estar sempre consciente do que acontecia era enorme, meu irmão já me dera conta disso, não bebia álcool e procurava fumar o menos possível, o que era bastante difícil dada a situação de relativa injustiça em

que estava mergulhado. É claro que sempre me podia desculpar dos outros, mas como se eles não me dissessem nada, continuava com o meu espírito. O facto de, por alguma forma, eu escrever sobre mim, reflectia qualquer coisa, algo de filosófico e que era manchado, no bom sentido, por um certo sentido existencialista da minha vida, como se a quisesse oferecer a alguém que amasse, como se não fosse reivindicativo e autoritário ao ponto de criar riqueza para mim e para aqueles que me envolviam o espírito, algo perturbado pela falta de “alguém” que lhe puxasse o lustro. Ou seria apenas uma forma menor de literatura, algo de autobiográfico que ficava por ali, por isso mesmo, nada mais nada menos do que um exercício pessoal. Ora, o facto de estar emocionalmente só, ou seja, não ter quem amar, tirando a família e alguns amigos, potenciava outra forma de exercício, especulativo, que para mim era absolutamente saudável. Sabia que tinha de entrar de novo na filosofia, recomeçar a ler Heidegger, Vattimo, mesmo sabendo que mais tarde me arrependeria de o ter feito, de não ter viajado, de não ter tido um certo conjunto de experiências mais ou menos ludicamente irresponsáveis, tudo em nome da democracia e do pluralismo, nada de bem organizado e nesse sentido, tinha claramente medo de me perder, por isso pensava que fazia as coisas calculadamente, mas estava difícil aguentar a pressão de não ter a pressão de um corpo colado ao meu. Decididamente, eu era um ser ambíguo, provavelmente equivocado com a própria realidade: não era um ser do século, nem tão pouco um cultivador do transcendente, do numinoso. Talvez fosse o primeiro regime e quisesse ser o segundo, morar no segundo, onde já marcara pontos e onde, pela sublimação do desejo, continuava a habitar, de uma maneira ou de outra.

Tentava, então. Tentava arranjar um emprego, ainda que tivesse os meus projectos pessoais, a empresa, a escrita, a vida académica. Tentava ao máximo alargar o magma e a intensidade da minha acção, mas acordava extremamente cansado, na órbita de diversos pensamentos. Não seria melhor render-me? Pelo menos viveria tranquilamente mais um tempo, porque essa *pousée* para cima, quando não encontrava lá ninguém? Decerto que podia inventar mil desculpas, desde já a ideia, o facto, de que havia desistido da vida social aos 15 anos. Tal seria motivo mais que suficiente para não dizer nada, a suprema desculpa para tudo e mais alguma coisa. Mas continuava, como se não tivesse tido esse buraco na minha vida, cedo, como se nunca tivesse precisado da psiquiatria, fosse porque me encontrava sozinho fosse talvez porque fosse corajoso, ao fim e ao cabo, de médico para médico sem me dizerem realmente o que eu tinha, em termos psicológicos. E andava nisto, longe estavam os tempos das personagens e dos enredos que criara, estava por aqui, envolto em mim e talvez por isso protegido de algo pior, de algo aterrador como a desordem da vida social. De manhã, o peso na alma de estar cansado, de estar puxando, era enorme, sabia que merecia mais, no entanto não me encaminhava para esse mais, talvez porque não o quisesse, talvez por desejasse permanecer livre na minha intimidade, talvez porque quisesse, ainda assim, manter tudo na minha vida em suspenso, como se de um arquitectural exercício filosófico se se tratasse. Tomo banho, não tomo banho, mais logo, depois da corrida, tomo outro, dois banhos por dia, quando, enquanto filósofo, poderia estar quinze dias sem tomar, ainda por cima no verão... Não sei por que razão, apeteceu-me desligar um pouco, desligar a ficha, tirar um tempo para mim mesmo, apreciar a estada nesta vida, provavelmente ir de encontro ao amor,

em vez de correr desalmadamente para uma realização profissional e social que, em certo sentido, eu não queria, por isso não aproveitava a maior parte das oportunidades que me surgiam, talvez simplesmente não fosse esse o meu modo de fazer as coisas, não fossem essas as coisas que eu queria fazer, talvez quisesse algo mais “livre” e descomprometido, no entanto era rígido, no entanto, ainda assim, havia posto tudo em causa e estava de certo modo dependente disso, com todos os problemas e vantagens inerentes, pelo que não via com bons olhos querer mais e mais, de tudo o mais. Havia descoberto uma coisa original, uma disposição de espírito, talvez a felicidade, após tanto tempo de privação, alimentando-me mal, estragando os dentes com tabaco, os magníficos dentes que eu tinha. Ainda que só a maior parte do tempo, era ainda assim, eu mesmo, nas coisas que fazia, nas coisas que não fazia. Descobri que muitos dos problemas que muita gente experimenta têm a ver com o sentido da sua contingência e quem se diverte absolutamente não tem essa consciência ou, por outro lado, a tem exacerbada, pelo que há que aproveitar. As estruturas sociais, societais, durkheimiana, haviam-se estilhaçado. Ainda que houvesse grupos, era eram na sua maior parte, voláteis, desestruturados, ocasionais. Só os mais velhos mantinham um certo modo de vida algo intocado. Quanto aos mais novos, a estrutura era-lhes dada pelos novos media... Eu percebia, progressivamente, que não estava perto de mulheres e miúdas bonitas porque não pertencia ao sistema, estava absoluta e genialmente à margem dele, o que fazia dessas mulheres mero mercado sem nenhuma forma de independência de espírito, sem nenhuma racionalidade, ou seja, carne para canhão do sistema social a que estavam agarradas, fosse por motivos económicos, fosse por motivos profissionais, e eu, aí, deixava-me ir, sentia uma liberdade de espírito absoluta e sentia, mais, vencer o meu próprio desejo, a contingência de estar dependente emocionalmente de alguém e mais uma vez almejava

chegar aos Estados Unidos para discutir a minha tese, porque por aqui, havia árvores a mais...

Num repente, as coisas pareceram-me bastante estranhas, quer sobre a rua, quer sobre a internet, numa rápida visita ao facebook. O meu mundo pacífico, povoado de pensamentos mais ou menos obsessivos, parecia absolutamente maravilhoso e genial ante a loucura selvagem do mundo e nesse sentido não queria nem desejava ardorosamente entregar-me a ele, sob as mais diversas formas, nem que fosse para dar conta dele, para o relatar. Que ganhava então com isso? Um lugar no memorial de grandes escritores? Uma vida mais social, mais proveitosa, mais confusa? E, no reduto de mim mesmo e do meu espaço, que ganharia eu também? Mesmo a família me parecia estranha, violenta até, para comigo mesmo, não sei bem por que razão. Talvez estivesse a ver mal, talvez tivesse de me adaptar, mas estava farto de o fazer, de me armar até em psicólogo para muita gente, só que nesta minha direcção, as mensagens, de incentivo ou somente para perguntar “como vais?” era escassas, quase inexistentes...Depois, comecei a perceber que a liberdade e iniciativa individuais tinha a ver com uma coisa mais profunda do que o deixar estar. Sentia que por aqui muitos se encostavam uns aos outros, criticando uns e outros, para explicar ou justificar erros pessoas, isso era verdadeiramente fácil, a la mano, no sentido heideggeriano da coisa, bem como ter mulheres para passar um tempo pelas brasas, não faltava aí disso, *au delà* de um critério de heroicidade que via, por exemplo, em certas pessoas da linha. Isto levar-nos-ia a uma caracterização sociológica da população lisboeta, mas eu não estava disposto a tal, além do mais sentia na pela o ostracismo e indiferença da filosofia e dos filósofos portugueses, atrasados no tempo, debatendo questões que nem a sociedade em que viviam suscitava, eternas questões de encher chouriço para seu bel interesse e prazer. Com os antropólogos, era igual, não me diziam nada, nem eu já queria, sustentava uma bandeira que

eles não sabiam que existia, sabia que tinha feito algo de original e único e continuaria a fazê-lo, ninguém me impedia nem podia impedir, como correr todos os dias a meu bel-prazer. Não, a vida e o sentido dela, não eram somente disposicionais, nem tudo era, literariamente, como dizia a canção de Bruce Hornsby (“that’s just the way i tis”), não tínhamos de nos render, podíamos lutar por uma sociedade melhor, talvez mais pensada, ainda que não houvesse necessidade disso e eu pensava menos, estava menos obcecado por ir além ou acolá, deixava a coisa correr e nos entrementes, mesmo sem o amor de uma mulher, conseguia ser feliz, evitando alguns indivíduos sinistros e, mesmo que me confundindo com um deles, não era verdadeiramente, pois tinha decerto uma boa intenção, um bom coração, daí o meu dilema entre solidariedade na cidade e livre iniciativa individual. Eu sabia que nunca seria um sujeito rasgado, frontal, focado, simplesmente porque me preocupava com os outros e tinha um apurado sentido altruísta da coisa. O meu conceito de felicidade não passava simplesmente por me realizar a mim mesmo, no sentido egoísta, não depreciativo da coisa, mas fazê-lo tendo em atenção os outros. Não sabia por que lutava, nem estava para ser sincero, preocupado com tal, deixava a coisa andar talvez porque tivesse conseguido uma certa maestria do mundo, do local, do ecossistema em que me encontrava inserido. Procurava controlar a minha revolta, talvez para com a sociedade em geral, que nunca dá generosamente, ou seja, dá com uma mão e tira com a outra, mas persistia fiel em meus princípios, ainda que isolado tinha muita gente que não conhecia e com quem nem sequer ainda falara, que me apoiava em minha demanda. Decidi dar um tempo e beber umas cervejas, ver tolices na televisão, já tinha filósofo que chegasse em mim e não era bêbado, talvez por isso a vida me fosse mais difícil. Decidi abrandar, também não estava a escrever nada de jeito, não me dava prazer nenhum em especial dizer mal das pessoas, mesmo dos meus inimigos, cujas unhacas pressentia à porta de casa, as duas, a de cima e a de

baixo, como cães raivosos e ainda por cima invejosos, tentando aproveitar-se de mim. São os homens do século, que não têm o sentido da contingência, os que preferem a estratégia na sua vida limitada que não leva a nada, que é vã. Nesse sentido, só faz sentido a filosofia, mas nem isso me anima, de uma maneira ou de outra acabo por fazer filosofia, então porque me devo preocupar? Estava, assim, a tonito, embasbacado, surpreso como tantos e tantos escritores ainda persistem em dizer meia dúzia de tolices e, pior, têm seguidores e seguidoras, não fazendo nada de jeito nem a ponto dum corno. Ainda assim, correndo o risco de ser troçado, resolvi falar dos meus medos, essencialmente o que se costuma dizer num divã de psiquiatria. Fui à casa de banho com a mesma roupa com que cheguei a casa, dali a pouco vesti o equipamento. As cuecas, sempre as cuecas, toda a gente usa cuecas não é? Quando encontrar em mim uma coisa que seja apenas e apenas relativa a mim e que me angustie, acho que estou definitivamente perdido, sem remissão. E já encontrei muitas, mas essas coisas e esses medos muita gente os tem, também os ricos. Bem, depois de vir do treino, vesti as mesmas cuecas, não umas novas, andei dias sem conta com elas sujas, muitos espantam-se com estas coisas que para outros têm muita importância, muitos autores falam nisso, muita gente fala nisso, uns têm a mania das limpezas, outros vivem na maior porcaria e não lhes faz diferença alguma. Vá-se lá entender o ser humano...

Parecia que não conseguia sair da situação que se me planteava, na qual me encontrava implicado. Andava em torno do Eu fazia bastante tempo e não sabia se o problema era uma doença que tinha desde pequeno se o facto de não ter trabalho e, logo não conseguir arranjar alguém. É claro que não precisaria de arranjar trabalho para encontrar alguém mas, não só pelo facto de estar imerso num quotidiano algo disfuncional e inútil, agravava a situação e, em mim, o desespero. Colocava a mim mesmo inúmeras questões acerca do destino, de mim mesmo e da humanidade, mas não tinha sorte com elas, talvez porque vivesse, de certo modo, numa bolha dos anos 80. Certo é que a maior parte delas não interessavam nem ao menino Jesus, mas isso é secundário, eu sabia que podia facilmente adaptar-me. O certo é que a maior parte das pessoas se soltava, o mesmo não acontecendo de todo comigo, talvez devido à idade, talvez devido a certos hábitos, mentais sobretudo. Mas havia também muita gente doente, mas além disso, eu não merecia o que se estava a passar comigo. Se era assim tão inteligente e dotado, porque as coisas não aconteciam? Aliás, além do mais, parecia que, não só devido ao meu comportamento altivo e respeitador, muita gente por aqui, no bairro onde vivia, me ignorava, dizia mal de mim. Num dia era o herói, no outro, era o algoz e nada recebia por isso, nem miúda nem salário. Havia ali qualquer coisa de estranho, no colectivo, que me jogava, mais uma vez, para a margem. Eu procurava estar calmo e ser paciente, mas estava cada vez mais indignado. Ora, agora a escolha seria entre falar e não falar, esconder alguma coisa (o que havia para esconder?), ou dizer de minha justiça, normalmente, pois sabia como funcionava o colectivo, mas isso pouco me importava senão em termos da imagem que eu próprio tinha diante dele. Provavelmente haveriam de pensar que era homo,

o poder local era comunista e eu havia tido simpatias com o bloco de esquerda quando estava ajudando os rabetas a seres rabetas, eu era PS e isso de certo modo não caía bem. E lá estava eu, sozinho, naquela ilha de comércio local onde vivia, fumando um cigarro atrás do outro, filosofando, vendo televisão e tentando em certo sentido sair dali, a maior parte do tempo sozinho, acima de tudo simpático, não me tentando envolver em demasia, sobretudo com as mulheres, pois sabia que se isso acontecesse, da maneira como estas são, ia tudo por água abaixo, enrolam um homem de uma maneira que todo a cidade fica a saber e era isso de certo modo que me impedia, sim, porque o problema também era meu, que me impedia de travar conversa e desencadear logo ali uma relação, mais ou menos estável, mais ou menos duradoura. E não conseguia sair de mim mesmo, é certo que com o correr do dia as coisas melhoravam, mas porra, diacho, será que estava assim tão mal para todos? Seria assim tão difícil, seria eu um ser assim tão complicado e inacessível? Sim, a culpa também era deles, delas, que não sabem o que querem, que não têm nível de conversa ou instrução, qua andam nas suas vidas talvez mais embrulhados que eu mesmo. De modo que optei por outra forma de comportamento, talvez mais sagaz, sendo que o facto de escrever também me “incriminava”, de certo modo: menos falador, menos simpático, mais objectivo e metido na minha vida. Eu sei que isso me havia de tornar mais solitário, mas a médio-prazo podia dar resultados, sofreria mais, mas talvez conseguisse alguma coisa. Havia ali uma suspeita contra mim, qualquer coisa estava armada a meu desfavor, não sabia se era bruxaria se era simplesmente a *vox populi*, mas naquele *endroit*, havia como que uma conspiração para eu nada conseguir, ainda que falasse, ainda que fossem minimamente simpático. No supermercado, conhecera uma pequena francesa, bem linda e simpática, mas não dei. Talvez tivesse apenas de estar relaxado, a vida era banal, não era assim tão importante quanto eu julgava, afinal estava em Portugal, onde pouca gente

se importa...Era tempo de abanar o coqueiro... O que essencialmente elas, as mulheres, e as pessoas em geral, procuram, não é o compromisso, porque isso as faz estarem paradas, inativas, as pessoas procuram algo que as faça mexer, *bouger*, isso é tremendamente compreensível, o que não exclui que muitas sejam putas, ou seja, não sabem manter uma conversa sobre nada a não ser trivialidades e procuram apenas um homem para lhes dar sustento, a si e aos seus filhos, na sua maior parte. Depois, há as independentes, que querem influenciar os outros com a sua clarividência, ditas resolvidas, que têm independência económica e profissional, até afectiva: a meu entender, essas são as mais putas de todas, sobretudo porque não dão valor ao homem, é como se ele fosse um boneco, para realizar as suas fantasias, como se fossem um vibrador humano, por assim dizer. Entre umas e outras, poucas são as que sabem manter uma conversa e têm um corpo bonito, isso é coisa mui difícil de encontrar neste país, pois se as turistas são na sua maioria apelativa, são umas bêbedas na sua maior parte, apenas se preocupando com a fisionomia, o corpo, o sexo. São bonitas, mas vêm o mundo à imagem da sua beleza e tal será a meu ver a mais idiota forma de narcisismo. Mulher equilibrada, bonita, esbelta, conversadora, quente, atraente, ainda não conheci nenhum, a maior parte puxa para cima, para um lugar onde não existe ninguém, e se são intelectuais, são feias como portas e nem mamas têm. Sim, optei por uma tática diferente, a da guerra declarada e do gozo sistemático com algumas delas. Não tinha necessidade disso, afinal sou filósofo quase doutorado, bastava-me esperar por uma pachacha do sistema, institucionalmente orientada para meu proveito filosófico-erótico. Mas não estou pra isso, quero divertir-me com o tempo que me resta e se tenho inimigos, não são poucos, quero tratar-lhes da saúde neste selva tropicalia-canibalia...Grande parte delas embarca com pretos e outras em aventuras doidivas, depois vêm ter comigo e pedem-me que seja carinhoso com elas, como se fosse terapeuta e psicólogo, pois

eu lhes digo: olha que também tenho pau e é bem duro, disse-me um dia uma polaca. Na verdade, nunca mais encontrei nenhuma como ela, portuguesa ou estrangeira: mamas redondas, amplexo perfeito, nem gorda nem magra, perfeita, segundo os meus termos. Agora está velha, por fumar tanto, mas se a encontra-se dava-lhe outra com este meu pau duro. Pois, o essencial da mulher, por aqui, está resolvido, mesmo das intelectuais, que fogem para cima carentes: todas querem pai, sobretudo se for grande, todas querem uma conversa maliciosa e festa, muita festa e brincadeira, algumas drogam-se para terem sexo, para se sentirem mais soltas, por isso é que eu não encontro, por isso não há nenhuma atinada e o melhor é gozar com a coisa, com esse sistema das mulheres, troçar, fazem parte, porque o seu cérebro é como o de uma galinha, como uma ervilha e nestes momentos oiço o silêncio, já não falam tanto, já não é bola prá frente, se calhar estão a refletir nas merdas que fazem, as desmioladas dum raio. Eu sei que isto é tudo falta de carinho e de emprego da minha parte, mas está aqui uma embrulhada tal que até me dá vontade de rir e para embrulhadas estou lá eu, resolvo isso tudo num instante, qual consideração qual quê, depois o poder manipulador dos media sobre as pessoas, as pessoas simples, outras complicadas que complicam mais e mais, cada vez mais. Pois, que eu, com seriedade não vou lá, seja *gringo* ou francês.

A minha revolta aumentava, juntamente com a revolta das hormonas, achava muitas coisas estranhas, desde os atentados em Barcelona, em que tinham encontrado o culpado num tal sítio denominado Vic, até aos esfaqueamentos no sul da Finlândia. Ora eu assinava nos meus posts e cartas diversas por nome Vic, meu email era vicmota, sabia que havia informação a circular em meu nome e que provavelmente a Polícia Portuguesa, que não sabia lidar com terroristas, achava que eu era um, de algum modo, estranho tudo isto com esta coisa de ir para os EUA, se o meu nome circulava por bons motivos, também circulava por maus motivos, certamente e tenho a certa noção que a polícia estava implicada nisso, em fazer-me a vida negra e muitos locais, daqui, tinham-me ódio e inveja, que não conseguiam absolutamente disfarçar e que o inêxito junto das mulheres tinha tudo a ver com isto, ou seja, uma má imagem de mim que circulava por aqui, mesmo eu não me envolvendo demasiado com os lisboetas, como fora sempre meu costume. Isto deixava-me perfeitamente isolado e complicava a minha situação, que não era já de todo uma questão do plano psicológico, porque eu estava absolutamente são e consciente, mas do plano político. É claro que todos, mais ou menos, levavam a vida normalmente, naquele verão e ninguém acreditaria num atentado em Portugal, não, ora essa, um país tão pacífico, inimigo de ninguém. Sim, tal como a Espanha e a França. Pois eu previa tal acontecimento e não tardaria muito e decerto que fugiria, como sempre, às mãos da polícia e mesmo que houvesse antropólogos a aconselhar a polícia, coisa que não acredito de todo tão torpes que são, iria decerto acontecer e eu talvez fosse envolvido nessa coisa...por ser antropólogo! Tinha bastante matéria para escrever, mas decidi dar um tempo, um descanso à página em branco e a mim mesmo.

Entretanto, não conseguia arranjar ninguém e isto dizia muito das sociabilidades em meu redor e da qualidade das pessoas com quem eu partilhava o dia-a-dia, os espaços públicos. Ninguém estava realmente interessado em mim nem eu queria forçar uma ou outra situação, estava num ponto de ruptura sucessiva, desencadeada por fenómenos vários, desde a indiferença da comunidade antropológica e da filosófica, para não falar da sociológica aos mais diversos pensamentos que me ocorria, mais ou menos pretensiosamente. Doía-me insistentemente a fonte direita e não sabia ao certo se era dos dentes se poderia estar eminente um AVC, pelo que reduzi drasticamente o consumo de tabaco. Fisicamente estava algo em baixo, embora pudesse continuar a correr, sentia que tinha dado em quatro semanas, bastante em nome de uma ideia de América que talvez nunca viesse a ver. Procurava não pensar na solidão que sobre mim se abatia, na rua muitas miúdas olhavam para mim, mas poucas falavam comigo directamente. Fazia três semanas que não via porno e, ante a dureza e valentia do meu espírito, deixava-me tentar, talvez porque pensava que sobreviveria do outro lado. Mas ninguém, nesta cidade, se interessava realmente por mim e era tentado a alugar a casa e ir para Riachos, nem que fosse para ganhar um certo dinheiro. Estava ficando sem paciência e a minha agressividade e descontentamento estava latente. Em tudo isto, nesta grande situação, eu era sem dúvida corajoso, sobretudo porque não me revoltava, não exigia direitos diversos que tinha, antes me ria e mostrava um sorriso às pessoas, por isso elas achavam tudo isso muito estranho, mostrar um sorriso quando se está sendo agredido. Os mais velhos ainda viviam segundo certos princípios, não havia lei nem roque na Lisboa daquela altura, tudo estava em grupo com suas famílias, o melhor disfarça para pessoas insidiosas e desonestas, tudo estava em pares, mas muitos havia, como eu, que estavam sozinhos e não se revoltavam. Depois, comecei a pensar como antropólogo, que as pessoas me admiravam e

tinham respeito e talvez não se metessem comigo por vergonha que tinham, pelo facto de eu andar absolutamente limpo e bem vestido e de ter uma certa ideia de sociedade e homem que não se coadunava com os seus subterfúgios diários para viver, o que não condenada, mas não usava por não ter aprendido tais coisas ou mesmo por ter tido uma infância feliz. Por estes e outros motivos, aprendi que muitas vezes o mais importante não é conseguirmos realizar as nossas ambições sociais, profissionais, tal não tem nada a ver com um certo sentimento franciscano de bem-estar que muitas vezes parece parvoíce mas que é mais poderoso e vital do que muito norte-europeu nascido numa civilização onde tem tudo à partida e quer muitos mais, o que faz demonstrar que a cupidez e ganância humana não tem destino nem fim. Muitas vezes tendemos a não dar importância a turistas, somos, nós, portugueses, demasiado simpáticos e meigos com eles, não só pelo facto de deles dependermos para conseguir receitas, mas talvez também por uma auto-estima baixa nossa ou mesmo por um sentimento de inferioridade racial. Ora, *au-delà* de muita propalada tolerância, há muito elemento racista no norte-europeu que não tem nada a ver, por exemplo, com a proximidade anatómica que temos para com os brasileiros e africanos. De modo que há uma certa gradação, não só no tom de pele, mas na forma de vestir e de falar. Isso não representa, á partida ser-se racista. O racismo tem a ver essencialmente com o facto económico, verifica-se entre brancos, amarelos e negros. Mas a raça não é um laboratório e já que vivemos na selva, todos podem andar livres e isso leva-nos ao contexto, ao local, onde se cresce, onde se exerce uma profissão. Julgo pensar bem que o ódio rácico tem muita a ver com o desconhecimento que uns ou outros têm das respectivas culturas, daí surgirem fenómenos como o terrorismo, que atacam liminarmente o modo de vida ocidental. De modo que há, efectivamente, uma gradação nas etnias, nas nações. Não vejo porque o ocidental possa ser considerado superior ao português, ao indiano, ao

africano. Diria mais, o desenvolvimento económico é muitas vezes nocivo à saúde das pessoas em geral. Sim, porque vejo, andando pelo metro e pela baixa, que grande parte dos turistas vêm para Lisboa numa atitude descontraída, talvez até bêbeda e lasciva e numa atitude neo-colonialista, como se Portugal fosse um país de meia tigela. Pois bem, quem fez os Descobrimentos, fomos nós, a globalização nasceu aqui, tudo o que é planetário vem deste pequeno país. Sim, alguns têm respeito, sobretudo os mais cultos, entre os quais os franceses, sobretudo e os orientais também. Mas muitos acham Portugal um país de segunda, quando na América há estados e estados, quando a China conheceu progresso económico à custa de muitas mortes e sacrifícios. O que não tolero é ver o português, doente da cabeça, com tudo isto e tento ajudar no que posso, não sou psicólogo nem psiquiatra, mas faço o meu papel, senão como antropólogo, uma forma especial de ser antropólogo, pela menos com a minha presença, os meus esclarecimentos, o meu sorriso. Depois, descobri que muitos jovens viam em mim o pai que nunca tiveram, quer por ter gerado compromissos diversos que não puderam cumprir, quer por ser o tipo demasiado atinado, que não bebe álcool e fuma pouco, cada vez menos. Muitos desses jovens acabam por ser frustrados toda a vida, com mania de grandezas especialmente tecnológicas ou outras, escolhendo alvos como eu, muitos acabam por vir a ser ministros ou a ocupar cargos vários, politicamente, socialmente, economicamente. É com jovens como estes que o país conta, mas a culpa é dos pais. Ou não será culpa de ninguém e de todos ao mesmo tempo, num contexto onde tanto se promove a violência física como o quebranto psicológico, apaparicando demais esses jovens, tornando-os ratos de guetos que julgam ser esse o mundo quando na realidade apenas é o seu mundo. Assim, eu estava são e lúcido em tudo isto, havia decerto quem me boicotava a vida, tentando fragilizar-me, quer por eu não ser comunista quer para me impedir de ter sexo com alguém. Na verdade, por

outro lado, esta cidade estava cheia de sítios escuros e imundos e os responsáveis pouco se importavam com a minha opinião, estava cheia de putas que não cobravam soldo nenhum, gente sem visão, rasgo, herança. Havia de tudo. Desta atitude de euforia, que não coincidia em conhecer ninguém em especial, a não ser Maria, acerca da qual não tinha pretensões verdadeiramente razoáveis, passei a uma espécie de revolta, contra tudo e contra todos, alimentada em casa, na cama, como se não tivesse nada para fazer, como se não pudesse fazer nada. Na verdade, não tinha grandes ambições e não percebia quem as tinha, achava essas pessoas demasiado pueris na sua ânsia de fazer e mostrar ao mundo que valiam realmente alguma coisa, coisa que estava de perto ligada à civilização ocidental e cultura anglo-americana, como se no final ficassem em êxtase num estado de felicidade ôca, por assim dizer. Sim, estava revoltado com Lisboa e seus habitantes e olhe que tinha boas razões para tal, tinha boas razões para ir daqui embora, desde os tempos da Expo até aos mais recentes, mas bom, procurava não embandeirar em arco, não levar as coisas muito a sério, ainda que ninguém me ligasse peva nenhuma. Continuaría a lutar, a ser aquele que sempre fui, de uma maneira ou de outra iria conseguir alguma coisa, desde que tentasse, desde que não me deixasse abater pelo sofrimento e angústia, afinal a vida é talvez apenas uma grande corrida. Ocorria-me ser mal-educado, mandar nas pessoas, tinha esse receio de pois de tanto tempo na cidade, não queria exercer violência de forma alguma, mas sentia-me bastante revoltado com o que se passava, ou não passava, comigo...Era tímido e talvez não mudasse, era a minha natureza, digamos que gostava do romance, ao passo que a maior parte embarcava para tudo e mais alguma coisa sem dificuldade alguma...talvez não tivessem o arcabouço mental que eu tinha e quem o tivesse fosse ainda mais tímido que eu ou tivesse uma libido bastante baixa. Havia ali uma certa familiaridade nas relações que ia de encontro a certas noções mentais minhas e de muita gente, mas havia

por outro lado, uma dissonância clara em certos sentidos, ao longo do dia, da noite, que tornava aquela vila algo de selvagem, incharacterístico, desordenado, anárquico quase, algo de tremendamente quase insuportável. As pessoas falavam por tudo e por nada e eu, juntamente com outras pessoas, não tínhamos esse hábito, como que se sofrêssemos em silêncio, pois ninguém tinha nada a ver com isso. Mas havia pessoas que eram como que papagaios, falavam alto não se importando com que estava ao lado, por cima ou por baixo. Certamente seriam putas, também as havia, mas essas fazem uma escolha clara entre burrice e parasitismo e são esses talvez os verdadeiros parasitas da sociedade.

A vizinha das traseiras, outra mulher-vaca, diz que eu estou ficando maluco. Se calhar não se engana e com isso nenhum mal vem ao mundo, na realidade estou perdendo terreno, ou não, se calhar estou ganhando mesmo mais do que muitos conseguem conceber e até eu próprio. Qual é, então o sentido da vida? A carreira, o casamento, o amor? E o amor é apenas uma coligação de hormonas, de modo mais ou menos desordenado? Podia perfeitamente deixar Lisboa, dizer mal de tudo isto noutra lugar, mas o que acontece, mesmo tendo tido ultimamente algumas ideias, é que não vejo para onde ir. Começo a gostar menos do local onde vivo, a maior parte gente sem cultura que não fala de outra coisa senão infinitamente das suas vidas, das suas queixas, e dos outros, sobretudo dos outros, gente que nunca experimentou viver na aldeia, por exemplo porque a cidade é, de algum modo, para elas, um lugar de impune arbitrariedade, onde se pode fazer de tudo o mais mundano que se possa fazer, sem valores, sem tino e orientação, com a cabeça toda chanfrada. Deles posso dizer, perfeitamente: não sabem guardar um segredo, como as brasileiras, não tendo quase nada no seu âmago julgam-se grandes, mas enfim, até me chateia falar disso porque sei que todos pretendem um bom partido e que a coisa fique bem por perto, por casa, para não causar muito dano e levar uma vida de certo modo acintosamente pacata. Estarei a ficar louco? Como loucos são todos os filósofos que afinal sabem ver os matizes distintamente desordenados da vida? Eu não preciso de ficar louco, eu sou louco, perfeitamente louco e excêntrico e toda a margem da minha existência. Eu não preciso de ficar louco, eu sou louco, porque os sãos são mais loucos do que eu, pois têm estruturas de pensamento básicas que se referem incessante e redundantemente a si mesmos e à localidade das coisas. Enquanto me via

envolvido na apreciação das mulheres, sob as suas mais variadas formas e feitios, como se fosse um descobridor conhecendo índias na Amazónia ou no Oriente, interrogava-me sobre o conceito de felicidade. Alguém me dizia “quero e posso ser feliz todos os dias” e não saía da cabeça que procurava uma coisa que nunca existiu em mim, um verdadeiro compromisso e que talvez não fosse a tempo de o conseguir, pelo que de algum modo tinha de tirar daí o cavalo da chuva, o cavalinho, por assim dizer. A vítrea vontade de conhecer alguém, de me fazer conhecer, de ir conhecendo, embatia no que as pessoas eram, era certo que ainda não tinha trabalho remunerado nem tampouco esta obra viria a ser um best-seller, fazia de certo modo o que mais gostava e se não havia chegado a certos lugares socialmente elevados, talvez não estivesse inscrito na minha vontade, nos meus genes, esse desiderato, eu continuava, de uma maneira ou de outra, agora cansado, tentando encontrar um amor romântico, julgo que muito condescendente em relação ao meio que pisava. Sabia que poucos com as minhas habilitações e capacidade de argumentação teriam sido tão, vãos, como uma onda, um orda de gente, mas eu não importava, porque também, de certo modo estava *au-delà* da academia, desta vez cuidando de mim próprio. Olho para a foto da pequenita no meu ambiente de trabalho e comovo-me, começo a chorar, como não chorava há tanto tempo; afinal não sou assim tão chanfrado, afinal apenas quero amar e talvez não tenha condições para tal ou talvez tenha mesmo e certas pessoas não queiram ver, ou talvez simplesmente, não seja daqui e guarde bastante mágoa em relação a muitas mulheres que não souberam amar um homem como eu, mas o facto de estar só não me constrange, antes angústia e isso não é fraqueza nem com descendência para comigo próprio, apenas É (assim), sou eu vivendo, tal qual sou, naquele canto, talvez perdendo a religião, só mas nunca derrotado, tal qual Nietzsche, Kafka ou Mozart outros génios da humanidade ou da falta dela. Ainda estou para compreender o papel do

meu pai no meio disto tudo e o facto de eu ser uma pessoa tão aberta acerca de mim próprio, assim vai continuar, é assim que eu sobrevivo, não me escondendo, expondo, como muita gente. O meu pai, que desde os 35 anos não mais me ajudou em nada, nem avançou com um carro, o dúbio papel da minha irmã, que ajuda mas controla. Agora não há tempo pra ser feliz, quanto mais procuro menos encontro, talvez devesse aceitar as mais do que infinitas variáveis da minha vida. Isto é complicado, como se diz. A minha memória estava a falhar, não podia tomar conta da minha vida literária e académica sozinho, ainda que fosse seu único autor, falava e agia sobre mim como se alguma forma de tangência e contingência me condenasse. E pensava no despeito dos actores face aos deuses lá do lado, em especial Neptuno...

Não percebia o que se passava comigo, não percebia o que se passava com as pessoas, estava tudo chalado, talvez eu também o estivesse, talvez fosse uma espécie de conjura, de conspiração, para eu não arranjar namorada, não conhecer o amor, não ter sexo. É certo que só haviam passado dois meses e meio desde que me mudara para a casa nova. Depois pensei que o próprio Danny me estava a controlar os movimentos, para gáudio deles mesmo, como se tivesse prazer em ver uma antropocena qualquer. E eu que sempre lhe telefonava, todas as semanas e muitas vezes mais do que uma vez por semana. Eu sabia que ele era capaz disso, de não me dizer certas coisas pela frente e as fazer por detrás, mesmo usando outras pessoas, só para gozar comigo intelectualmente ou, sei lá, conhecer a minha psique. Depois olhas para ti e vês que singraste, que não és meramente intelectual nem vão, bacana, obsceno e ditador de brejeirices e talvez por seres uma coisa és outras e tenhas talvez o mundo na mão e não te atreves a estragá-lo, mesmo o prejudicando com o teu orgulho, não te atreves a mudá-lo porque em certo sentido já o fazes de uma maneira diferente, mas discreta e insidiosa. Sabes que és um sujeito marcado para o

sucesso e que isso não depende de uma carreira universitária, literária ou de um mero livro, é a viagem que conta, não o princípio nem o fim. Nada demais, depois. Cheguei ao fim e ao princípio de qualquer coisa. Talvez tenha começado a escrever para alguém em vez de o fazer para mim mesmo.

Afinal quem era o maior? Não me atrevia a pegar numa pistola, andava de um lado para o outro fazendo sentido, procurando encontrar explicações porque um quase doutorado em Filosofia em Portugal não namorada, será que havia apagado tudo, questionado tudo e não sobrava mais nada? Será que continuavam todos mais ou menos inconscientes das suas estruturas mentais e não se haviam percebido que eu as colocara em causa? E ali estava eu, perdido num canto, perdendo mais do que a minha religião, o meu amor, o meu sentimento e pouco podia fazer senão viver através dos dias e esperar ser resgatado por alguém, porque, na mente de muitas raparigas, o mais importante é o facto de ter emprego, não o amor em si, e eu parecia não despertar já mais amor a ninguém, dada a minha amargura, como se quisesse recuperar tempo perdido, mas era complicado arranjar emprego, apetecia-me fugir, ir para um país distante e recomeçar qualquer coisa de novo, mas não podia porque aqui qualquer coisa de novo começava. E então, eu tinha na verdade um poiso em Lisboa outro em Riachos, parecia estar recusando qualquer forma de felicidade, fugindo, desta vez para a América, andando de um lado para o outro, indo comprar tabaco e ver a cara de desagrado da simples empregada vívida e desagradável, como se me quisesse não querendo, como se estivesse a fornicar comigo estando com outro na verdade, sabia que andaria com a imagem do seu desagrado por me ver ainda mais uns dias, sentira uma breve e fugaz inclinação por ela mas a breve trecho tudo acabara, pelo que tinha de voltar à escrita que afinal sempre fora, era e seria o meu trabalho, bem melhor que um trabalho dependente de outrem tinha também o meu projecto da Universidade e tinha de guardar forças para que algo se

concretizasse em Lisboa. Assim, a América, notadamente Nova Iorque, luta pela evidência do que é íntimo e vital, tornando-o evidente e público mas ao mesmo tempo tentando-o esconder como se fosse algo de precioso como por exemplo a vida. Por instantes, não sendo vaidoso, percebi que seria o melhor escritor português, talvez um dos melhores entre os filósofos e entre os antropólogos também, para não falar dos sociólogos. Entretanto, bocejei, não valia a pena cavar em mim mesmo muitos mais argumentos. Nesta vida, havia feito muita coisa, se não tivera trabalho oficial como alguns dos outros, problema meu, tivera um trabalho muito maior, muito melhor, a escrita, a antropologia, a filosofia, escrevera por fim uma tese de doutoramento, uma de pós-doutoramento. Mão fora coisa pouca para uma só vida. Podia descansar em paz.

As mulheres de hoje em dia estão diferentes daquelas que havia antigamente. Hoje a mulher procura uma relação mas no sentido do não querer querendo, devido em grande parte aos inúmeros casos de violência doméstica. O meu fracasso na procura de mulher deve-se em grande parte a isso, ao tratamento de homens como eu face às mulheres. E ainda por cima falo com eles. Não há homens perfeitos. Ou talvez haja, a saber, eu próprio. A mulher precisa de muitos dados para investir numa relação, ou então tem-se uma porca em casa. O espírito da maior parte dos homens é sujo, porco, eu próprio sou assim, penso em porcarias todo o tempo, mas há mulheres que também são assim, e as portuguesas encontram-se numa subcultura do mundo marcada por uma tradição judaico-cristã da culpa que é o mecanismo através do qual se reitera o desejo, gerando cada vez mais frustração. Eu também experimento esse sentimento. O que se passa no nosso país e que me diz directamente respeito é que os engenheiros, advogados, arquitectos e gestores do nosso país ganham, na sua maioria, bastante dinheiro, para eles é meia bola e força não se preocupam com os outros nem têm sentimentos, são materialistas gananciosos. Por outro lado,

a maior dos filósofos, sociólogos e antropólogos são uns líricos meninos de coro que vivem de subsídios comunitários, nunca fizeram outra coisa nem conheceram desdém por parte dos outros ou qualquer dificuldade psicológica, nunca pondo realmente nada em causa. Apenas um conheço que é verdadeiramente filósofo e vejo-o curvado ante si mesmo todos os dias quando vou até à Gare do Oriente. Esse, sim, é filósofo, vergado ante interrogações fundas e radicais, como se questionasse o mundo inteiro e seus habitantes com sua filosofia. Encontrei-o ontem no ginásio, onde ele e eu fomos beber um café. Todos o conhecem e respeitam, a mim também, por isso tenho a certeza que vou arranjar uma serigaita mais cedo ou mais tarde. Grande parte, porém, das mulheres, não quer compromisso, longe disso, querem viver o momento, como os homens, que também não querem compromisso, querem o que o dinheiro dá e o estatuto dá, pois a sexualidade, tanto masculina como feminina está hoje ligada não ao amor mas ao poder, sentimento com que muitos se excitam.

Disto e daquilo e daqueloutro, mais um dia com nada de especial para relatar, a não ser ter-me levantado mais bem-disposto, com dores no baixo ventre e uma certa má-disposição, entrecortada com bons momentos, que não foram assim tão eufóricos. Era para ter ido já para Lisboa, onde procuro alugar um quarto, nada me ocorre em termos de literatura e este livro é dos mais difíceis que tenho escrito, vale como gémeos...Penso entretanto nos dias que se seguem e na possibilidade de vir a encontrar o amor, na minha compleição física nas consequências inúmeras do estar aqui ou numa Lisboa que em certo sentido se esgotou para mim, de certo modo nada tenho a fazer entre ela e Riachos mas por outro lado talvez seja aí que resida a fonte da minha felicidade e não digo muito mais. Há que saber viver, com o tempo, com o tempo de que dispomos, aproveitar alguma arte de experiência feita. Pouco a pouco, desistia do intento de arranjar uma mulher lá para casa, fosse porque não tinha emprego, logo sustento e

remuneração, fosse porque aparecera uma pessoa relativamente honesta para alugar um quarto, viesse ou não a ter envolvimento amoroso com ela. Dirigia as minhas baterias sentimentais para Riachos e outros locais em redor, abandonando um regime de competição que estabelecera semanas antes, com implicações claras na minha saúde. Podia alugar todo o apartamento a duas estudantes, meu intuito era devidamete sexual, eu queria de certo modo recuperar um tempo perdido, mas não tinha muito por onde pegar, de modo que embora tenso e instável, deixava-me andar na caravela do tempo, procurando estar ocupado, nomeadamente com livros e pensamentos mais ou menos progressivos. Sim, eu sabia que era o melhor escritor português vivo, mas nem disso eu queria saber, para mim o mais importante era viver e a fruição da vida, nem sabia se conseguiria reunir forças para redigir *Uma Teoria (Geral) da Sociedade*, embora tivesse a maior parte da obra já escrita em diversos cadernos. Entretanto, vou ao café e só vejo quem critique, a mim e ao sistema, por todos os lados. Não falta gente que, não tendo com a sua vida feito nada de especial, critique por tudo e mais alguma coisa. Este, que muitos chamam de Preto, diz que eu estou velho e pareço um homem de oitenta anos. Pois bem, à luz de Osho, deu demais de mim mesmo, puxei tudo, fiz-me à vida, fiz alguma coisa com a condição de que dispunha, acrescentei bastante ao que estava feito e não adianta muito gabar-me pois não tenho esse hábito e assim este, como outros livros poderia parecer um certo *Elogio à Minha Individualidade*. Assim, não vivo em locais inspiradores para a escrita, forço essa inspiração no local onde estou, marcado pela ausência de diálogo com o meu pai e muitos dos conterrâneos, a maior parte deles marretas até mais não. Talvez por não ter tido uma vida social e pública force agora um pouco as coisas e me sinta ansioso, mas creio que se tiver a maior das calmas, ainda vou fazer muita coisa. Entretanto, bebia uma cerveja, desta vez com álcool, não me sabia a nada e evocava no meu espírito aqueles que comigo não se importam e

pressenti que seria ali o meu fim enquanto escritor, pouca gente ma ligava eu ligava a muita gente, pondo nas mãos de muita gente o meu destino. Os mais avisados dizem que isso é coisa que não se deve fazer. Mas, para um tipo como eu, sem emprego, sem namorada, sem carro, sem dinheiro, o que poderia eu realmente fazer? Sim, o que poderia fazer se estava de mãos e pés atados? Ouvir música, continuar a escrever, viver a vida de todos os dias, isso me dava alento e agradava deveras. Muitos me criticavam por gostar de sexo e talvez fossem esses os meus inimigos, pois quem nega afecto é a pior pessoa que pode existir à face da terra, não se dê o caso de estar ferido de amor. Mais uma vez, na escrita, eu tinha aberto o meu coração à sociedade, como poucos escritores o fazem, na sua maioria viajam em nuvens fictícios ou de imaginário. O que tinha recebido em troca, sim, o que tinha recebido em troca? Era tempo de deixar de ser escritor, de mudar? Claro que não encontrei, em todo este tempo, alguém a quem amar, talvez procure no lugar errado, na internet, talvez devesse sair mais, à noite ou de dias, procurar as miúdas onde elas se encontram e precisam de ser encontradas, por algum motivos muitas gozam comigo, como se não tivesse trabalho, outras admiram-se do meu currículo e argumentação e acabam por se interessar, primeiro, desistir depois, saio ferido de tudo isto e embora tenha bastante resistência, tenho andado bastante cansado mentalmente e seria o fim da picada não encontrar tão cedo alguém. Realmente, nesse Domingo de bastante calor, não saí grande coisa de casa, talvez não fossem mesmo nesse dia que iria até às Docas ou ao cais do Sodré. Esperaria pela semana. Tinha de me ir deitar, esquecer a tensão em que vivia naqueles dias...Mesmo tendo conseguido superar Osho.

Há uma escuridão na minha mente e eu, de certo modo, descrevo um estado de espírito. Mas muito mais, um estágio de funcionamento da sociedade. Afinal, enquanto autor, sou o reflexo da sociedade em que vivo, mesmo que ela pouco me dê e eu, em certo sentido, esteja condenado em defendê-la através da minha família. Não é trabalho fácil, este, envolve muitas críticas e acusações, muito escarro, para no final de contas ter sido apenas um escritor das coisas. Outros, mesmo nesta era, são bem mais arrogantes e no século procuram firmar suas garras e instintos. Isso não vai muito acontecer, pois não? Crias expectativas em relação às pessoas e depois nada se concretiza. Procuras explicar uma e outra coisa, o teu sucesso, o teu insucesso, quando a vida social, se assim se pode dizer, está desgovernada e em certo sentido vale tudo. Isso não vai acontecer, não provoques, então, não vale a pena, suspende tudo o que estás fazendo e deixa-te pairar no ar, levitando teu saber. Naquele dia de verão, estava particularmente ausente de mim mesmo, estranho ao mundo, às bocas do mundo sobre mim os outros e todo o sentido que por ali fazia. De certo modo, o meu ser estava vazio, oscilando de um lado para o outro na solidão. Procurava ânimo, um fio condutor, uma esperança que me levasse mais além no fio dos dias. De resto, o meu quotidiano, se vou falar dele, é absolutamente bana. Ando nos chats grande parte do tempo, dou uma ou outra volta ao bairro, conheci uma velha ali no café em frente, outra no chat, cuja horribilidade me atraía, juntamente com linguagem porca, mas sentia-me bem, pela enésima vez não tinha controlo sob mim mesmo e isso era bom, fazia-me sentir livre, estava chegando ao fim de uma espécie de ciclo de dor e torpor, mais de dois meses sem conhecer ninguém, tinha naquele dia um encontro com um jovem interessante, também de filosofia,

à luz deste sol mítico de Lisboa, passava de facto muito tempo em casa, as obsessões persistiam, na maior parte do tempo não sabia que calças havia de vestir, tinha obsessão da limpeza do corpo, como se fosse um caso clínico de amor tardio, serôdio, no entanto lá conseguia manter-me à tona, bem disposto, surpreendentemente bem-humorado e bem-disposto. Pensava na mãe, talvez estas procuras tivessem a ver com o desejo primitivo de a amar e na irmã, talvez. Talvez sim, talvez não, não procurava uma explicação nada especial para o que me acontecia, para o que se passava comigo, para o que pensava. O facto de não ter intercurso com ninguém havia tempo, nem uma reacção “séria” ou estável com alguém, aumentava a minha instabilidade, irritabilidade, ouvia vozes, as palavras lá em baixo das pessoas pareciam-me outras, todas direccionadas para mim. Estaria esquizofrénico? Psicótico? Não sei, mas estava em dúvida desempregado e só, sem dinheiro, dependente das prestações da minha irmã para levantar uma obra monumental no campo da literatura e das ciências sociais. Tudo fluía e eu, desta vez, não fazia nada, nada podia fazer para impedir qualquer coisa que se iria cristalizar na realidade, para fora de mim mesmo, além de mim e do meu estatuto de sujeito pensante. Aquilo que parecia uma conspiração era apenas falta de trabalho e eu passava facilmente por mandrião, quanto tinha intimamente toda uma série de problemas e de certo modo conseguia fazer uma vida paralela em tudo isso, fazendo das tripas coração todos os dias. A realidade é que com esta idade não me dariam emprego facilmente e eu, de facto, não havia crescido nesse aspecto, na responsabilidade de sair todos os dias de manhã para trabalhar e, porventura, partilhar isso com alguém. E seria, por isso, um garoto, um mandrião, um zé-ninguém? Não me importava, tinha críticas de todo o lado, a minha vida simplesmente era diferente, ainda que algo marginal, dizia respeito a coisas que toda a gente entende e com as quais lida, retirando do saco a filosofia, claro. Depois, comecei a perceber o que

verdadeiramente se passava comigo. Eu gostava demasiado de mulheres, queria a todo o momento estar pronto para elas, mas a vida não é isso, eminência a toda a hora de contacto sexual. Eu sabia que no final da minha vida me iria deparar com esse medo, essa timidez em relação às mulheres, que funcionava como mola ética em termos da culpa, sabia que no meu último suspiro e apenas lá então, iria encontrar o amor da minha vida. Antes não, antes e durante todo este tempo, não me conseguiria encontrar, nem comigo mesmo nem com ela, a não ser que desse um golpe de teatro em frente a uma menina ou mulher menos avisada. O meu estado psicológico era de grande fraqueza, mas eu persistia em acabar este livro, chegar pelo menos às cento e oitenta páginas, o mínimo para ser um “romance” aceitável. Dar, dar, dar.

Depois, o meu pai sonhava comigo como sendo um grande homem de iniciativa liberal, subindo a rua principal de Riachos como em tempos o meu tio-avô, que também tinha andado no seminário em Leiria. De certo modo, eu era um liberal, mas no pensamento, não nas obras, nas acções, se bem que em certo sentido também o fosse. Mesmo o Professor Pina Cabral e seus colegas ainda me admiravam mas todos eles não deram um passo para me contactar, para me entusiasmar, para me apoiar. Silêncio, dos antropólogos portugueses e também dos filósofos, o que eu tinha era silêncio, ignorância e esquecimento. Preferia morrer e viver em paz que entrar em grandes questões, além do mais não era professor de coisa nenhum, nem estava ligado a nenhuma instituição. Estava tentando justificar-me? Talvez sim, tendo em conta o que havia feito, donde partira e onde havia chegado. Só eu sei. E tudo está (d)escrito nas minhas obras. Nisto tudo, sentia que havia uma conspiração contra mim e das piores, certos gatos malteses que andam por aí em plena luz do dia e que me espiavam informaticamente. Não, não eram simplesmente as minhas vozes, era bem real, era uma ameaça para me fazer sofrer da pior maneira, sabiam que eu via de quando em vez, talvez de três em três semanas, porno, e estavam impedindo que eu fizesse sexo com alguém, uma das piores torturas de regimes políticos que se pode conhecer. Não sei mesmo se há tortura pior do que esta. Não me admiro que me sentisse extremamente mal, cansado, desamparado nos meus afectos, sem um pingó de amor. Eu não queria que toda a gente de Lisboa gostasse de mim, mesmo que me armasse em Rei desta terra, tinha escrito Demópolis e o guião falava por si. Podia ser o vizinho de cima, podia ser o de baixo, mas descobri que essas vozes eram apenas a televisão do vizinho de cima. Muitas pessoas se

intrigavam comigo, com a profissão que eu tinha: viam no antropólogo um garante de uma certa autenticidade profana, quase obscena, uma admiração de um homem que pensa a fundo o fenómeno humano. Muitos pensariam que gostava de meninas, o que não era de todo verdade, eu apenas não tinha emprego nem mulher e procurava isso. Além do mais tinha cas, iria arrendá-la a uma pessoa interessante, *au-delà* da francesa que viria no dia seguinte ou daquela técnica de conservação e restauro que já havia vindo. Eu mantinha-se com o esqueleto fora do armário em termos de heterossexualidade. Era fácil “ceder” e assumir-me gay, nunca fora tão fácil e com vantagens infindas, mesmo em termos de poder decisório efectivo e nos media. Mas eu não o fazia, porque sabia no íntimo de mim que não era gay e que não era questão de resistir, simplesmente eu não me conseguia libertar desse fantasma, que no fundo era o fantasma dos outros e relaxar para grande quecas em todos os sentidos... Alguns chamavam-me tarado. Antes chamar-me iam perverso, por não ter miúda e andar atrapalhado com isso, mas eu tinha a minha razão, mais tinha uma espécie de razão universal e individual em tudo isto. Que mais natural num solteiro sem miúda do que ver porno? Ainda por mais esporadicamente, ou seja, mais ou menos de três em três semanas? Pois, no início era duas vezes por semanas, outra passavam quase noites inteiras nisso, mas estava longe de ser tarado ou adicto em pornografia. Bem longe, aliás, sob o ponto de vista sexual eu seria um mestre bem mais expressivo e genial do que o próprio Freud...só me faltavam alguns conhecimentos de anatomia no interior do corpo humano, porque a psique eu compreendia perfeitamente, digamos que era um *expert* em heterossexualidade e até homossexualidade, juntando dá também bissexualidade. Finalmente, conheci uma preta e estive quase a convidá-la a vir a minha casa, mas depois pensei, há pessoas más em todo o lado e esta bem que podia estar-me a lixar a vida e eu, com os meus impulsos, podia estar a lixar a minha vida por causa de uma tarde de sexo.

Mas...como precisava, depois pensei mesmo que esta seria a genial cartada face aos meus detractores, casar com uma neguinha, ter sexo todos os dias com ela, de lado e de todos os feitios, para aqueles que me haviam acusado de ser racista, por exemplo. Apetecia-me dizer “foda-se”, “caralho”, que ganda azar ou talvez falta de sorte ou talvez muita sorte em ser relativamente importante, com a neura durante o santo dia todo, mas era feliz, como muita gente simples que faz o seu trabalho e depois só pensa em divertir-se ou descansar, conforme for a tendência dos corpos. O que iria acontecer? Estava sempre preocupado com isso, diacho e ali, mesmo com um grandíssimo formigueiro na cabeça, não ousava em defender-me, em gritar, sufocava a dor de compreensão, talvez apenas um Mal de Montano... Nem vez de, à luz da minha abençoada sina, dizia fosgase, catano, lembrando o amigo que partiu e outros que sucumbem ao AVC e doenças cardíacas, outros ao abalo das doenças psíquicas, como aconteceu comigo, talvez por, apenas, tentarem compreender o mundo e haver mais necessidade de falar, de exteriorizar, afinal é isso que os médicos e outros técnicos de saúde promovem...bem como os académicos, os professores, os treinadores de jogos diversos, até mesmo os pedreiro comunicam em seu trabalho, com seu trabalho. Ali, nesse dia de mais uma directa, estava em casa apanhando um pouco o sol e esperando por ela com uma imensa sorte de ter casa (nova) e de ter tido um pai que nunca falou muito mas que fez muito. Foi graças ao seu esforço e da mãe, que me é permitido estar nesta comunidade, onde digo, ainda ninguém me bateu...E estava envelhecendo...quem quer bater num velho? Só se ele se armar em experto, ou gringo...Durante dias que estava tentando não me tornar duro, mas sabia que se voltasse a perder Deus de novo, tornar-me-ia num tipo, num sujeito, duro, ditador, rígido, implacável, mais do que o meu pais, de certo modo, por isso ou me agarrava a Deus ou às coisas deste mundo ou ao amor que me escapava, um amor terreno e ao mesmo tempo divino por Ela chorava

durante semanas, não lágrimas de cair ao peito, mas baba e ranho, lágrimas que se cristalizavam à saída das pálpebras, que não deslizavam sobre o meu-seu peito, mas que ficam ali mesmo nos papos dos olhos, andando de um lado para o outro como bolas de bilhar, como se os olhos fossem quadrados, como uma mesa de bilhar. E olho pra mim, por um lado tanta perfeição, que sou mesmo perfeito desde o dia em que nasci, corpo e espírito, dizia minha santa mãe a todos os que olhavam pra mim, depois olho e nestas semanas não conheci nenhuma miúda interessante ou, melhor, o que desaponta é o desequilíbrio psíquico de não cumprir a função de marido, chefe da casa, numa perspectiva vá lá *au-delà* sociológica. Isso é que me dá pau e que, no fundo, todos fogem, pois sabe-se que o homem é por excelência um semeador de semente, pois então, todos são assim no fundo, mas não querem confessar...acasalar com o maior número de fêmeas possíveis é pois o destino primário do homem, não vou dizer animal (de espírito, alma, anima, desenho animado), mas por sociedade acaba por ter duas ou três na sua biografia, antropológica e etnologicamente falando. Mas muitos, influenciados pela ideia de Deus, amam apenas uma, uma ideia romântica certamente, respeitada entre judeus, pois que os protestantes, normalmente os americanos, são na sua maioria promíscuos, mais cedo ou mais tarde, muitos amam uma durante a sua vida e mesmo que tenham intercurso “animal-mente” não esquecem o seu único amor, talvez por estarem perto de uma certa ideia de Deus, no sentido plenamente filosófico. Neste sentido, pensei o seguinte: o que é o usufruto e produção de Mal face à contingência? Ou seja, o Mal é contingente? Nos termos do senso-comum, vou explicar: de que me vale a pena fazer o Mal se sei que vou morrer, mais cedo ou mais tarde? Ou seja, se eu fosse imortal, faria mal a alguém? O Mal tem em si inerente, o no seu uso, alguma forma de arte? A liberdade individual contemple o uso do Mal? E o que é o Mal? Para mim é o suicídio, o homicídio, sociopatia, psicopatia, em certo sentido, embora haja doenças

psiquiátricas em que os seus agentes não são agressivos, ponto as coisa noutros termos, o sujeito pode usar de Mal sob o intuito de sobreviver, mesmo sabendo, em termos matemáticos que, mais cedo o mais tarde, vais fenecer? A minha resposta é a seguinte: a vida não é resultado de um fado, de um fatalismo, a vida é uma forma de arte e por vezes ao tentar fazer dela o melhor que pode, sob o intuito de a mostrar aos Outros, a Deus ou a Si Mesmo, o sujeito acab por fazer , de algum mod, Mal, mal s si mesmo e aos outros.

Descobri naquela tarde de chuva acintosa contra a minha janela, debruada na rua movimentada do meu bairro, que por vezes não há relação entre as coisas, as pessoas, a ciência social tira daí sempre algum sentido, mas por vezes não há sentido, ou há um sentido, digamos, teológico, sentido que Deus dá, confere, à situação, portanto, a cena antropológica, seja sobre o corpo, os corpos misturados (Serres) tem a ver com uma certa e determinada suspensão do juízo ético, relacional, social, em termos brutos. Por vezes, não estão as etnias em jogo, estão apenas os humanos e nos termos da reiteração do Eu, que avancei, eles podem estar e podem não estar “lá”, por vezes defendem o seu grupo, a sua família, como fazem os jovens, alguns em gangs ou em outras situações, mas cabe ao observador, seja participante ou não, tirar daí, dali, o sentido...De modo que há, em mim, enquanto cientista social e escritor, como porventura haverá em mais gente, um centramento no corpo, nos corpos misturados, interseccionados, o que nos conduz à questão do corpo sem órgãos e das prótese, da robotização, da robótica e creio que essa marcha do olho-espírito humano não vai parar. Será destrutiva? É o devir em questão, em acção, aplicado à consciência humana, à razão, que por vezes nos seus excessos fere o Outro, por isso ainda que algo profanamente, defendo um certa ideia de Deus, quando muito acompanhada do devido olhar científico e, porque não, literário. Esse centramento no corpo é na verdade um centramento no espírito, do espírito, no espírito da coisa, das coisas que achamos nos salvam, ou seja, se as relações sociais e humanas em que estamos de uma maneira ou de outra implicados nos salvam, também nos podem ferir e, de alguma certa maneira, designar o caminho de uma razão humana, de uma racionalidade proveniente da articulação corpo-espírito. Porque quando

vemos o corpo, vestido ou nú, sob níveis distintos, vemos o espírito, da coisa que não é coisa, é espírito, alma, cultura, anima, mente...na verdade há uma certa dispensabilidade, a meu ver, da psiquiatria não somente nos termos da medicalização do corpo, do organismo sem mente, mas também nos termos de que a mente é por si só perfeita, só que está sujeita ao tempo e ao embate dos corpos entre si, seja em intercurso seja em luta diversa, seja pelo uso das armas, ou seja, regressamos à questão foucaultiana de que é preciso defender a sociedade e a clássica questão, também questão de fundo do direito, de que qual das duas modalidades se deve promover, a liberdade individual ou o bem-estar e monotonia social...

O capitalismo perdeu enquanto modelo de sociedade porque cria ressentimentos, logo gangues, seja étnicos seja de classe. Como disse atrás, desisti dos meus intentos de conseguir a tese discutida, a humanidade que a discuta e que me descubra, a mim e a muitos como eu, não sou de ostentar amigos porque os faço com facilidade, mas também não tenho muitos, o que não quer dizer que não seja boa pessoa. No entanto, não vou ceder à tentação de fazer chantagem com o meu povo, ainda que o pudesse fazer, só para conseguir uma vida que muitos têm, para conseguir mulheres, que têm ou não têm, isso pouco me importa, não, isto não é um *turning point*, apenas é a asserção de que seria, talvez o melhor escritor português vivo, ainda que e sobretudo porque não sou publicado pelas grandes editoras que servem uma literatura e um ciência social, para não falar de filosofia, de grande consumo, logo banalizam a coisa cultural, tornam-se esboroadas, pobres, vê-lo logo que é produzida não só sem esforço mas com desdém para com o espectador de arte. Quanto ao cinema, é a mesma coisa. Ponto. Mais uma vez, não estranho comportamento de alguns jovens, polícias e segurança em relação a mim. Quando estive no hospital não estiveram lá, sei bem que me querem de certa maneira, por assim dizer, sanear, como era próprio de antigos regimes. Como é próprio deste, onde há liberdade, liberalidade,

tudo o mais, coisa positivas como o falar, discutir, mas na minha opinião falam demais e fazem de menos, como aquele que disse que eu não faço nada e tem um café que mete medo ao susto. O nosso capitalismo está cheio de gente cansada. Será de lutar, pergunto eu? Será de traficar droga e mulheres? É muito provável que sim, julgam que o antropólogo aceita tudo só para escrever as suas constatações e conclusões. Por outro lado, julgam que o antropólogo, ou o filósofo sofrem uma espécie de primeira infância mental, sentimental, que são encolhidos e não sabem dar um bom chapadão a quem o merece ou um golpe de tesoura que os põe no chão a sangrar. Continuando, a ver se acabo este, quando ficas sozinho e a matutar, acabas vencido, mas não convencido, quando te ergues há sempre alguém que adivinha o teu pensamento e tenta duplica-lo e ao teu comportamento. Os terroristas fizeram-na boa aos espanhóis e aos franceses, para não falar aos ingleses e podem-na fazer aqui, pelo que tenho de ver umas coisas, observá-las bem observadas, porque a polícia não está a trabalhar com quem deve para evitar um atentado por aqui, nesta cidade, estão mais preocupados, com o quê não sei bem, mas de certo modo tenho também de proteger-se, porque afinal estão atentando contra a minha integridade física e quem deve fazer não faz, trabalham neste terreno quando não é aqui, nem sequer na América, que devem trabalhar. Chego a casa e estou só. É porque nada aconteceu, foi tudo ficção. Ou não Esteve cá um jovem iraquiano e estou equacionando se lhe devo alugar o quarto. Este é, provavelmente, um enigma mental, saber se ele é terrorista ou não. O que faz um terrorista? Estuda a foram de pôr uma bomba? Depois pensei que há terroristas muçulmanos outros não, o que é o terrorismo afinal? Não morrem pessoas quando se constrói uma ponte, um metro? Estou a descartar alguma culpa, minha ou dele? Terá o terrorismo a ver com a religião, um traço da sociedade, como esta, quem bem conheço? Que razão há nessas pessoas que se tornam algozes de inocentes e de um povo que não conhecem? É bom

pensar com a barriguinha cheia, porque quem tem fome que se desunhe. Depois, a sociedade não se ergueu depois do terrorismo? Não e levanta todos os dias para o prevenir? Que espécie de raiva para com o antropólogo, o filósofo? Porque não se pode pensar? Porque afinal, tudo corre, como que fugindo da própria morte, em todos os sentidos. Sentei-me no sofá da sala, a televisão estava apagada, olhei para o chão e lá estava o livro de Boécio da Dácia, A Eternidade do Mundo e penseis, toda a gente, de um modo ou outro, procura a eternidade de Si Mesmo naquilo que faz, eu na escrita, outros numa qualquer profissão, eternidade vem de éter e este serve para conservar os corpos. Será que o corpo realmente desaparece, julgo eu, o reaparece noutra lugar? Que planos maquiavélicos há no homem para se autoperpetuar, desde a Coreia a Cuba? Na verdade, o homem que substituiu Deus, agora procura substituir o próprio Diabo, que tem em si ou que vê no outro, no seu semelhante, mesmo o mais próximo, a maior parte das vezes no mais próximo, pois o que está distante, basta ligar a TV é sempre heróico e fascinante, digno da mais amadora imitação. No fundo, as relações sociais regem-se pelo que os antropólogos chamam de difusionismo e Gabriel de Tarde as “leis da imitação”, a não ser alguns sábios que criam pensamento a partir do nada, a partir do não-pensamento. Talvez seja essa a chave para a cura de muitas doenças da civilização e talvez seja mesmo a civilização e a selva, já agrar, tropicalia canibalia, o grande problema, porque se não é a bomba, mais tarde ou mais cedo é o tsunami, por isso as pessoas realmente não se importam e o que se importa, importa-se mais com os outros do que consigo, porque afinal é feio e desdentado, tem os dentes, os que tem e não tem, amarelos de tanto pensar. Enquanto uns se preocupam com os outros, muitos nem sequer se preocupam, ora porque estão atentos às mulheres, ao trabalho, à droga que consomem para esquecer a sua abundância de dinheiro, fama ou incapacidade para pensar. Outros falam e discurso, incham, como se fossem

bois emissários de uma qualquer verdade, transmitindo aos jovens uma forma intelectual de odiar o mundo, quando o mundo tem nele tudo, como o homem tem, a cura e o veneno, muitas vezes também o antídoto e a crise, a doença e o medicamento, a fecundidade e a infertilidade. Assim, enquanto meia parte do mundo avança para um lado, a outra parte regride e talvez seja a parte, truque de ótica, que avança, que está na ponta, que às tantas recua. Qual é o destino do homem, da humanidade? Tornar-se uma pedra metálica, insensível, matemático, ganancioso, triste e fatalista, mesmo que haja muito amor a seu lado, por vezes há demais, muito para uns, que só percebem disso, pouco para outros que, afinal, lhes permitem o exercício do amor, e nada recebem, acabando numa cama sós.

De repente, os meus três objectivos a curto prazo deixaram de interessar, ou seja, o lugar de professor de Filosofia, a discussão da tese e a indemnização pela ajuda da minha irmã nestes anos todos. Deixou de fazer sentido, para mim. Preferia uma vida mais equilibrada, recatada, sossegada, poder acabar esta obra e começar *Uma da Teoria da Sociedade*, se bem que não recebia do estado ou de qualquer outra instituição subsídio, bolsa ou montante algum para tal. Na verdade, iria pensar ainda melhor antes de abalançar-me numa obra dessas, se bem que se tratava apenas de uma transcrição de algo que estava já escrito, com um ou outro acerto. Que iria então fazer? Continuar a correr, lutando contra o vício do tabaco, deixar-me de confundir o sexo com pornografia, continuar com os mesmos medicamentos, falar, falar mais e fazer mais, muitas coisas podia aqui fazer, sobretudo não forçando nada, tudo menos a mente, pois estava interessado em aproveitar esta viagem, que estava um pouco mais que a meio, vendo eu muitos que força e que acabam reféns no seu egoísmo e posse, dos seus próprios êxitos. E Nova Iorque? Era um enigma, pois sabia que lá iria acontecer várias coisas, silêncio ou luta, perseguição ou bombardice pegada, ou mesmo cinema sempre a desandar. Podiam nem me ligar, eu não ligaria na mesma. E será que a minha mente, na sua ambição desmedida de ver tudo, de compreender tudo, fazer sentido sobre tudo o se presta aos olhos, teria alguma vez ainda capacidade para suportar a saturação de sentido, mais, o desligamento das coisas e das pessoas, para não falar dos bens e a banalidade de tudo e mais alguma coisa, sobretudo dos edifícios? Depois, com as mulheres, como seria? Uma amiga que fizera nestes dias últimos poderia ir comigo, mas creio que se assim fosse a coisa podia correr mal. Iria só, como só estou aqui, mesmo não tendo, longe disso, síndrome

de *locked-in*? Sim, estava em crer que nem era tarado, nem esquizofrénico, nem sequer tinha OCD, é fácil negar, a coisa volta em força, os medos, as loucuras, as visões, as alucinações. Mas não estava farto de lutar, como provava o facto de continuar esta obra e estar dias a fio acordado de noite pensando comigo mesmo: como posso eu fazer tudo isto sozinho sem receber nada e sem que ninguém me diga alguma coisa do que estou a fazer ou, pelo menos, dê algum incentivo? Dá para esmorecer, para desconfiar, para ficar triste. Estaria a lutar contra moinhos de vento? O certo é que o meu espírito, que sempre fora inquieto, não descansava e a pouco e pouco esquecia as mulheres e não me preocupava em agradar-lhes, pois esse é o mal de muito homem, estarem sempre preocupados em agradar-lhes e não sei que mais outras coisas sobre as quais nem sequer tenho de responder ou argumentar. Estava, assim, falando de mim, das minhas aventuras e desventuras neste espaço orlado. E já não me dava prazer algum esta escrita, mas eu continuava, tirando palavras a ferro para chegar ao mínimo para o romance. Eu, neste tempo todo, descobri a razão da minha solidão e sofrimento: andava por Lisboa tentando evitar um atentado, como acontecera com os meus em diversos locais de Espanha e França. Elas confundiam-me e tinham medo, pensavam que seria terrorista ou coisa assim. Em tudo isto, a realidade era bem mais assustadora do que os filmes de Jim Caviezel e nomeadamente *Sob Suspeita*. A ironia de tudo isto é que eu era um gigolo a soldo, pobretanas lutando por uma causa universal numa só cidade, o direito à vida e ainda por cima a polícia e os seguranças nem suspeitavam o que eu fazia, porque se criara neste país o hábito de ser simpático com os turistas por necessidade quando muitos nem ao menino Jesus interessava, só vinha para fazer merda, independentemente da nacionalidade, espiarem, explorarem os monumentos que nunca ergueram nos seus países e isto é equivalente a França e Espanha, Itália, Grécia ou mesmo Marrocos. Muitos deles ingleses e americanos. Aliás, o correlato da

falta de indústria no país seria, a meu ver, o turismo, sendo que este era por si só uma indústria que entrava e desbobinava o ciclo vicioso da dependência do país face à sua história. A própria música reflectia este vício, sempre enredada em temas langorosos, por vezes mais ou menos sociais, mas sempre de bairro, tendo em conta a reivindicação dos pobres à educação e justiça social, enquanto que lá em cima, onde interessava, ninguém batia, ou seja, do ponto de vista da argumentação conceptual a própria música era redundante e não competia com outros temas, não digo americanos, mas ingleses ou franceses, lembro a canção de Calojero, *La Fin du Fin du Monde*, só para dar um exemplo. Depois percebi que uma sociedade onde uns e outros, umas e outras, andam às turras para ver quem é o melhor é, afinal, uma sociedade doente, ou querem ser diabos uns dos outros ou Deuses salvadores, Cristo, de todos. E as mulheres caem nesse engodo da vitimização do objecto de desejo, por um lado, e tentativa de heroicização por outro, em termos da força física, psíquica, saber intelectual, de tudo isto junto, ou não, conforme as apetências. Sim, é claro que estava carente, mas quanto mais demonstrava pior é. O humano é assim, ínvio, sinuoso, disfarça o mal com o bem, o bem com o mal, nunca se há-de conhecer a verdadeira natureza do humano por mais estudos que se façam. Será isso condição para que não façamos nada, para que o esforço do homem caia em vão. Não creio, a humanidade avança, com esforço, desejo, ódio e proliferação de vontades diversas, cultura diversas e são poucos os do clube que todos compreendem e eu julgo estar perto de lá estar, mas isso implica de certo modo, de abdicar do proveito, económico e afectivo. Ou não, pode-se fazer toda uma e a mesma coisa. A compreensão leva tempo, nem sempre acontece imediatamente, por vezes não acontece mesmo. Quando estamos num terreno há demasiado tempo começamos a delirar, precisamos de mudar. Aí percebemos que voltaremos um dia, ou mesmo jamais, porque assim como não te deram oportunidades, mesmo tu tendo desperdiçado

várias, e ainda bem, pois não era isso que querias, acabas por te tornar duro pois o que acaba de contar é a luta pela sobrevivência. É esse o mal ou o bem do capitalismo, a arte de sobreviver, de ser individual, de ser colectivo, de ganhar e reganhar, constatar que não és o único nem o melhor, nem tens de ser, apenas tu mesmo enquanto devir e transformação de ti através de um todo que em certo sentido se vai explicando a si mesmo e desenvolvendo para além de ti, talvez protegendo-te de males maiores. É irónico que aquele que pensa todo em tempo em mulheres acabe só. No entanto, tem outros projectos, suplantando o meio, destacar-se pelo esforço e alguma genialidade, misturar-se com os outros quando é de uma certa extirpe, acabar por fazer algo diferente do que inicialmente estava previsto e pensado, porque assim exige o seu teor pacífico, porque talvez se fosse oficial do seu próprio destino, se equivocaria, sendo que o seu destino serão os outros, em certo sentido. Sim, temos um altruísta, que se sente bem com a felicidade dos outros, com a sua mesma também, mas provavelmente não se sente bem com a infelicidade de muita gente. Depois, pensei, como se pode ser um *entrepreneur* e olha ao mesmo tempo ao interesse do outro? Aparentemente, não pode e se eu quisesse dizer bem de mim, gabar-me, diria que isso não só é possível como necessário, ou seja, que eu de certo modo acabei este livro falido, sem dinheiro, sem namorada e com um montão de problemas sociais e culturais na minha cabeça que a maior parte das pessoas não encara de um modo sério, nem os próprios especialistas dessas coisas. A minha irmã diz um montão de coisas, que não tenho amigos, que não tenho emprego, que devo mudar e deixar-me de pensar em merdas mas a questão é que não estão bem a ver a coisa, talvez isto seja antiamericano, a vida é feita de merdas, toda a gente pensa em merdas e o sucesso nasce a partir do modo como lidamos com essas merdas. Sim, talvez estivesse sendo demasiado quadrado e nada justificaria a má-educação com que trato as pessoas, certas pessoas, mas também trato bem

muitas pessoas e não estou aqui para fazer um autojulgamento de mim próprio, tomaram muitos homens ter a minha abertura de espírito, sempre disposto a aprender, incisivo, corajoso, altruísta. Mas isso, em certo sentido, não chega, porque afinal peço por excesso e defeito ao mesmo tempo, sendo que devo continuar a lutar. Busco aprovação, autopromoção? Sexo? Sem dúvida, muito e se realmente me importasse o sexo, que importa mesmo, fazia chantagem com toda uma situação que tenho vivido por aqui. Literário, fantasioso, imaginativo? Nem sei se este romance autobiográfico vai ser publicado, porque afinal, todos andam a tentar convencer os outros, uns aos outros, de que são bons, sendo que o engano e a mentira por vezes geram mais interesse do que coisas e ideias autobiográficas e pessoas. Afinal, ninguém se interessa, por mim e por ninguém. Será isso uma anarquia? Andam todos ao somo e ao feitio da música, do multimédia, do cinema? Sim, se calhar o ponto em comum e coerente de tudo isto é apenas o cinema, todos o admiram, mesmo aqueles que pensam filosoficamente, porque há personagens, um enredo, todo um conjunto de situações que são, nem mais nem menos, humanas, mas ao mesmo tempo sobrenaturais, ultrapassam-nos em toda a nossa dimensão parca e contingente e de certo modo nos projectam para a eternidade, no pleno reino da arte. Em tudo isto, sentia, por outro lado, que estava errado em certa medida, porque não só causava ódios e proliferação de críticas e nome, quando muito alguma pena de mim tinha, bem como a impressão de parecer ou ser uma criança, pois não me assumia em termos de trabalho, talvez fosse culpa do meu sentimento, do meu abatimento, ou da área em que estava avançando, o certo é que não encontrava correspondência naquilo que fazia com a realidade e as coisas (da vida, do sentimento) avançavam pouco, ou mesmo não avançava. Talvez decerto não fosse como a maior parte, mas não seria como a outra parte, uns avançados outros recuados em diversos sentidos da existência, da vida social, das perspectivas. O certo é que continuava um

certo caminho e a impressão de estar só confundia-se com a minha personalidade reservada um tempo, expansiva outro. Não sabia que mais dizer, a infelicidade e falta de realização misturava com a tristeza, a melancolia, o fatalismo, repetia vezes sem conta os mesmo rituais e nada chegava a nada. Naquela altura, ser mais significava não ser quadrado, ter mais consentaneidade com a realidade, vergar, ser flexível, esperar o tempo certo para alguma coisa mágica na qual cada vez menos acreditava. As mulheres desiludiam-me, negro traço do meu Eu, considerava a maior parte como prostitutas só porque faziam efectivamente sexo com alguém que não eu. A mágoa de não o fazer, juntamente com a falta de jeito para estas coisas, envergonhavam-me, porque eu realmente desejava estar com uma mulher e, invariavelmente acabava vertido de frustração na cama. O corpo era, assim, escravo da mente e todos os sentidos e só me restava enlouquecer, enlouquecer para sempre, porque a sanidade não em dava a felicidade. Tinha, então, de escolher, entre a fantasia, o sexo desenfreado e a abstinência, com o riso de loucura evidente.

Não me queria armar em vítima de novo, mas sabia que havia um celeuma contra mim desde o dia em que aqui cheguei, fosse por que motivo fosse, havia uma conspiração contra mim, desde o bairro onde vivia à cidade inteira, não sei bem por que motivo, mas talvez por ser independente e autónomo, não estava efectivamente ligado a nada. A princípio, inclusive com as mulheres, pensei que o problema fosse meu e exclusivamente meu, que fosse gay ou bissexual, mas não isso não se registava, o que aumentava as minhas probabilidades de ir para os States mas por outro lado era uma desvantagem enorme, pois se por um lado gerava simpatias, por outro gerava ódios e inimizades intestinas. O certo é que, tendo feito o que havia feito, elas não se chegava para mim e eles não me incentivavam nada, antes só criticavam, mais, queriam que eu tombasse na sarjeta e acabasse morto. Mas eles não era eles em geral, pois havia bastante gente que me respeitava e o facto de não ter mulher e trabalho começou em crescendo, a significar para mim uma argumento, um motivo para ir ao encontro disso tudo e mesmo que sozinho, lutar contra tudo e todos. Desde que havia tido a Jenny, em 2010, conheceu ocasionalmente algumas mulheres, num cenário em que todos fodiam com todos como porcos suínos. Eu tinha de me masturbar, de quando em vez e ver alguma pornografia, coisa natural para quem não tem afecto, coisa que muitos faziam também apesar de ter mulheres à mão. Era, de facto, esta carência que eu tinha que me criava problemas e instabilidade emocional e a todos os níveis, mesmo assim, continuava o meu dia-a-dia, mesmo apesar de uma doença psíquica que poucos viam. Podia ser uma vantagem, no metro e locais públicos, ser antropólogo ou filósofo, mas em termos de relações, deixava muito a desejar, de modo com fui começando a esconder a minha identidade e, nas

ruas e locais, como se fosse uma grande cidade, que o era, comecei a simular personagens e perfis. Para o obter mais favor e êxito sexual? Eu sabia que não era o facto de não ter emprego que me afastava das mulheres, era o facto de andar sozinho e quando se anda só é mais difícil, mas a minha coragem e determinação aumentava e procurava outra tática, o confronto, terra a terra, com quem quer que fosse; mesmo não sendo forte fisicamente, em tinha vários pontos de apoio, vários argumentos a derrimir, com quem quer que fosse, era habitante da cidade há demasiado tempo para sair dali a perder. Se não fosse pelo *easy way*, seria pelo *hardway*. Mais ou menos, sentia-me o maior, estava eufórico, muitos diziam que era psicótico, mas eu, português e lisboeta, não tinha os mesmos direitos que os outros e estava cansado de sofrer e ser jogado para trás. O meu estado de saúde atingiu um ponto quase insuportável, eu tinha pensamentos obsessivos em catadupa, estava para colapsar a qualquer momento, mas entre o deixar andar (livre-arbítrio, justiça divina) e o lutar pelas coisas, eu escolhi a segunda modalidade de fazer o meu corpo e espírito irem para a frente. Talvez estivesse baralhado pela *canibalia tropicalia*, pela licenciosidade que me ia dando cabo da vida, se bem que era muito mais mental do que física, sabia que as mulheres, especialmente as de cá, eram fogo e era complicado encontrar alguma que não quisesse compromisso sem certos interesses político em jogo. Afinal, era a alma humana a funcionar aqui, em todo o seu universo volitivo, andando para a frente como se recuasse e desaparecendo à medida que avançava, como se consumisse a ela própria.

Na verdade, o que acontecia comigo? Nada verdadeiramente, e tudo. Havia muito quem não gostasse de mim, mas eu abria-me á mesma como uma flor, como uma planta carnívora, por vezes, ensaiando novas formas de lidar com o mundo, experimentando uma hiperconsciência do corpo que, não sabia, ora me enfraquecia ora me tornava forte. Ganhava a consciência de que nem tudo o que pensava acontecia, mas daí para ao acto, ou seja, tudo o que fazia tinha uma certa consequência, sendo que tudo o que me faziam, que recebia do exterior, tinha também consequência em mim ou nesse meio. Era uma criança assustada tentando provar ao mundo que valia alguma coisa e não me sentia bem remetido ao meu próprio canto, tinha provado alguma coisa e algo mais estaria para vir, não sei bem o quê, nem queria saber, mas deixei de puxar carroças vazias, só por ordem simbólica de alguém que não só não conhecia bem nem com quem nunca tinha falado. O mundo era chato, reservado, sátiro, enervante, cheio de reentrâncias, alguém sempre queria alguma coisa, ou desalentado, não queria nada, cheio de pólipos, de cú abananados, de seios fartos e deambulantes, eu tinha um sentimento incómodo de não pertencer, por mais força que fizesse, por mais esforço que dependesse parecia não estar ali para estar ali. Ninguém que telefonava, aparentemente só uma ou duas pessoas se preocupavam comigo, mas eu continuava, fazendo qualquer coisa, tentando melhorar a minha situação, não sendo tão particular nem universal, sendo tudo e todos ao mesmo, desde a mais pequena partícula de pensamento, não sendo eu exclusivamente pensamento até à mais estreita e desenvolvida teoria. Explicações, tudo explicações que dava a mim mesmo quando não partia já salvo no dia, quando tinha de reconstruir o Ego, construir qualquer coisa, mas sabia, sabia infinitamente, que o sofrimento e o escárnio dos outros

não me haviam tornado nem mau nem violento, isso é que enervava muitos, que procuravam em tudo chispa e confronto, como no sonho, como na praia, como em muitos lugares. Eu não tinha, muitas vezes, consciência do perigo que evocava em certas situações e isso enervava muitos solenemente, como se colocasse em cheque qualquer coisa de vital que eles significassem. O mundo, o meu e o exterior, estavam finalmente interligados e mulher e trabalho, se for caso disso, não apareciam, nem iriam aparecer, porque o seu humano procura a manifestação de si mesmo e do Outro em renovadas formas e conteúdos, desistindo muitas vezes da racionalidade mais rebuscada, porque cansa, é elaborada e aparentemente inútil. Eu próprio, na procura do amor, já me estava degradando. Contudo, num banco de Metro, na estação de Chelas, havia descoberto a solução e fórmula para minha tese, alguns meses depois, a questão ali mencionada do código da vida. Estava cansado e sabia que não podia puxar muito mais pelo meu corpo e pela minha mente. O americano cansado e esgotado, contudo forte, no metro do Aeroporto dera-me intuitivamente alguns sinais de que devia abrandar, ir por outras vias, descobrir outras coisas. A pouco e pouco, à medida que eu aparecia em termos mais ou menos performativos, ora exibindo-me ora pedindo desculpas ora vociferando ou sendo simpático, certas pessoas reconheciam-me, poucas davam ar de reprovação, alguns seguiam-me, talvez quisesse ser como eu ou apenas tivessem curiosidade. Eu estava farto de Lisboa, da minha Lisboa, mas pessoas continuavam a afluir, eu não me importava com isso, não podia controlar nada de policial, misturava-me, queria secretamente que aquilo durasse, que a vida permanecesse em mim e nos outros, ria-me por vezes da minha estupidez, mas acima de tudo era eu mesmo, libertando-me das obsessões, ainda que as aguentando no meu crâneo, ou cérebro. Sabendo que não tinha, parecia-me terei imenso sucesso entre as mulheres. Só não tinha sorte, em termos efectivos. Mas isso também me deixou de preocupar, a certo ponto. Podia

ser louco, mas eu estava além, não do lado de cá da vida, mas do lado de lá da vida, mas ainda vivo, arriscando-me a levar vários socos ou um balázio. Seria um estardalhaço bem grande. Mas eu não me defendia, aceitavas críticas, os comentários, as cuspidelas, as ofensas, aguentava tudo sozinho, ou talvez não estivesse só, estivesse com os meus, no meio dos meus, com Deus. Era, finalmente, cumprido o filme “O Vingador”. Ele acaba só e enquanto herói. Talvez fosse isto mesmo uma forma de ser “mais que americano”...

Depois, pensei no seguinte, eu não me precisava de vingar de nada, nem tampouco conseguir alguma coisa, precisava sim de viver a minha vida e fazer o que melhor sabia fazer. Afinal, esta vontade de ir a Nova Iorque talvez fosse uma desculpa para escrever, para dar um impulso na escrita, eu tinha-me por vezes em pouco boa conta, os outros ofendiam-me bastante, não me conhecendo, não querendo saber de mim para nada, só criticavam, a maior parte deles só sabe falar da vida dos outros e não leva a sua como deve ser, se fosse num convento ao menos vias futuro diante dos teus olhos, de modo que dá para perceber a falta de formação dos media e dos novos media, não que não haja gente boa, mas há bastante gente sem ética e malformada, pios, cruel e assassina. Esses nunca são presos porque são ínvios como as cobras e nem sequer dar um soco sabem ou passar uma rasteira. As coisas por cá têm muito de diz que disse, de ouvido em ouvido, de boca a boca. Muitos vêm nisso uma virtude, eu considero um defeito feio. Naquele dia de verão, fiquei conhecendo a potência transformadora do chamado pensamento autónomo, a humanidade não me devia nada, talvez nem eu devesse nada à humanidade, talvez nem sequer importasse que gozassem comigo em diversos sítios, direta ou indirectamente, talvez, face a tudo o que me acontecia, o que acontecia ao mundo, não importasse que estivesse só e ninguém me ligasse para coisa alguma de interesse, ao fim e ao cabo talvez não importasse de maneira nenhuma o meu esforço, ainda

que o empreendesse, Talvez não importasse, ou importasse, sim ou não, não ou sim; talvez estivesse traçado para passar o que estava passando, talvez percebesse cada vez mais dos humanos e isso não importasse em nada, afinal...Amanhã era um outro dia, as manhãs eram para esquecer. Mais tarde, percebi que desistir de um caminho não é ser fraco, ainda que muitos nos possam considerar enquanto tal, em termos de ortodoxias; mudar de caminho é talvez reconhecer a verdade das coisas em cada uma delas que se faz, optar por levar o desejo, a mente e a convicção para outro caminho. Na realidade, nem sequer existe um caminho, nem caminhante nem pastor de ovelhas com cão pastor alemão. Será isto um indício de nihilismo para o autor? Uma forma de se ter baixado à ficção para apanhar cacos de estardalhaço feitos da filosofia, que considerava algo de muito mais elevado e necessário? À falta de incentivo, e por ter conhecido demasiado só caminho que outros normalmente não trilham e que chamam de loucura, o autor regressou ao mundo que dizem ser real, o da pantomima e do simbólico, animal, vegetal, mineral, contudo, mesmo sem amparo de uma mão feminina, ou masculina, terá tido imensas saudades do reino dos porquês e, como Alice, lá voltava nas noites mais ou menos sufocadas, entre a mente e o sentimento da mente, na grelha enferrujada que suportava mundos invisíveis socorridos pela vontade de neles habitar, não com saudades das vozes dos homens, pois que essas pretendem sempre fazer-se ouvir e perguntar-te que És.

O computador estava, por assim dizer, dando o tilt, a bateria estava avariada e isso era indício também que a cabeça do dono não estava muito boa. Estava, no mínimo, bastante cansada, agastada, pelo que resolvi dar-lhe um descanso de uns dias, a mim mesmo também. Voltei, o computador ficou melhor. No fundo, como mostrado em *Melhor é Impossível* por Jack Nicholson, a OCD é um estado de solidão, parece-nos uma solidão fútil, desnecessária, semelhante à do poeta, que é frutífera do mais belo modo, como a do fotógrafo e do cineasta, pois permitem a teoria e a fruição. Muitas vezes insisto que a fuga do homem à doença, de todo o gênero, é a arte, já Nietzsche o dia, bem como Schopenhauer e outros, na medida em que o trabalho da mente produz, por intermédio do corpo, qualquer coisa de material, um produto, uma obra (de arte). Isto tem muito de Marx, mas no fundo é assim mesmo que a sociedade de mercado funciona, em termos de mercadorias que passam de mão em mão e que vão ora perdendo ora ganhando valor. Por outro lado, a dança, por exemplo, como a ópera ou uns Concertos de Brandenburgo, proporcionam-nos prazer estético, a tal dimensão estética de que falam os filósofos, quase equivalente ao gozo do divino, disponível tanto às classes operárias quanto às elites, o que nos conduz à ideia de que é sempre possível aperfeiçoar a experiência humana e mitigar conflitos individuais e interindividuais, pelo que o trabalho do antropólogo como que se torna desnecessário, ou acessório, chegando-se à ideia de uma humanidade simultaneamente pensante, ou seja, uma consciência universal una que elide ou arrasa as diferentes e inúmeras consciências individuais. Das duas modalidades se compõe o mundo (Vide Hume) sendo que este está, por mor da tecnologia dos novos media, a la mano, na palma da mão de qualquer pessoa ou jovens, sendo que o ideal de

conhecer o mundo por essa via se resume a uma questão de tempo, memória e organização de dados. Na verdade, apenas descrevemos o mundo, desde o momento em que abrimos os olhos até ao momento (momento?) em que os cerramos, mais tarde, quando já não temos forças para lutar. Essa interacção com o mundo, que muitas vezes apenas são os Outros, o Outro, o Grande Outro, o Grande Olho, é cheia de contradições, que o Zen aplaca, cheia de zonas impolutas, intersticiais, que a cidade conhece como mecanismos de vários saberes de certo modo oficiais e que a ruralidade aplaca pelo despojamento da massa pensante. Enquanto a cidade é ácida e por vezes impessoal, a aldeia é familiar e sequencial, talvez mais aberta à novidade, dado que o que se sabe, na cidade, esgueira-se no domínio da territorialmente do gueto, onde não é ou é preciso literacia, enquanto na aldeia o que conta será a permanência de um estado social de coisas, bens e pessoas. Passo eu mesmo de “enfant terrible” a membro passivo que está cheio, receptáculo de mensagens ora agressivas, ora efusivas ou premonitórias. No entanto, não consigo de deixar de lutar, não consigo esquecer, a minha cabeça fervilha em mil e um pensamento e julgo saber que as obsessões são o meu ganho, quando muito optam pelo óbvio e as julgam (nem sequer as vêem) enquanto lixo. Porque há um estado de coisas, uma *vox populi*, mensagens que circulam, independentemente de serem ou não pensadas, uma insistência na brutalidade como reacção à vulnerabilidade, em certo sentido todos se sentem ofendidos, noutra sentido muitos criam defesas para essa ofensa e seguem caminho, no âmbito de um risco maior ou menor. Depois, o mito do contexto, a falta de cientismo na filosofia, ou seja, o seu desprezo pela categoria tempo e espaço, o esquecimento das pessoas enquanto memória de si mesmas, do outro, da humanidade que em si carregam. Porquê abater as fronteiras? Eu digo, porquê respeitar as fronteiras num mundo onde elas já não existem? Porque seguimos então marcando e firmando ideias e fazeres, dizeres,

assentimentos e imprecações? Talvez porque ainda que avançando de ponta, o homem ande bastante tempo em volta de si mesmo para se convencer de alguma coisa que ainda não percebi o que seja, se o agrado às mulheres, no sentido-levistraussiano, se o apego ao território, se muito mais coisas, se nada mesmo, o Nada, anda então em torno de qualquer coisa que simultaneamente não consegue ver o apalpar (será um pedaço de caca?), será reconhecimento, a vontade de ser rei, a vontade de ter problemas e a alegria e desenvoltura em resolvê-lo, ou será mesmo o Nada que o entretém a Si mesmo e será ele mesmo esse nada que busca e que tem receio íntimo de encontrar, porque tal encontro o colocaria em posição de responde a questões que contrariam o seu quotidiano, o seja, a marcha dos dias, a luz do sol intermitentemente no seu destino camusiano, pois que teria receio de ter de voltar para trás e perder terreno, de conhecer-se a si mesmo enquanto contingente? Assim, percebo que todos andamos loucos, apenas em referência a um passado espasmódico e eufórico, pleno de princípio e deuses e que este tempo apenas é o das revelações, pequenas revelações de bolso, olhos esbugalhados, vítreas manifestações da relação com o mundo. Assim, nada parece existir, num universo de simulacros e simulações, o valor ganhar-se e perde-se, recupera-se depois, passa-se, transforma-se noutra índice de apego e vulnerabilidade, de vulgaridade existencial...Daí o enchimento da teoria, o percurso linear de trás prá frente, a heroicidade, a humildade, o instinto colado ao Tempo...O homem, por mais estranho que pareça, despreza aquilo que é o mais fermento de vida, a porcaria que tem no corpo, daí ande louco, porque anda e anda em busca de outro, mesmo o filósofo anda e anda em busca do sentido (da vida) e no fim, o que se encontra? Caca. E será isso o Nada? Para mim, o pensamento no existe e esta asserção não é nihilista, quando muito tem algo de Leonardo, de erasmiano. Uma sociedade auto-referencial é aquela que promove a relação frenética e esquemática dos sujeitos entre si, como se precisasse de

se ver, fotografar, rever, a todo o instante, ora não estivessem certos de Si, ora quisessem ser o outro sem deixar de ser eles mesmo. Cópulas, intersecções, sobreposições, dentro de edifícios em construção, cimento, farinha, areia, o homem já não é carne da natureza, mas pele e músculo de uma cultura do cimento e dos altos edifícios, que apontam para um deus que se julga lá no alto, assim como, em pé ou a correr, no *jogging*, a cabeça, capital, está no alto. Dá eu defender que o mundo, mesmo em sua violência e virtualidade estapafúrdia, é essencialmente simbólico. Todos andamos tentando dizer alguma coisa uns aos outros, ao grande Outro, a nós mesmo, e a coisa não passa daí, para mim é verdadeiramente simples este mecanismo de funcionamento da realidade, da mente, do mundo, de qualquer coisa que se posterga e analisa depois, de qualquer coisa que existe e se nega ao mesmo tempo, portanto talvez nem exista, num cenário de Blade Runner, veículo que transportam, se transportam, bens, mercadorias, interesses, razões, motivações, agressões, reverberações... Enquanto isso, uns filósofos dissertavam sobre o racismo e o moral *grandstanding*, tecendo críticas a um comentário meu numa página de facebook sobre o racismo. Curioso, agora os filósofos, pelo menos estes filósofos, a maioria deles brasileiros, vêm opinar sobre o racismo. Curioso, serem brasileiros, ou não. Pois um antropólogo não deve nada a um filósofo quanto a esta questão, normalmente o filósofo entretém com o estrume da mente, da sua mente julgando que ela é a do universos, para dissertar sobre tudo e mais alguma coisa, quando nem uma pessoa, um lugar, uma data menciona, isso me parece bastante suspeito, pois a maioria deles escondem-se nas salas das academias e atacam quando se sentem assustados a propósito da defesa da liberdade de pensar. Decidi não me preocupar com estas questões, não tinha necessidade disso. Vi que a montanha era demasiado grande, ou seja, havia muita gente contra mim e eu estava com pouco, talvez a defender poucos, muitos diziam que eu era

racista, isso não me dizia nada num país como Portugal, ou seja, eu aprendera a multiculturalidade desde pequeno, em Paris, um outro contexto, não tinha necessidade de provar grande coisa, inclusive muitos iam daqui para lá e lá falavam (mal ou bem, não sei), de mim, ou não falavam, pouco me importa, decerto que muitos publicariam obras bem melhor do que a minha, até mais suadas e geograficamente mais bem sustentadas, mas eu continuava, de uma maneira ou de outra, ouvindo críticas e comentários indirectos, de uns para os outros, de um lado para o outro, como se nunca tivesse ali vivido, como sequer nem me conhecessem e tudo isso começava a fazer de mim um herói, não em nome desses que criticavam, mas em nome dos muitos que me conheciam, mesmo que lhe chamassem soberba ou *mental shityness*.

Não me quero, de novo, dar conta de vítima, mas pode-se dar o caso de, pelo facto de eu ter uma consciência do social, uma consciência social e ser efectivamente cientista social, numa sociedade promíscua e libertina, mais do que liberal, me estarem a tapar caminhos para aceder às mulheres, quer no sentido puramente malicioso de fazer o mal e estar a foder ao mesmo tempo, quer no sentido de eu me dedicar a actividades ilegais que muitos deles praticam, tal como prostituição e droga para obter favores sexuais de mulheres. O caso pode ser sério, dado que sou antropólogo e se fosse com outro num ápice denunciaria isso não só às autoridades locais, mas outras. De facto, isto constitui um bom objecto de estudo. Que faz um antropólogo, abandonado pelos seus, perdido no meio de uma selva que não tem ponta por onde se lhe pegue? Além do mais, ele está socialmente numa zona marginal, logo é impedido de chegar às “melhores” mulheres, aquelas que estão agarradas ao sistema. Tudo isto se conduz numa facilidade, descontração e liberalidade que arrepiam. Só sobram as jovens inocentes, mas dessas eu não quero nem saber. Andava tentando encontrar motivos para estar bem-disposto, andava pelas ruas e tudo me parecia estranho, excitante e triste, verdadeiras máquinas desejanter sem sentimento, olhavam para mim com interesse mas não me dirigiam a palavra, como eu o fazia a muitos, como não o fazia a alguns. Eu, que nascera numa cidade cosmopolita, vivia o cosmopolitismo de Paris, em Lisboa, dos anos 60, quer dizer, vivia duas vezes. Como não haveria de sobreviver? Nada disto me era estranho, era sufocantemente familiar, gente mal educada com pressa de vencer, porque não sabiam efectivamente vencer, nem física nem intelectualmente. Estarei a generalizar? Depois, o vizinho de cima insistia em falar da minha vida todo o tempo, mal o bem, eu sentia invasão clara de

privacidade. Seria esse o peso de ser conhecido, famoso, eventualmente? O certo é que apesar de todo o meu esforço, os meus livros não vendia. Eles, muitos deles, estavam-se aproveitando da minha imagem, do meu esforço e da minha criatividade. Nunca um gesto de incentivo, umas palmas, nada, apenas olhares de surpresa. Curiosamente, aqueles que de mim se aproximavam eram algumas miúdas de cor, porque sentiam que eu precisava de afecto. As loiras, estúpidas, rebentavam de AVC's vários porque não sabiam reconhecer um homem útil e esforçado, por dias desisti delas. Mas quem eram essas loiras afinal? A maior parte norte europeias, vida instalada lá, vinham para Portugal como se isto fosse um *resort* de festas e discotecas infindas, como se a felicidade estivesse na evolução, no lado de lá, como se cada país não fosse um contexto de felicidade. Não, nunca acreditei que a Dinamarca fosse o país mais feliz do mundo. Eu dizia muitas vezes mal do meu Portugal, mês sentia-me bem entre esta gente, nesta terra, sempre danado comigo próprio, sempre agradecido por me permitirem fazer certas coisas, dizer mal deles, em geral, não falo em particular e talvez fosse essa a verdadeira razão da minha solidão e decerto que tudo tinha a ver com falta de companhia, de afecto, de amor, juntamente com falta de trabalho, que eu vim inventar inventando nos últimos e recentes anos até agora. A minha irmã compreendia-me agora, verdadeiramente e eu apreciava o meu esforço em ajudar-me. Por instantes esqueci-me da *vox populi*, pensei um pouco nas virtudes e virtualidades da filosofia como solução para problemas humanos actuais, por assim dizer, mesmo esquecendo a psiquiatria e a psicoterapia, e entrei mais uma vez na noite, deitando o meu corpo numa cama semi-habitada, preenchida pelo meu corpo magro e cansado de correr, talvez debilmente alimentado. No meio da praça do oriente, o meu corpo respirava, respigava, arfava, enchia, eu quase desistia do desígnio de ser escritor, quebrava na intenção de ir lá fora, ligava a Jenny e ela não atendia, o meu espírito desfalecia, mas a

música, desconexa e desarticulada, ajudava-me, animava-me e recobrava o ânimo, mesmo que mais um dia não tivesse conhecido mulher alguma, ainda que no dia seguinte chegasse uma moça para o quarto, ainda que estivesse à espera de um telefonema de Jenny, ainda que tivesse falado a uma moça açoriana para me traduzir a tese, ainda que ao lado de mim, na cabeceira, tivesse o número daquela a que chamava de “conversadora”, porque sabia que ainda que por telefone, podia com ela realizar todas as minhas mais loucas fantasias. Percebi que estava sendo bastante duro este tempo, para mim e para os meus, para outra talvez também, percebia que estava de certo modo deslocado do ambiente, mas por outro lado pensava, puxa, estive engajado durante tanto tempo e nunca, raramente, alguma coisa aconteceu. Teria de baixar os *headphones* e metê-los na mal, encarar a talvez arriscada e frutífera fatalidade do cotidiano, provavelmente um dia voltaria a trabalhar, tendo um trabalho oficial como todos mais ou menos querem, teria ainda assim, de fazer mais e falar menos, de esforçar-me menos e de me inserir no contexto. Mas, pergunto eu a mim mesmo, teria mesmo?

Não sei o que dizer, de algum modo o escritor procura um sentido nos laços e interlaços da sociedade, nos nexos desconexos, talvez não tanto para fazer teoria, social, mas para sentir reconforto numa certa visão que é em certo sentido romântica, ou seja, provém de Rousseau e outros. Mesmo o romance, russo, por exemplo, clássico, intermedeia laços e deslaços entre famílias e pessoas, enamoradas na maior parte dos casos. Creio que o drama, não só desta sociedade, mas de todas, é a foram como o homem tenta enlaçar a mulher, o homem o homem, a mulher a mulher. Num dado momento da nossa vida, julgamos que não fizémos o suficiente e pretendemos olhar para os mais jovens, actualizarmo-nos. Alguns nunca escreveram uma linha na sua vida e são felizes. De certo modo, cada um de nós procura procurando, procura esperando, não sabendo que procura, ou não procura mesmo, em certo termos até desiste de procurar porque se terminou a chama. Outros, como eu, vêm a chama apagar-se e sopram no lume para que ele, a toda a pressa, não se extinga. Contar de novo a minha vida não vale a pena, vezes sem conta, sei que sempre fui malfadado para o amor, mas abençoado para as coisas do pensamento e também, porque não dizê-lo, do ressentimento. O meu amor, ao senti-lo, sempre foi desgarrado, desesperado, tremuroso, bem cedo era um menino certo que explodia pro dentro, para dentro, fazendo feridas a mim mesmo. Esse menino ainda vida, por vezes exterior ao meu corpo, mas não resiste em transformar-se numa espécie de Hulk que a todas vai, raivoso da injustiça de não ser amado. Ou, por outra, sou um tipo limitado, canastrão, cromo, como muitos dizem, dono de um sentimento forte de autoridade ou superioridade moral, mas tal coisa depende do contexto. Em Lisboa, há um forma particular de viver a religião, coisa que nunca fiz, nem faço há muito tempo, e sempre vi a

religião como que facilitadora de uma visão do mundo que favorece o amor, a ligação entre as pessoas. Serão mais fraca essas pessoas? Temos todos de ser leitores de Nietzsche ou Kafka, de Tolstói? Não é a cultura algo de confortavelmente nebuloso que na verdade não leva, no bom sentido, a lado algum? Não é a arte, nos seus mais variados esquemas, uma forma de afirmação pessoal *au-delà* da técnica, por exemplo, dos engenheiros, dos arquitectos, dos construtores civis? Agora percebo porque estou longe do meu, mas ao mesmo tempo perto. Ele sabe que eu tenho uma missão, mas eu não sei bem qual. Estou levando a coisa demasiado a sério, ter amigos por todo o lado não me ajudaria em nada a fazer o que vou fazer, ou ajudaria, seria sem dúvida mais fácil, mas, sabem, de algum modo eu escolhi sofrer, porque já não há literatura que provenha da angústia, ou haverá, só que eu não a leio e em vez de sentir o bafo quente dos autores consagrados, arrisquei qualquer coisa de diferente que julgo original. A minha produção não tem só de biografia, tem talvez muito mais dos outros do que de mim mesmo. Por isso esgotei tanto assunto. E talvez procure ainda novos assunto, interligados ou não com estes... Eu, por exemplo, que penso tanta coisa desnecessária e ao mesmo tempo analiso a sociedade e a cultura, sei o que esta sociedade precisava para criar estrambelhos na cabeça: cortar e fechar a internet e as televisões durante pelo menos um ano, a nível global. Talvez a humanidade precisasse disso, abatendo a espécie de efeito reflector da realidade e das consciências. Aí, talvez as pessoas pudessem ter tempo para ler, discutir assuntos, fazer desporto, no ginásio ou na rua, andar a pé, sendo essencial acabar com os automóveis. Talvez tivessem tempo para conversar umas com as outras e porventura serem felizes, num autêntico regresso à terra, talvez pudessem e desejassem conhecer os corpos uns dos outros em palheiros à antiga, que é o que de mais romântico conheço. Enfim, poderá isto um dia acontecer? A mente, a mim e a de muitos caminha para a fissão, a fricção, a fusão em qualquer coisa de

vorteico que transforma o modo de agir como qualquer coisa de perverso e enganador, de animalesco e grotesco, que já nada tem da gratuitidade animal, é qualquer coisa do domínio do filme *O Predador*, ou seja, ao mínimo sinal de vida é apagá-lo logo antes que se desenvolva, seja humana seja outra de outro modo. E isso é muito pouco dignificante para um Ser que algum dia produziu arte...

Durante quatro semanas corri todos os dias cerca de uma hora, em alguns dias mais, duas, parando, recomeçando, fazendo um esforço físico impróprio para a minha idade e condição psicológica. Muitos diagnosticaram-me tratamentos vários, mas eu persisto, ouvindo vozes contraditórias, críticas e acusatórias, nenhum incentivo, continuo pois o meu objectivo persegue-me como um cão raivoso, não tenho nada contra ninguém, disse mal de muita gente mas também sei onde estou e o que me é permitido fazer, só que não estou mais para investir numa terra que me foi alheia e ingrata e o problema, sinceramente, não era meu, nem me importam as mulheres, ainda que sinta um forte impulso sexual, mas estou farto e afinal só quero viver, fazer as minhas coisas, escrever os meus livros, se tiver paciência para tal e duvido que alguém tenha paciência para os ler. Com todo o esforço, que ganhei eu? Não sei bem, talvez me falta precisão, em tudo isto só estou com a minha mãe e a minha irmã. Tal como na tese, tenho feito tudo isto de *motu proprio*, da academia, filosófica ou antropológica, não surgem apoios, apenas um sinal de receptividade de Nova Iorque. Sei que é preciso levar muita pancada para ser herói, eu tive um certo percurso, nunca pensei que podia fazer certas coisas, sentir um desejo forte e irreprimível de liberdade, que não se força, que acontece, que simplesmente se sente. Tou lixado, o que vão dizer de mim daqui a quantos anos! Apenas um prosador que tentou amar, certamente, apenas isso. Não, não apenas amar, mas construir, com base em muito sofrimento e conhecimento, sim, falo de mim mesmo, porque sei que foi Portugal que começou a globalização e que agora temos o país que temos e temos de nos aguentar à brava com o que pode acontecer, não apenas um terramoto e tsunami, mas uma invasão cultural, como está já a acontecer, com o

objectivo de determinar o que levou os portugueses a descobrir o mundo e ao mesmo tempo estarem tão pobres, muitos deles de espírito. Estamos num país, a meu ver, altamente retrógrado e conservador, mesmo tendo em conta esse facto, num registo em que nos instalamos numa quintinha, num território diminuto e se permite uma oligarquia em que a maior parte dos que cá estão agarrados a sete ou oito grandes interesses económicos. Enquanto isto não acabar, o país não avançará em direcção nenhuma, ficará parado, apesar do crescimento dos últimos três anos, que trouxe aliás bastante delinquência, certo com libertação de más energias psíquico-sociais. Promove-se o sexo, o flash noticioso a todo o instante com uma facilidade incrível, que espanta o turista. Mas serei eu que vou mudar o país? Não, só que não me sinto bem aqui, porque apesar do meu esforço, me discriminam a toda a hora, mais, troçam de mim em clubes e no escuro, em cinema de má qualidade, pobreza a respeito da cultura, adoração de tudo quanto é estrangeiro e muito, muitos mais argumentos. Quando penso que me estão a ajudar, estão a minar-me a vida, a mim, por ser descendente de espanhóis, por ter nascido em França, só porque não sou um deles, só porque ando sozinho, só porque não entro em discotecas, só porque sou melhor. Será isto uma luta David-Golias? Não creio ser David, não estou lutando contra a sociedade em que vivo, sociedade cidade, apenas pretendo corrigir certas injustiças, podia calar-me, mas não guardo nada pra mim, entusiasmo muitos, dou esmola, tenho uma boa conduta, embora me enerve bastante por vezes insultando o carácter geral das coisas. Apercebo-me que descobri algumas coisas. Se ficasse por aqui, se terminasse aqui, diria: onde tudo começou, tudo poderá terminar. Em que sentido? Na proliferação de mais etnias, como cores e odores de todos os sentidos, num mar de complacência e deslumbramento.

Mas continuando, já que estamos num domínio em que nada é provável e tudo é possível, em que do possível se rasga com ímpeto o impossível, em que do possível se evidencia a mais ínfima e infinita possibilidade de existir, persistir, conseguir e para que queremos nós a evidência quando podemos ter a ilusão? Do horizonte do necessário se forjam revoluções inauditas, desatentas ao quotidiano larvar, quando não temos necessidade de sermos preciso, exactos nos sentimento, quando o orgulho ferido nos termos da profissão se substitui à situação relativa à procura de um sentido talvez mais proposicional, diria mesmo disposicional, das existências e das tendências, entre a íntima e ínfima italiana fracção de Si mesmo e a projecção dela mesma, enquanto mola, para um espaço desconhecido, por isso mesmo se pressiona e se constrói além do outro, não ignorando o seu sentido, a sua razão particular de estar-aí, entre o mundo e nós mesmos. Assim, autoreferenciando-se ao seu trabalho, o autor dá tudo pelo texto, como o actor dá pelo papel, como o pintor dá pela tela e ainda que não dando tudo de si mesmo, alguma coisa dá que em certa medida pode fazer sentido num mundo desligado nas associações, conservadoramente, á deriva numa nau de símbolos e gotas de suor e orvalho, balaçando, e será que encontrará alguma ilha ou porto? Será que não andarà para sempre à deriva? Será que o propósito, a haver, não será vaguear entre as estrelas arremessado também de cometas e outros objectos desconhecidamente vagueantes? Que nau é essa? E será mesmo uma nau? Não será antes uma planta que se move vagarosamente, sem que ninguém lhe impeça o avanço? Não será o propósito do autor acabar de vez com as palavras, com o pensamento, ir além do pensamento, a um “lugar” e “espaço” onde se relacione bem, de acordo, a espontaneidade e articulada aritmética dos conceitos e razões preponderantes, depois do laço, do tiro, do receio e estudo da presa, sendo o filosofar apenas uma fragilidade se ressentimento, sem réstia de salvação e resgate, ante a influência de um fragor vociferante e

desgarrado, enquanto uns mocam outros dormem, não há nem é necessário haver qualquer forma de consentaneidade dos sentidos, ainda que aqueles que se riem se aproveitem dos oficiais e sérios para subir na vida ou de facto não se preocupem com o que acontecem, sendo que em todos os sentidos a diversidade das coisas e dos sentimentos tem a ver com qualquer coisa que ainda não foi descoberto, ou seja, algo que está além e ao mesmo tempo aquém dos limites do humano e que fortemente o condiciona. Será o instinto, será o movimento, será a química? O que realmente aproxima os corpos? E não será essa obsessão pelo corpo qualquer coisa que representa em certo sentido um corpo que se perdeu e outro, em sua representatividade, que se vai projectar no espaço da não existência, o único e mais secreto lugar do universo, onde tudo se sabe e mais se ri, mais se bebe e mais se progride. Enquanto descrevemos o mundo e teorizamos sobre ele, perdemos a oportunidade de, nele ou fora dele, descobrir como é a eternidade. Uns dizem que, tendo voltado de lá, é bom e existe, outros querem ir para lá à pressa, desiludidos com muita coisa que lhes acontece neste lado. Mas será que há alguma lado, como é realmente o universo? Uma barca, para mim, onde convivem furiosamente diversos actores, enredados nos seus motivos de sobrevivência...uma barca, aqui, por aqui, desde já, para toda a eternidade, nada de mais tosco e primitivo, podia ser uma barca de Noé, mas não é, podia ser uma Apocalipse Nau, parafraseando Rui Zink, mas não é certamente, é algo mais que se encerra nessa missão do autor, do escritor, do artista, de transformar o seu produto, a sua obra de arte, em algo de eterno e depois, em algo de desnecessário, de banal, de inserto num circuito onde convivem honestidade e malícia, artilosidade e competência, numa relação esquisitóide e paranóica entre esfera doméstica e espaço público. Mas não só. Proteus, um ser denso e protenso, vivia preso na música dos anos oitenta americana e inglesa, enquanto outros, em diversas suas e deles actividades, procuravam ou não,

instavam seus espíritos a sobreviver e sobreviviam, pois em certo sentido é esse apenas o propósito da vida humana, sobreviver, seja isso que anima desde o início o homem a ir mais longe, mais adiante. Não conseguia sair dali, nem precisava, talvez esperasse pela sua dama nesse registo particular de musicografia e filmografia, talvez isso condicionasse a sua acção e propósito social, mas sentia-se bem, numa felicidade e perturbada prazenteira agradabilidade de espírito. Saía, ainda que um pouco, para falar com um jovem ou outro e de algum modo esse lugar, que bem podia ser citadino, porque não, significava um mitigar de tempo perdido, ainda que não se possa ver a vida assim, em termos de efectibilidade, ainda que muitos assim a vezes, só que chegamos a um idade em que o mais importante é transmitir aos jovens que realmente se empenham e interessa, de um modo escolar ou informal, conforme as contingências e ânimos.

Ditada pela rádio, senti uma irreprimível necessidade de evasão e abandono, sem qualquer intenção, sem pressão e sem necessidade e ainda que muitas questões me preocupassem, nada verdadeiramente fazia sentido, eu já não sabia o que procurava, ainda pensei em pensar em diversos e múltiplos personagens, entre a tentação do porno e a culpa por ser quem era, entre a agressão contínua das vozes e a minha própria, na verdade não era quem procurava ser nem procurava ser quem era, não me preocupava descobrir grande coisa, nem saber o que os outros pensavam, nem tão pouco se havia vida para além da morte. Era como papoila ao vento, com princípio e fim, como algum café do canto, não perdera a religião nem perdera miúda nenhuma, somente queria mais um pouco, mais de qualquer coisa, um travo a vento ascendente ou descendente, tanto fazia. A roupa abandonada no quarto que tinha para alugar confundia-se com os vários objetos de uso diário, ouvia um pouco de música, ouvia a voz da consciência e do vizinho e entendia isso como algo de necessário, sabia que havia muito mais para além de mim mas não me restringia a uma forma especializada e pontiaguda de saber, conquanto de algum modo procura e tendia para dar demonstração de qualquer coisa que talvez tenha vivido e que procurava ainda, entre prédios e cagalhões de cão. O que era isso? Não sei bem ao certo, qualquer coisa além do lugar comum, além do óbvio, mas ao mesmo tão imediato que não precisava de se impor, nascia de dentro e para cima do meu Ser, espalhando-se por todo o corpo, pensei que fosse apenas o desejo de ter e tocar alguém, mas era qualquer coisa de mais valoroso e que, se encerrando em algo de banal, ia além, muito além disso. Estaria deprimido, porque só, no entanto falava, ora bem ora mal, sentia portanto a envelhecer o corpo e o espírito e o espírito quebrando

docentemente, e mesmo que fechasse os olhos naquela noite, tudo continuaria no dia seguinte, por mais uns dias, por vezes podia vislumbrar o que me iria acontecer e poderia ganhar a vida nesse trabalho e também lendo a mente, mas outros o faziam melhor do que eu, de modo que ainda sentia algum espírito franciscano, por assim dizer, por muito desagrado que isso implicasse para mim. No Chiado, um jovem proclamava a palavra de Deus, outros passava, ora com garrafas de bebida na mão, ora fumando e falando, em diversas línguas e eu, farto de aqui estar, não podia fazer nada, talvez encontrasse um dia quem me levasse daqui pra fora numa viagem mais ou menos romântica ou, como outros, que pensam e repensam a sua circunstância de vida, estaria condenado a uma vida mais ou menos dissoluta, pouco importa, pouco importa quem eras e deixaste de ser, quem serás ou poderás ser, na verdade, pouco importa e essa foram de reconhecimento não significa fraqueza, antes um ponto de vista sábio sobre qualquer coisa de importante, seja, o encosto do espírito á alma, lugar onde te entregarás a alguma foram de doce felicidade. Assim, eu havia ficado preso pela criação do sistema social perfeito, pela minha leitura da sociedade, que era já uma releitura, isso havia criado em meu espírito amarras difíceis de desatar, é claro que muitos dos outros viviam livres, libertos, digo aparentemente, pois me parecia notar isso em seus sorrisos e gargalhadas, que encerravam um certo desdém não só pelo outro, pelo que o outro pensa ou possa pensar no momento seguinte a um ou outro pensamento, mas também desdém sobre qualquer forma de pensamento hermético e via muito isto nas loiras, nos loiros, nos ditos ocidentais do norte da nossa Europa, claro que tal não seria generalizável, a profundida de pensamento não conhece discriminação em termos de norte esul, de ocidente e oriente. Mas via muitos chineses, práticos e decididos, e alguns japoneses, soberbamente, ainda que jovens, concentrados, distensos e ao mesmo tempo irradiando uma avassaladora paz de espírito. Era dessas

coisas que tinha medo, dos sábios, pois ora me libertava com espasmos, ora regressavam a uma original posição, fetal ou de concha. Mas tal seria necessariamente um defeito? Todos têm de ser obrigatoriamente felizes, licenciosos, livres? O que é então a liberdade? Porque a liberdade livre, como diria Ramos Rosa, implica a responsabilidade própria de assegurar no tempo e de certo modo um esforço de viciação nela própria e nas suas gratificações várias. O sentido do que temos e somos não está antes nas transições do que vemos e fazemos, do que lemos, nas pequenas percepções, na dor instantânea, no surpreendimento face à inesperada fotografia que ali ficou, dias e dias, só porque não nos satisfiz imediatamente, mas que vamos buscar e aproveitar com toda a carga simbólica que ela vai implicar? Sim, a vida é trágica, sobretudo quando não nos resguardamos nos valores, ou seja, na medida em que nos entregamos ao mundo e a um projecto acertado na progressão espacial, corremos mais riscos, não só de insanidade mental como moral, implicando tal a perda de amigos a custos de um projecto profissional de vida que, na verdade, apenas serve para mostrar aos outros e nos autoconvencermos de que realizámos qualquer coisa. Ou então, precisamos mesmo de fazer isso para não nos afundarmos nas areias movediças da realidade, que nos prega por vezes a maior das partidas, entre a persistência a um ideal e o esquecimento da flor que apanhamos ali próximo.

Que perderão então Proteus de tão importante? O convívio com as mulheres? Orgias, festas, em clubes nocturnos onde a alma de arrasta langorosamente? E que importa isso? Do ponto de vista religioso importará certamente, já que a um homem conduz ou condiz uma mulher, entre os judeus é também assim, assim acontece também na América, em diversos locais com diversas pessoas, ou seja, de certo modo, a fidelidade a uma só pessoa faz sentido. Mas a multiplicidade de parceiros faz algum sentido? Talvez o sentido que lhe dá o agente de tal comportamento. Portanto, Proteus não terá perdido assim tão grande e significativa coisa, conheceu Deus, teve várias mulheres e divertia-se com a ideia de ter mais, não era um *dandy* nem um atado, seria talvez um homem do meio, ou seja, um homem razoável, uma de cada vez, como se costuma dizer, ainda que se sentisse atraído por grupos, talvez por isso andasse grande parte do seu tempo sozinho, como muitos. Mas, na verdade, a sociedade girava e podia ser em grande parte explicada, por essa dualidade entre monogamia e e multigamia, quando sabia secretamente que o segredo de uma vida também feliz seria ter vários parceiros, ou parceiras, digamos, três, quatro, ao longo de uma existência. Na verdade, foi isso mesmo que ele fez. Claro que as relações foram curtas, em certo sentido, mas sobretudo porque ele não conseguia sustentar o poder de amar, digamos assim, noutra sentido, de amar uma só...ainda que preparasse economicamente o terreno todo o tempo, não chegou a uma situação que servisse de sustento a uma relação duradoura. Já não era tempo para tal, ele sabia que a bolha dos anos oitenta significava apenas um sinal no ombro, um recurso dispositivo, uma forma de se amar a ele próprio. Sim, era um narcísico. Mas que não o era? E quem seria algum dia perfeito? Ainda que velho, experiente e sábio, não teria a mesma força

da juventude, pelo que o segredo de uma vida equilibrada talvez seja não explodir no auge, no momento da melhor combinação, como num casino ou no bingo, entre inteligência e força, mas sustentar, conter, ainda que correndo o risco de muito racional, pois o poder sob evidentemente bastantes vezes à cabeça. Digo todas estas tolices porque, em certa medida, perdi o rasto dos personagens, das situações minuciosamente descritas, dos enquadramentos abstraidamente dispostos em relação ao resto da realidade. De algum modo, ocorre-me que o que o homem pretende, no seu desejo de porvir, será isso mesmo, atentar ao seu porvir, prever o futuro, saber o que vai acontecer. Depois, nada, alcanças o óbvio e percebes que a felicidade dos outros é a tua infelicidade, a tua instabilidade, percebes que foste feliz e poderás vir voltar a ser e que as coisas da vida se resumem à procura de uma zona de conforto, de um nicho para nidificar e que coisa mais haverá não sei, não quero saber, nem me quero encolher, apenas sou um mutante em mudança mutação invariável, de um lado para o outro, monge cabisbaixo, talvez milionário de ideias, talvez não precisando de muito capital para estar fora da caixa, nesse movimento perpétuo parediano de entrar na caixa para congeminar, sair da caixa para explorar o mundo. A questão não era já arranjar uma mulher, é certo que a cidade estava farta de mim, como de muita gente, o que não quer dizer que me iria continuar a arrastar por aqui ou permanecer num estado de humor permanente de irritação, agressividade e negatividade. Havia sempre qualquer coisa, se eu tinha chegado aqui, decerto que iria mais longe, continuaria, adaptava-me, ainda que a voz de maior parte do povo, a marés das observações sobre um simples habitante de uma cidade, fosse contrária à sua quietude e desfavorável aos seus sentimentos. Noutra vida, talvez tivesse sido negro, não digo uma personagem propriamente histórica, mas alguém de certo modo importante, de diferente compleição, de diferente estirpe, ou não, talvez tenha sido um escravo levado para as Américas e não propriamente um

descobridor espanhol. Pensava de vez em quando nisso, a filosofia ajudava-me bastante a chegar a uma certa paz de espírito que não obtinha ao falar com as pessoas do tempo, do século, do lugar, pois essas, em certo sentido, apenas estão fixas nesses registos temporais e como que não enxergam outros registos, tirando alguns jovens, ilustrados ou não. Longe de estar em transe, sentia a tensão de um estado de coisas-áí, separado de mim mesmo e ao mesmo tempo instalado no mais pequeno reduto do pensamento, como um norte-europeu que está em estado de enlouquecimento por uma realidade bruta que se expõe ante os seus olhos e o confunde, e como que as pessoas não dizem nada, pertencem, estão agarradas e são essa realidade bruta, como se falassem por ela, num carrossel de evidência tonta sobre o qual não se fala, sobre o qual quanto mais se fala menos se vê e se sente e se se sente, fica-se preso nela, como que admitindo que nossos planos e personalidade se perdem para sempre, vão por água abaixo para sempre, como que engolidos por qualquer coisa de ciclópico, vorticeo, como que um buraco negro ou o que se diz ser uma brecha no espaço-tempo. É o tempo, claro, que tudo comanda. Mas ele não se vê, nem se sente, apenas o seu efeito, o seu resultado, a sua acção. Tal como o pensamento, de resto. *O Código da Vida* era isso mesmo, mais tarde percebi, uma redundância, uma ciclópica redundância e insistência do espírito em qualquer coisa de repetitivo, como se nós mesmos na realidade fôssemos algo de pastoso, arrastado, andrajoso. Ainda assim, quando muito escrevem as suas maiores elevações sozinhos, eu sentia-me de certo modo incomodado por o estar e sabia que quanto mais insistisse nesse aspecto, pior seria, porque tanto sentia o social na pele como as suas consequências por nele ter mexido.

Eu ouvia as vozes, entrecortadas por silêncios e admirações, sabia que tinha ido para ali incauto e que as pessoas ora diziam bem ora mal, mas resistia, persistia, não sei bem porquê, porque causa, talvez por todas as boas causas. _Aproveitava o dia o melhor que podia, ainda procurando qualquer coisa de positivo na idiossincrasia do meu corpo, entre a confusão mental e o esclarecimento, num fio de fina projecção para diante. Meio tonto, andando de um lado para o outro, dava atenção a tudo, a alguma coisa e a nada ao mesmo tempo. Tudo se concentrava na minha cabeça, mas que seria esse tudo, esse todo se de alguma maneira ele estava além de mim e ao mesmo tempo fazia parte de mim e ele dele? Na verdade, de repente, num instante, entre bons e maus pensamentos, não tinha uma ideia clara sobre o que fazia ou pensava, mas ao mesmo tempo não podia parar, o meu pensamento, de que fora dono durante algum tempo, não o era meu, fosse por ser cientista social ou outra coisa, pelo que seria complicado encontrar intimidade em termos do que pensava. Teria vendido a alma ao Diabo? Teria sido descuidado, pois o facto de perceber que umas ou outras pessoas falavam de mim poderia ser aceite normalmente, e era-o em certa medida, mas por outro lado causava-me bastante estranheza, não fosse o facto de algumas me conhecer, por uma ou outra razão. De um modo ou de outro, custava-me avançar, não era obrigado, antes pelo contrário, mas sentia que se me entregasse à lassidão de espírito seria bem pior. Experimentara aflições bastante grandes devido a isso e como que numa fuga para a frente, entregava-me às ideias que me surgiam e procurava outras que estavam mais adiante. Ainda assim, como se estivesse a acabar, como se tivesse vivido outra vida, entrelaçada nesta, prefiro não revelar a minha identidade.

Muito hão-de achar em termos analítico, que é tontice, mas outros vivem disso, talvez mais novos e com mais força de viver. Afinal, a vida resume-se a isso mesmo, saber esperar, avançar quando necessário, dosear o equilíbrio entre força e inteligência. Enquanto isso, enquanto me preocupava com o espírito da coisa, deixei fugir a coisa, por isso deambulava de um lado para o outro à procura de algo que parecia não existir, mas persistindo consegui aperceber-me do que era. Era o meu próprio espírito em confronto comigo mesmo enquanto esqueci de vez os outros e a ideia que deles fui amontoando na minha mente. Entretanto, por afirmar os meus direitos, tinha ainda dívidas, nunca fui realmente um investidor a meu risco, mas nunca havia sido apoiado pra nada, mesmo em termos académicos, em termos sentimentais ainda pior, se não fosse a minha família estaria ainda hoje ouvindo as vozes condenatórias e de ódio que me atentam na minha própria casa, mas bom, tudo se aguenta quando o espírito persiste, porque o corpo acaba por se perder. Entretanto, continuava, embora não tendo motivos para tal, toda a gente me parecia bastante estúpida, uns diziam bem outros diziam mal, não sabia se era uma ficção o que estava a viver, se me estavam a mandar bitaites por tudo e por nada, pelo que fazia, pelo que, o certo é que sabia que as vozes eram reais, sempre o foram, sempre o haviam sido, voltaria mais e mais vezes àquela casa, mesmo não valendo a pena e estando só conhecia a maldade das pessoas de um modo indirecto, de certo modo pondo constantemente tudo em causa, inclusive a mim próprio. A privacidade que eu conhecera nos primeiros dias, desaparecera, voltaria algum dia? Percebi que o que fazia ou pensava em casa era visto e ouvido em volta, mas curiosamente eu não estava interessado em ninguém, nada me despertava atenção especial. Porque razão continuaria ali? Seria apenas por ser a minha casa? Faria disso finca pé e em nome de quê? De certo modo, percebi que uma depressão ou uma doença crónica, não é o fim, é sempre o princípio de alguma coisa. Posso ter algum conflito em

termos de sexualidade relacionada com a religião, mas estou em vias de resolver isso. Ou viverei com isso para sempre. Pensar, em todas as vias, não é problemas. Pensar com o corpo, com a mente. A mente não é o maior instrumento, nem tão pouco o corpo, talvez seja algo que não esteja concentrado nele, que seja talvez uma projecção dele mesmo. Talvez, ao fim e ao cabo, todos tenhamos medo e vivamos atormentados, amedrontados e vejamos a vida de todos os dias através do telescópio de Tico Brahe, ou seja, estamos no mundo e espreitamos constantemente as estrelas e o espaço além, a fim de talvez lá morar um dia, não saberei se devido aos problemas humanos ou divinos, isso pouco importa, mas há sempre uma forma de resolver um problema, seja do ponto de vista teórico, seja do ponto de vista prático. Basta ter tempo e paciência, por vezes passar mal e fazer orelhas moucas ao que dizem os outros de nós, um pouco como Doctor Who, ou seja, concentrar-mos na relação espaço-tempo e não esquecer outras impressões psíquicas que importa na relação de forças que representa a nossa relação com a natureza, porque essa natureza que está em nós também, é a maior das forças e se não a usarmos da melhor maneira acabamos por andar toda a vida preocupados com problemas dos outros, com o que os outros são e não estamos concentrados no que realmente importa, o idioma socrático do “conhece-te a ti mesmo”.

Na verdade, talvez estivesse alienado, adiantando uma mania minha de notar defeitos a mim próprio, talvez o meu pensamento estivesse nos outros, talvez ouvissem o meu pensamento, mas estava longe de estar louco. A realidade desenrolava-se ante os meus olhos e eu não sabia o que fazer, estava retido em casa em vez de dar a mesma volta de sempre, andando às voltas de um lugar para o outro, ora fechando os olhos, chorando, ora pensando no meu pai e na minha mãe e nos sobrinhos, via coisas que mais ninguém via, certamente e espantava-me com algumas delas, outras não me causavam grande surpresa, estava habituado a vê-las. O meu humor mudou radicalmente, estava mais calmo, talvez menos pensativo e de certo modo usufruir do espectáculo que é viver, em todas as suas manifestações e, desta vez, pelo menos, não me preocupava em ajuizar, em julgar, em avaliar, mas aceitava tudo como deve ser aceite, de coração aberto e com generosidade, mesmo as contrariedades, comigo e com os outros. De algum modo, este problema, esta questão mais ou menos romântica, tinha também a ver com o envelhecimento do meu pai. Eu senti-o a ir-se, sabia que mais tarde iria a minha mãe e aí então iria eu, não sei bem quando. Isto reforça a ideia que, fundamentalmente, o nosso comportamento é moldado ou não pela ideia da finitude, de nós mesmos, do mundo e a consciência, existente ou não, desses limites, dessas passagens ou final de jornada, acabam por moldar a forma com entendemos a vida. Mas será mesmo assim? O facto de termos consciência do nosso fim, não nos aproxima mais e mais das coisas verdadeiramente importantes, coisas que cada um faz por qualidade própria? Das duas uma, ou vivemos com medo ou não. Ou então medimos o nosso percurso, sendo que ninguém é corajoso o tempo todo, todos precisamos ou nos encontramos

num canto tal qual bichos da seda a fermentar qualquer coisa que pode mudar o nosso destino para sempre. Depois, à medida que me atormentavam os pensamentos, percebi que estava no país do gozo, do deixa andar, num gigantesco *resort* de férias do sul da europa. Será que havia alguma coisa a fazer? Muitos pensavam como eu, eu tinha uma certa opinião. Ainda que não fossem engenheiro ou arquitecto, apreciava construções mais ou menos edificantes, apreciava o desenvolvimento, embora soubesse também avaliar como se passava do subdesenvolvimento ao desenvolvimento. Teria tornando-me uma pessoa incómoda? Não creio. Importante? Também não, apenas estava a escrever um livro, sem encomenda, que nem sequer sabia se veria a luz do dia.

De algum modo, o sonho de ir à América estava ficando cada vez mais longe, à medida que perdia as forças, o desgaste era maior. Mas continuei, começando a tratar do passaporte. Iria passar-me decerto, com muita coisa. Jenny deixara de falar comigo talvez por algo que lhe tenha dito, de modo que estava quase em condição de ira sozinho, caso tivesse apoio económico da FLAD. Ao mesmo tempo que pensava que eas coisas me estavam a correr mal em Lisboa, ganhava inimigos intestinos, bem como alguns amigos, a relação com a minha irmã estava esgotada, ela diria que eu a esgotara, a oferta para o quarto para alugar mantinha-se de pé, uma ou outra miúda viera, umas com boa outras com má intenção, não percebi bem ao certo. A questão é que estava só, parecia estar falando chinês, com os mesmos problemas de sempre, podia certamente queixar-me mas tentava não o fazer pois tinha alguma esperança de ainda encontrar o amor em Lisboa. Teria sido a possível ida para a América um pretexto para de certo modo elevar a fasquia por aqui? Não sei, mas parecia não estar a funcionar.

De uma maneira ou de outra, eu pressentira que não mais iria amar, pelo menos fisicamente, e estava de certo modo forçando isso, uma situação de sexo implicado, provocado. Teria uma ou outra experiência por aí, mas a expectativa não era a mesma. Os incêndios grassavam ainda naquele verão que nunca mais acabava. Estava ansioso por estar de novo à lareira, junto ao fogão, lendo livros de filosofia e tudo o mais. Mais para mais, deixava de me olhar para eu mesmo como um problema e de certo modo procurava estar mais atento ao que se passava e, estranhamente, feliz com o que acontecia. Abandonava pouco a pouco a visão voyeurista da vida, abrandava o consumo de trabalho e embora há dois não fosse correr, sentia-me de certo modo mais saudável, senti que há muito mais tempo deveria ter agido assim, equilibrando a serotonina com o lítio, ser dono do meu pensamento, andar sem exageros por aí. Mas embora tivesse uma certa reputação negativa tinha outra, por outro lado, bastante positiva, procurava animar-me com música dos anos 80 onde quer que fosse, no metro não acontecia nada, muitos mais estavam ali, andando de um lado para o outro, tal como eu mesmo. Naquele dia, resolvi deitar-me mais cedo, hábito que os meus haviam recentemente adquirido, não iria forçar mais nada, procurava estar descansado, pois já tivera chatice que chegasse. O facto de ter todas as condições e consequências de estar solteiro chamava a atenção dos vizinhos, cuja condenação e curiosidade era bastante grande, por vezes incomodativa. A minha vida tinha um certo ar fantasmagórico tipo herói de banda desenhada do Hulk ou do Zorro, mas eu procurava ser eu mesmo em tudo o que fazia, ora cedendo, ora avançando. Parecia não chegar, mas eu continuava o meu caminho, talvez com uma dose de loucura, mas quando comparada à de alguns parecia ser relativamente lógica e compreensível.

Quem me leva os meus fantasmas, diz a canção. Todos nós procuramos um fito, algo a que nos possamos agarrar, uma segurança. Para uns é Deus, para outros, uma mulher, outros vagueiam pela cidade inseguros e periclitantes, entre os turistas, vagueando errantes talvez à procura do amor, sempre o amor que se desenha no horizonte, numa esquina ou num beco, para todas as idades, de uma forma ou de outra, seja ouvindo música erudita, seja ouvindo música pop ou alternativa, andamos de um lado para o outro, outras frente de frente, ou frente a frente, por meio de socos e pontapés, tentando, ensaiando, musicando, dançando, sei que no entanto saibamos para onde vamos realmente. E ainda bem que não sabemos, pois a loucura é de certa maneira uma forma de viver, de viver o mundo, perto de um jardim ou lá dentro, bebendo uns copos, dizendo coisas estúpidas, pois a vida é muitas vezes estupidamente desacertada connosco e mesmo que a tentamos compreender a ela e ao nosso destino, há sempre uma finta que nos aparece, um nó cego, ou górdio, que não conseguimos desatar e andamos toda a vida com ele, e ainda bem, por talvez não valha a pena ver o fundo ao tacho tão depressa quanto isso. Por vezes, julgamos que não estamos sós. Por vezes habituamo-nos à solidão, procurando recomeçar cada daí, não desistindo, resistindo, tornámo-nos mais fortes, mas capazes de enfrentar o dia a dia e talvez mais sensíveis, em certo sentido. O mundo mudou bastante desde o tempo em que era pequeno, eu mudei também com ele, muitos ficaram pelo caminho, muitos foram à frente mantêm-se por lá, uns outros estão no meio, tentando viver, aproveitar esta viagem pela planície do Ser, desatado por entre trigueiros e milheirais, outros estão no campo, os que estão na cidade conhecem diferente sorte, andando um pouco perdidos, como eu, em Lisboa.

Em tudo isto, talvez procurasse companhia apenas para deixar de fumar e não pelo simples acto ou sentimento de presença ou pertença a uma outra pessoa. Claro que não queria um homem, sou homem suficiente para aguentar uma relação durante um certo período de tempo, uns anos vá lá, talvez casar, mas no estado actual de coisas, como está a vida, instável. Claro que gostaria de uma mais novinha, mas se vier uma velhota não vejo problema nenhum nisso. Há muitas divorciadas, tanto quanto sei, mas o facto de não ter casado pode ser um impedimento, já que a maior parte tem filhos. São poucas as cultas que se querem envolver em termos mais ou menos duradouros, a não ser que sejam umas chatas e bastantes eruditas. A minha história não é, face à de muitos, uma história complicada. Tive as minhas merdas, dei os meus pontapés, os meus problemas, mas acabo por me adaptar razoavelmente e pretendo ter uma vida mais ou menos longa, como todos o querem, no fundo. Tudo leva o seu tempo: gostaria de voltar a Paris, gostaria de ir até ao outro lado do atlântico, mas se não for, fico por aqui, dou-me bem com os ares desta cidade, aqui escrevi a maior parte dos meus livros, aqui fiz asneira e aqui tive algumas vitórias. Podia ter sido mais alinhado, mas podia ter flipado e escorregado que nem um pato. Sou um tipo que procura acertar, mas nem sempre o consigo, talvez por ser acertado demais. Talvez tivesse chegado a uma conclusão: a razão do meu insucesso com as mulheres em Portugal e Lisboa, particularmente, tinha a ver principalmente com o facto de ter tido uma infância em Paris e de alguma modo partilhar de uma particular forma de ver o amor: enquanto o francês e o espanhol, este em menor grau, guardam a razão do seu amor, o português está fadado para espalhar, digamos assim. Podemos constatar essa forma de Ser pelos distintos tipos de colonização. Portanto, eu procurava uma miúda que soubesse conduzir e de preferência tivesse carro, mesmo que não fosse esse o caso, ficaria por aqui, andando de autocarro, com o meu besugo de uma lado para o outro, entretido com diversos

pensamentos mais ou menos escatológicos. Descobri ainda outra coisa sobre mim próprio: conseguia pensar em duas, três, várias coisas ao mesmo tempo. Talvez devesse ter sido actor ou músico, ou disco-jóquei, escolhi a profissão errada, as letras só dão escravidão, mas não se está mal, seja que o escritor é o reprodutor de qualquer coisa sempre de especial, social, psíquico, afetivo, que pretende à esfera do sagrado, digamos assim, mesmo que fale de coisas verdadeiramente profanas. Por vezes temos palavras para tudo, outras vezes faltam-nos palavras, palavras não são tudo na vida, ainda que nos tenhamos de expressar para muitas vezes exprimir nossos medos. O mundo pode ser um lugar assustador, pode ser um circo, pode não ter graça nenhum, mas o ator procura sempre o lado bom da coisa e representa de algum modo o seu papel, na vida como no palco, na tela, no ecrã. Todos somos atores, de uma maneira ou de outras, com altos e baixos no nos papel, num elenco infindável.

